

PREFÁCIO

A criação e edição de abertura da Revista Capim Dourado já apresenta em seu vocativo sua vocação: dialogar com a Extensão. É uma posição que conflui um fazer político e reflete sobre qual o papel do Ensino Superior na sociedade brasileira, especialmente a majoritária parcela dela que não se enxerga representada ali. A vaidade associada ao privilégio de conhecer um determinado código e seus sentidos ainda é hegemônica e alimenta a exclusão.

Preferimos, entretanto, pensar que a desinformação das comunidades acadêmicas pesa mais que qualquer decisão deliberada por este isolamento em seus muros. Muitos educadores legam essa hermeticidade de seus centros de formação. Com essa publicação periódica o ‘conhecer para quem’ se funde ao ‘conhecer com quem’ e ‘conhecer para quê?’ num projeto de valorização daqueles que insistem em integrar ensino, pesquisa e extensão diuturna e competentemente. É emblemático que este abraço e convite venham da Amazônia Legal e do Estado do Tocantins: as lutas pelas continuidades de complexas relações culturais e ecológicas ensinam todos os dias o caminho. É nessa missão que nos amparamos e é nela que a revista Capim Dourado manifesta o compromisso de integração já em seu primeiro volume.

Essa percepção é também uma das constatações nesta escolha: é necessário, cada vez mais, priorizar o saber, sistematizado ou não, daqueles que enfrentam com a própria vida os desafios de re-existir (WALSH, 2013). Sua ativação se entrelaça com o que poderia criar, para além de um compêndio acadêmico incompreensível ou vertical. A aproximação com um dos pilares conceptivos da universidade pública, a extensão, que advoga o compromisso de integrações com a comunidade que não está ali representada, é também uma das características da pesquisa. Especialmente por concebê-las a partir da recomendação de indissociabilidade entre os eixos (extensão, ensino e pesquisa), não há distinção de importância: todos são atividades-fim da Educação Superior Brasileira. As dificuldades crônicas e o desinteresse em ações de Extensão que realmente considerem a comunidade como partícipe (da criação, execução à avaliação) e não como cobaia ou receptor passivo, demonstra o tamanho do desafio em indisciplinar as ciências e os vícios de poder na Universidade (LANDER, 2005).

Interessante que essa continuidade da Extensão Universitária como retrato da imposição das geopolíticas de conhecimento, da colonialidade do saber e do ser (MIGNOLO, 2011), embora não usadas essas categorias, estava descrita na crítica de Paulo Freire, em 1971, sobre a extensão rural. A digressão se encaixa no olhar ainda manifesto nos campos científicos do saber. Começa com uma contextualização dos sentidos potenciais ou virtuais reconhecíveis etimologicamente em “extensão”: o aferir do tamanho, como se refere na arquitetura para se ressignificar com a ideia de “esticar”, “levar a” explícito no emprego da economia, antropologia, etc. “Pedro é agrônomo e trabalha em extensão” é o sentido aplicado à compreensão deste fazer da

educação superior: “indica a ação de estender e de estender em sua regência sintática de verbo transitivo relativo, de dupla complementação: estender *algo a*” (FREIRE, 1971). É denotada a passividade do recebedor, que receberá algo (um saber “correto”, válido) que se estende de alguém que possui o privilégio epistêmico (TLOSTANOVA; MIGNOLO, 2009). As relações associativas (usando a teoria de campos associativos de Bally, sausseriano) que Freire apresenta em relação à extensão são intuitiva e surpreendentemente dedutivos do que enfrentamos e provocamos com esta publicação.

Inspira, quando diagnostica as assimetrias tornadas banais, relações diretas com os fenômenos de dominação como o messianismo (a fé de que salvarão os dolos dos pecadores), a invasão cultural (o fardo de civilizar os bárbaros) e a superioridade (o privilégio) implícito em ambos. A colonialidade do saber/ser é impressa nos formatos/recipiente (escrita e leitura), na entrega mecânica (pressupõe obediência e robotização) e na transmissão verticalizada dos conteúdos (selecionados arbitrariamente). Ressalvemos ainda que as características dos extensionistas se vestem com a descrição do racismo epistêmico (MIGNOLO, 2009). Constitui-se, para Freire, um equívoco gnoseológico insistir nessa conveniente adesão.

A ação com efeitos disseminadores dessa inferioridade (com destinatários muito bem definidos, já que não puderam ingressar na exclusividade do saber canônico) excede, inclusive, as intenções de reparação e “benevolência”. Não se resolve com incursões e excursões assistencialistas, que garantem a certificação e a redenção pela caridade dos extensionistas, sem a preocupação da emancipação social (SOUSA SANTOS, 2007). É preciso encarar a sedução do efêmero, da passagem, e do compartilhar surdo de fórmulas, nas oficinas em que se quer ajeitar o mal feito ou travestida de rodas de conversa/audiências públicas em que somente os escolhidos falam, para gerar e alimentar o endosso de argumentos.

Por isto mesmo, a expressão “extensão educativa” só tem sentido se se toma a educação como prática da “domesticação”. Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com êste saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que êstes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1971).

Para enfrentar esse uso inconspícuo da ideia de extensão, há um cenário político, derivado de históricas lutas no Brasil e na América Latina (SERRANO, 2013), que possibilitaram ocupar o espaço privilegiado das normativas com a inserção de parâmetros que incluam o reconhecimento de nossa incompletude (MIGNOLO, 2003; SANTOS, 2010). Essa percepção de acabamento não pode ser dirigida à justificativa da ação sobre o outro, antes, de que alimentar curiosidades em espaços que considerem a disparidade dos direitos a existir para horizontalizá-los. Significa buscar alcance às gnosés liminares, o entre-pensar-fazer que encaminhe a um respeito que anseia por ouvir e aprender, não somente por garantir que seu discurso e saber tenha prevalência. É com a luta pelo processo de consolidação do papel social das

universidades, constitucionalmente, que o debate sobre a extensão canoniza a própria conceituação: “o processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade, mediados por alunos de graduação orientados por um ou mais professores, dentro do princípio constitucional da indissociabilidade com o Ensino e a Pesquisa”.

Embora ainda seja associada a um sustentáculo menos importante, descompromissado com a suposta rigorosidade metódica da pesquisa, a extensão como esperada é uma resposta à relevância social das investigações. E precisa ser desenhada em etapas, mecanismos de concepção, execução e validação (avaliação) que incluam os partícipes, sob arcabouços teóricos que permitam replicações. A desconfiança acadêmica com essa prerrogativa, seja pelas fragilidades formativas dos docentes, seja pelo reconhecimento de que o perfil apontado por Freire é hegemônico, impede a articulação efetiva.

A seleção de produções desta edição-gênese se concentram no impacto social causado, nas pontes científicas construídas pelos partícipes, mas principalmente, pelo recíproco envolvimento entre protagonistas. São narrativas que certamente inspirarão outras intenções e, esperamos, reforce a credibilidade para que continuem confiando neste espaço de divulgação. Priorizamos o processo de fazer, ao invés de paralisações em torno de formatos. A dinamicidade inclusiva, que permitirá mais contribuições, apesar das pressões e pressas que a própria escolha pela vida acadêmica exige.

Em “Extensão universitária envolvendo microbiologia: relato de experiência em uma escola de Santarém-PA, Brasil” um fundamento das ciências naturais ganha sentido por se tornar concreto, vivificado nas salas de aula. Ao compreender as conexões entre o mundo que não se vê e o percebido, grandes revoluções são possibilitadas, na saúde pública, por exemplo.

Conhecer mais sobre o próprio corpo e ativá-lo, valorizando o que os mais velhos já sabem a respeito, é o resultado das práticas e vivências arroladas em “Atividade física e cognição para promoção da saúde de idosos: um relato de experiência no norte do Tocantins”.

Aprofunda-se muito o efeito do saber acadêmico quando ele flui aos lugares que refletem a exclusão social em sua mais angustiante manifestação: o sistema carcerário brasileiro. É o escopo das reflexões compartilhadas em “Cadeia Pública e Universidade: articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão”.

O direito fundamental à alimentação saudável e sustentável, nos paradigmas agroecológicos, ensinam o respeito e reaproximação com a terra em “Disseminação dos Conhecimentos em Agroecologia por meio do modelo de Horta Mandala no Sul do Tocantins”.

Ainda nesta articulação entre a segurança alimentar e nutricional e seu potencial pedagógico, a experiência exitosa com profissionais muito próximos às comunidades é descrita em “Educação alimentar e nutricional com agentes comunitários de saúde de um centro de saúde comunitário de Palmas – TO: um relato de experiência”.

A complexidade entre uma vida mais integrada com o que precisamos e o consumo consciente, comprometido com as localidades, está por trás da

produtiva iniciativa apresentada em “Mercado alternativo e transição agroecológica: o caso feirinha da UFT”.

Em “Orientação profissional com jovens e adultos de uma escola pública” descobrimos um relato sobre o esforço-fim de propiciar autonomia e satisfação nas escolhas de vida de educandos em rede pública, pela disposição a ouvir e lhes apresentar opções coerentes com suas afinidades.

Tratar do protagonismo juvenil, de sua capacitada aprimorada de compreender e intervir criticamente na sociedade nordestina, especificamente paraibana, é a temática discutida em “Performances juvenis: o cotidiano dos alunos de uma escola da cidade de Cajazeiras-PB”.

Com a informação sobre processos de cura e manutenção do bem-estar ampliado, a estratégia do empoderamento que dialoga entre os espaços da educação formal se concentram os argumentos de “Promoção de saúde na escola: uma experiência interativa entre Ensino Superior e Básico em Palmas – TO”.

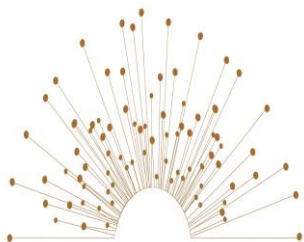
E a alternância pedagógica na prática dos saberes vividos na “Semana cultural da Educação do Campo: intersecções do conhecimento” ofertam aos leitores uma imersão que incita às trocas que evocamos nos objetivos da revista.

Incluem esse número dois artigos mais amplos e referenciados que tratam de ações amadurecidas, que demonstram as convergências da aplicação, em âmbito regional e a potencialidade transformadora de intervenções respeitadas. São as identidades regionais encontrando elos em “Monte do Carmo – TO: portal do Jalapão, uma proposta para a criação da Cidade-Museu” e a operacionalização dos saberes legais necessários à garantia de transparência e justo acesso à saúde pública em “Oficina jurídica na área da saúde”.

Finaliza a edição um ensaio que apresenta soluções por experimentos que replicam fluxos ecológicos controlados, inspirados nas respostas que a observação atenta aos processos naturais produzem: Utilização de leveduras antárticas em estratégias de controle biológico de doenças pós-colheita de frutos armazenados a baixas temperaturas.

A diversidade temática e qualidade dos materiais aqui compartilhados refletem o orgulho da iniciativa desta publicação, porque demonstram as formas de caminhar integralmente. Mais ainda, que os caminhos abram novos rumos e cada vez mais se compreenda que é justo e a mais racional das escolhas andar e aprender juntos! Que a leitura seja tão prazerosa como foi colaborar em organizá-las...

Equipe Editorial.



Atividade Física e Cognição para promoção da saúde de idosos: um relato de experiência no norte do Tocantins¹

Adriano Filipe Barreto **Grangeiro**¹
Fabíola Andrade **Pereira**²
Marilene Soares da **Silva**³
Sâmara Adna Ribeiro **Neves**⁴
Luana da Silva **Carneiro**⁵

5

RESUMO

Este trabalho objetiva descrever a experiência da implantação do Projeto de Extensão Atividade Física e Cognição para promoção da saúde de idosos. Trata-se de um relato de experiência, de natureza descritiva, realizado no período de setembro de 2016 a março de 2017 na Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Tocantinópolis. Como ações do projeto foram ofertadas: Atividade Física, Dança, Oficina de Memória e Leitura, Acompanhamento Farmacoterapêutico, Oficina de Higiene e Primeiros Socorros, Oficina de Alimentação saudável e Oficina de Direitos da Pessoa Idosa. Participaram 50 idosos, de gêneros distintos, com idade entre 60 a 75 anos. A atividade física associada a cognição foram importantes aliados para promoção da saúde de idosos tocaninopolinos, tendo em vista, benefícios desde a melhoria da qualidade de vida e bem-estar psicossocial, obtendo menores gastos com a saúde, menor risco de doenças crônicas não

¹ Professor do Curso de Licenciatura em Educação Física e Membro do Grupo de Pesquisa Envelhecimento Humano (Pro-Gero) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Universitário de Tocantinópolis. Doutorando em Gerontologia – Universidade Católica de Brasília. Mestrado em Saúde do Adulto e da Criança – Universidade Federal do Maranhão. Especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Bacharel em Fisioterapia e Licenciatura em Educação Física. filipe@uft.edu.br

² Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Membro do Grupo de Pesquisa Envelhecimento Humano (Pro-Gero) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Universitário de Tocantinópolis. Doutorado em Educação – Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestrado em Educação – UFPB. Especialista em Supervisão Escolar – Universidade de Amparo em São Paulo. Graduação em Pedagogia. fabagnes@uft.edu.br

³ Professora do Curso de Licenciatura em Educação Física e Membro do Grupo de Pesquisa Envelhecimento Humano (Pro-Gero) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Universitário de Tocantinópolis. Mestrado em Letras, Literatura e Crítica Literária – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Especialização em Psicopedagogia – Faculdade de Ciências e Letras de Araras. Graduação em Pedagogia. marileness@uft.edu.br

⁴ Discente do 4º período do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis. Foi bolsista do Projeto de Extensão – PIBEX intitulado: “Atividade Física e Cognição: Promoção da Saúde do Idoso em Tocantinópolis”. samaraadna@uft.edu.br

⁵ Discente do 4º período do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis. Aluna voluntária do Projeto de Extensão intitulado: “Atividade Física e Cognição: Promoção da Saúde do Idoso em Tocantinópolis”. luanasilva9797@gmail.com

transmissíveis e de mortalidade precoce, além de levar o idoso para dentro da Universidade.

Palavras-chave: Atividade Física para idoso; Cognição; Promoção da saúde de idosos; Relato de experiência.

INTRODUÇÃO

Quando olho um idoso, não vejo uma pessoa com vários anos, mas sim, vários anos, histórias, conhecimentos e conselhos, em uma única pessoa

Paulo Henrique Lima

6

Ao longo das décadas, o crescimento populacional de idosos se destaca sendo comum nos diversos países, tornando a longevidade mais frequente na população, independente da presença de doenças (WILLING; LENARDT; CALDAS, 2015). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada em 2013, indica que o número das pessoas de 60 anos ou mais de idade se elevou de 9,0% para 13% da população total, entre 2001 e 2013 respectivamente (IBGE, 2015).

Conforme os dados do Censo de 2010, a população de pessoas idosas no Estado do Tocantins representa 117.454 (8,7% da população), sendo que a cidade de Tocantinópolis vivem 2.198 pessoas idosas, constituindo 9,8% de sua população total (IBGE, 2010).

O estilo de vida moderno propicia o gasto da maior parte do tempo livre em atividades sedentárias, como por exemplo, assistir televisão. A inatividade física é bastante prevalente entre os idosos, sendo considerada um dos fatores de risco mais relevantes para as doenças crônicas, associadas à dieta inadequada e uso do fumo. (BRASIL, 2010).

A prática de atividade física é uma estratégia para manutenção da autonomia, melhoria da capacidade funcional, diminuição dos riscos de quedas e, como resultado, melhoria da qualidade de vida (NARICI; MAFFULLI, 2010; CERULLO; GAMBASI; CESARI, 2012).

Larson et al.(2006) observaram que um estilo de vida ativo diminui os efeitos deletérios do declínio cognitivo, onde os resultados de uma pesquisa realizada, revelaram que pessoas que se exercitavam três vezes por semana ou mais, comparadas com aquelas que se exercitavam menos de três vezes por semana, apresentavam menores incidência de demência.

Desse modo, adotar um estilo de vida ativo, levar a vida com autonomia e independência, ser capaz de fazer suas tarefas básicas da vida diária são aspectos relevantes para manutenção da qualidade de vida da pessoa idosa, além de proporcionar efeitos positivos para a cognição.

O envelhecimento normal engloba um declínio gradual nas funções cognitivas, dependentes de processo neurológicos que se alteram com a idade. As perdas de memória, principalmente nas que se reflete em dificuldade para recordar nomes, números de telefones e objetos guardados, são as que mais chamam a atenção das pessoas (FREITAS, 2011).

A função cognitiva sofre alterações com o envelhecimento devido modificações ocorridas no Sistema Nervoso Central (SNC). A partir da terceira

década de vida ocorre uma perda neuronal com consequente declínio do desempenho cognitivo. Alguns aspectos da função cognitiva são mais suscetíveis à senescência, incluindo a atenção, as memórias de curto e de longo prazo, além do executivo central (GURGEL; SISTO, 2010).

O crescimento no número de idosos em Tocantinópolis – TO não é diferente dos demais municípios do Brasil e a necessidade de programas nesse município que atendam a população idosa ainda é insuficiente. Considerando esse contexto, a implementação do Projeto de Extensão: “Atividade Física e Cognição: Promoção de Saúde do Idoso de Tocantinópolis” se apresenta como nova tendência em avanço nas políticas sociais com reflexos na saúde e educação da pessoa idosa.

A Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Tocantinópolis desde 2009 vem tentando mudar tal realidade e, por conseguinte, melhorar a qualidade de vida da população idosa desta cidade com o objetivo de garantir educação ao longo da vida, prevenir e promover saúde, visando a independência e autonomia da pessoa idosa.

Desta forma, pretende-se por meio deste trabalho descrever a experiência da implantação do Projeto de Extensão Atividade Física e Cognição com idosos do município de Tocantinópolis (TO).

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de natureza descritiva. O cenário do estudo foi a Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis no período de setembro de 2016 a março de 2017 com pessoas idosas da comunidade, idade igual ou superior a 60 anos, conforme o estatuto do idoso (2003) que considera idosos os indivíduos com faixa etária igual ou superior a 60 anos, de ambos os sexos, sem distinção de cor, raça e ideologia.

Esse projeto pertence a linha de extensão “terceira idade” e foi idealizado pelos Cursos de Licenciatura em Educação Física e Pedagogia, através do Grupo de Estudos em Envelhecimento Humano (Pro-Gero).

Como ações do projeto, foram ofertadas: Atividade Física, Dança, Oficina de Memória e Leitura, Acompanhamento Farmacoterapêutico, Oficina de Higiene e Primeiros Socorros, Oficina de Alimentação Saudável e Oficina do Direito da Pessoa Idosa.

A equipe do projeto era composta por Profissionais de Educação Física, Fisioterapeuta, Fonoaudiólogo, Pedagogos, Enfermeiros, Farmacêutico, Nutricionista, Assistente Social, Psicólogo e acadêmicos do Curso de Licenciatura de Educação Física e Pedagogia da UFT – Câmpus de Tocantinópolis.

As atividades eram realizadas três vezes por semana, com turmas no turno matutino e vespertino, com duração de aproximadamente 60 minutos em salas da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Tocantinópolis. Inicialmente, foi realizada avaliação global do idoso com aplicação de testes físicos e cognitivos.

A avaliação pelo público alvo deu-se ao longo do projeto e buscou estimular o julgamento do cumprimento individual e coletivo, das ações necessárias para implementação do trabalho e a avaliação da equipe foi

avaliado o envolvimento e participação dos participantes nas discussões e atividades promovidas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram do Projeto de Extensão 50 idosos, de gêneros distintos, com idade entre 60 a 75 anos.

A partir da participação nas diversas atividades propostas, os idosos deixaram de ser sedentários e apresentaram ganho de Amplitude de movimento, força muscular, melhora na coordenação, equilíbrio, velocidade de marcha e na memória.

A ação foi desenvolvida de forma, visando à promoção da saúde e educação para a melhoria da qualidade de vida, objetivando a autonomia e independência nas atividades da vida diária da população idosa.

No decorrer do envelhecimento ocorrem modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que resultam na redução das reservas funcionais dos órgãos e sistemas. Essas modificações, associadas às doenças crônicas, ao uso de medicamentos e ao sedentarismo são fatores que promovem a incapacidade da pessoa idosa. (ZAMBALDI, 2007).

Corroborando, Chaim et al.(2010) aponta que a atividade física tem como principal agente motivador a vontade, sendo que seus benefícios vão desde a melhora da saúde mental e da qualidade de vida, até a sensação de bem estar, propiciando a pessoa idosa mais entusiasmo para viver, redução nos gastos com a saúde, menor risco de doenças crônico degenerativas e de mortalidade precoce.

Estudo semelhante de Moro et al (2015) do Programa de Extensão Universitária da Universidade Federal do Pampa – Campus Uruguaina/RS, realizado através do Programa de Atividades Físicas e Cognitivas para idosos por um grupo de acadêmicos evidenciam através dos resultados que os participantes demonstraram-se satisfeitos ao participar das atividades propostas e que além dos benefícios relativos à saúde em âmbito físico e psicológico, o programa permitiu o fortalecimento das relações interpessoais entre os idosos, além de um bem-estar social, destacando-se a importância de estimular os idosos a participarem de programas, com propostas de promoção à saúde.

No estudo de Caetano et al (2008) os resultados refletem que os grupos de idosos têm crescido cada vez mais devido ao aumento da expectativa de vida objetivando fuga da solidão, busca de novas amizades e para se manterem ativos, tanto fisicamente como mentalmente.

A experiência realizada através da implantação do Projeto de extensão Atividade Física e Cognição dos idosos de Tocantinópolis, demonstra o grau de relevância de tal projeto para a população idosa desse município, uma vez que esse grupo etário precisa estar ativo, estimulando a função cognitiva, melhorando a saúde física e desenvolvendo o corpo, além de ser oportunizado a integração social evitando consequências como depressão, baixa autoestima, inatividade física, efeitos deletérios na saúde física e cognitiva.

Considerando o tripé da Universidade (ensino, pesquisa e extensão), este foi um projeto de extensão que trouxe a comunidade para dentro da instituição, visando o bem estar dos idosos e promovendo uma integração

social. Com as ações foi demonstrado para a sociedade, que as pessoas idosas têm muito a aprender, pois são pessoas de valores com muito a ensinar no âmbito municipal, estadual e federal.

Nesse estudo, admite-se limitação, como necessidade de materiais para melhor execução das oficinas de atividade física e de memória.

CONCLUSÃO

Os idosos participantes do projeto saíram da ociosidade e obtiveram uma integração das dimensões da vida humana, com enfoque para atividade física, cognição e memória sendo percebido a inserção e participação social entre a equipe executora e os participantes, buscando dessa forma manutenção da autonomia e independência do idoso assistido pelo projeto.

Ao final do projeto foi perceptível modificação nos hábitos de vida dos idosos Tocantinopolinos participantes do projeto, retardando o aparecimento de doenças crônicas, mantendo-os por mais tempo funcionalmente capazes para realizar as tarefas da vida diária proporcionando assim, melhor qualidade de vida aos idosos.

A equipe executora atuou de forma interdisciplinar e percebeu-se um comprometimento com o público alvo favorecendo o processo ensino e aprendizagem, envolvendo a comunidade externa, promovendo a apropriação e troca de saberes e contribuindo para o aprendizado dos acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física e Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Tocantinópolis.

Neste sentido, as atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensejam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam.

Assim, a relação entre ensino, pesquisa e extensão neste projeto, conduziu a mudanças significativas nos processos de ensino e aprendizagem, colaborando efetivamente para a formação profissional de discentes e docentes e fortalecendo o ato de aprender, ensinar e formar profissionais e cidadãos.

Physical Activity and Cognition to promote the health of the elderly: an experience report in the north of Tocantins

ABSTRACT

This article aims to describe the experience of the implementation of the Physical Activity and Cognition Extension Project to promote the health of the elderly. This is an experience report, of a descriptive nature, carried out from September 2016 to March 2017 at the Federal University of Tocantins - Campus of Tocantinópolis. As project actions were offered: Physical Activity, Dance, Workshop of Memory and Reading, Pharmacotherapeutic Accompaniment, Hygiene and First Aid Workshop, Healthy Food Workshop and Elderly Person Rights Workshop. Fifty elderly people, of different genres, were aged between 60 and 75 years. The physical activity associated with cognition were important allies to promote the health of the elderly tocantinopolinos,

considering, benefits from the improvement of the quality of life and psychosocial well-being, obtaining lower expenses with health, lower risk of noncommunicable chronic diseases and of early mortality, in addition to taking the elderly into the University.

Keywords: Physical Activity for the elderly; Cognition; Promoting the health of the elderly; Experience report

Actividad Física y Cognición para promoción de la salud de ancianos: un relato de experiencia en el norte de Tocantins

RESUMEN

Este artículo objetiva describir la experiencia de la implantación del Proyecto de Extensión Actividad Física y Cognición para promoción de la salud de ancianos. Se trata de un relato de experiencia, de naturaleza descriptiva, realizado en el período de septiembre de 2016 a marzo de 2017 en la Universidad Federal de Tocantins - Câmpus de Tocantinópolis. Como acciones del proyecto fueron ofrecidas: Actividad Física, Danza, Taller de Memoria y Lectura, Acompañamiento Farmacoterapéutico, Taller de Higiene y Primeros Auxilios, Taller de Alimentación sana y Taller de Derechos de la persona mayor. Participaron 50 ancianos, de géneros distintos, con edad entre 60 y 75 años. La actividad física asociada a la cognición fueron importantes aliados para promover la salud de ancianos tocantinopolinos, teniendo en vista, beneficios desde la mejora de la calidad de vida y bienestar psicosocial, obteniendo menores gastos con la salud, menor riesgo de enfermedades crónicas no transmisibles y de mortalidad precoz, además de llevar al anciano hacia dentro de la Universidad.

Palabras clave: Actividad física para ancianos; Cognición; Promoción de la salud de las personas mayores; Relato de experiencia

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do idoso**. Paulo Paim (org.). Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. **Cadernos da Atenção Básica**, n.19. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

CAETANO, Joselany Afio; COSTA, Andréa de Carvalho; SANTOS, Zélia Maria de Sousa Araújo; SOARES, Enedina. Descrição dos fatores de risco para alterações cardiovasculares em um grupo de idosos. **Texto Contexto Enferm**, v. 17, n. 2, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n2/15.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

CERULLO, Francesco; GAMBASSI, Giovanni; CESARI, Matteo. Rationale for antioxidant supplementation in sarcopenia. **J Aging Res**, v.12, 2012.

Disponível em <https://www.hindawi.com/journals/jar/2012/316943/>. Acesso em: 02 set. 2016.

CHAIM, Janice; RAIMUNDO, Maria Elena; FERREIRA, Cláudia Adriana Samt'anna; YUASO, Denise Rodrigues. Prática regular de atividade física e sedentarismo: influência na qualidade de vida de idosas. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humana**, Passo Fundo, v. 7, n. 2, 2010. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/445>. Acesso em: 20 set. 2016.

FREITAS Elisabete Viana de; Py, Ligia (orgs). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

GURGEL, Marina Gasparoto do Amaral; SISTO, Fermio Fernandes. Estudo correlacional entre inteligência e memória em idosos. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2013**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94414.pdf>. Acesso em: 01 set. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv45700.pdf> Acesso em: 01 set. 2016.

LARSON, Eric B; WANG, Li; BOWEN, James D; MCCORMICK, Wayne C; TERI, Linda; CRANE, Paul; KUKULL, Walter. Exercise is associated with reduced risk for incident dementia among persons 65 years of age and older. **Annals of Internal Medicine**, v.144, n. 2, 2006. Disponível em: <http://annals.org/aim/article/719427/exercise-associated-reduced-risk-incident-dementia-among-persons-65-years>. Acesso em: 02 set. 2016.

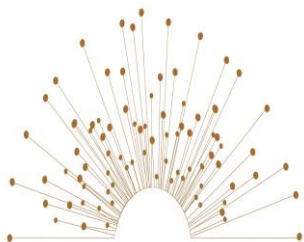
MORO, Cristiane Fraga; VIEIRA, Paolla Rafaela Cabreira; PRIARIO, Liver Alexandre Arnolde; Pereira, Maria Luíza Abella; CECCON, Fernando Gomes; CARPES, Felipe Pivetta. Ações interdisciplinares para promoção da saúde física e cognitiva em idosos: um relato do PROEXT/MEC. **Anais do VII Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão** – Universidade Federal do Pampa, v.7, n. 3, 2015. Disponível em <http://seer.unipampa.edu.br/index.php/siepe/article/view/15068/4694>. Acesso em: 20 set. 2016.

NARICI, Marco V; MAFFULLI, Nicola. Sarcopenia: characteristics, mechanisms and functional significance. **British Medical Bulletin**, n. 95, 2010. Disponível em: <https://academic.oup.com/bmb/article/95/1/139/269361/Sarcopenia-characteristics-mechanisms-and>. Acesso em: 01 set. 2016.

ZAMBALDI, Pollyana Amaral; COSTA, Thaís Aparecida Braga Nunes da; DINIZ, Gisele do Carmo Leite Machado; SCALZO, Paula Luciana. Efeito de um treinamento de equilíbrio em um grupo de mulheres idosas da comunidade: estudo piloto de uma abordagem específica, não sistematizada e breve. **Acta Fisiátrica**, v.14, n.1, 2007. Disponível em: http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe_trabalho.asp?id=244. Acesso em: 10 set. 2016.

WILLIG, Mariluci Hautsch; LENARDT, Maria Helena; CALDAS, Célia Pereira. A longevidade segundo histórias de vida de idosos longevos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 68, n. 4, 2015. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680418i>. Acesso em: 04 set. 2016.

ⁱ Recebido em 10 de Outubro de 2017. Aceito em 08 de Dezembro de 2017.



Cadeia Pública E Universidade: Articulação Entre Ensino, Pesquisa E Extensãoⁱ

Aline Campos¹
Darlene Ribeiro da Silva²
Jhenissa da Silva Sousa³
Luciana Conceição da Silva⁴
Mônica de Sousa Costa⁵
Thátilla Ferreira Moraes⁶

13

RESUMO

Trata-se de um relato de uma experiência de aproximação entre a Cadeia Pública de Tocantinópolis e a Universidade Federal do Tocantins, no intuito de promover ações no âmbito da educação. O projeto, em desenvolvimento, tem atuado na construção do espaço educativo dentro da unidade prisional, na estruturação de uma pequena biblioteca e na promoção de oficinas de leitura e escrita, bem como de atividades de alfabetização. Todas as ações do projeto são elaboradas a partir das demandas das pessoas presas e visam contribuir tanto na formação delas, quanto das graduandas da UFT.

Palavras-chave: Extensão; Educação Em Contexto De Privação De Liberdade; Leitura E Escrita.

INTRODUÇÃO, METODOLOGIA E RELATO

O princípio da indissociabilidade do tripé ensino, pesquisa e extensão na universidade está previsto artigo 207 da constituição brasileira de 1988 e é algo posto no ambiente universitário. Entretanto, é sabido também que há um

¹ Mestre em Educação e graduada em Ciências Biológicas. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins. alinecampos@uft.edu.br. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins. lennypeka09@gmail.com. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins. jhenissassousa@gmail.com. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

⁴ Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Tocantins. luciana.conceicao@uft.edu.br. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

⁵ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins. monicadesousacosta@mail.uft.edu.br. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

⁶ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins. monicadesousacosta@mail.uft.edu.br. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

desequilíbrio nesse tripé e o lado menos desenvolvido e valorizado é a extensão. Entretanto, é justamente a extensão que aproxima a instituição de ensino superior da comunidade na qual ela está inserida, abrindo-se ao público não universitário e estabelecendo uma ponte entre universidade e sociedade, que possibilita a troca de conhecimentos entre elas. É na extensão, portanto, que a universidade leva os conceitos e aprendizados desenvolvidos no espaço acadêmico para a sociedade e aprende com ela suas necessidades, modos de viver e saberes comunitários. Nessa troca, os conhecimentos – populares e acadêmicos – são socializados e democratizados.

Se entendermos a extensão como uma troca genuína entre universidade e sociedade, tal relação deve se dar de modo horizontal, no intuito de que se estabeleça uma parceria que não se encerre na extensão, podendo contribuir no fortalecimento do tripé ensino-pesquisa-extensão. Trata-se, portanto, de um movimento através do qual a universidade se coloca a serviço das necessidades da sociedade, à medida que esta também se abre como campo de pesquisa e ensino. Estabelece-se, assim, uma parceria que tem como objetivo a produção de conhecimentos que conduzam à compreensão da realidade e que contribuam para a melhoria da vida social.

Partindo dessa concepção de extensão e tendo como objeto de pesquisa a educação em contexto de privação de liberdade, nos aproximamos, enquanto representantes da Universidade Federal do Tocantins, da Cadeia Pública de Tocantinópolis. Nosso objetivo era elaborarmos, em parceria com esse espaço de privação de liberdade, uma proposta de extensão que atendesse às demandas educacionais dessa parcela da sociedade.

Antes de descrevermos o processo de construção dessa proposta e de como ela vem sendo desenvolvida é fundamental compreender que apesar da população carcerária ser indesejada socialmente, ainda assim, é constituída por seres humanos e como tal deve ser tratada. Nesse sentido, é importante destacar que na maioria dos presídios brasileiros o cotidiano é marcado por um prolongado tempo de ausência de atividades. Agravando essa situação, a dinâmica dessas instituições não tem como foco a formação do indivíduo, apenas sua adaptação, ou seja, a anulação de sua identidade. Quando há oferta de trabalho, o que se percebe é que eles estão atrelados ao esforço físico e não intelectual. Não há, portanto, finalidades pedagógicas que poderiam contribuir na formação do indivíduo, preparando-o para um melhor retorno à sociedade livre.

Se o trabalho não é uma atividade consolidada dentro das prisões, o desafio de estabelecer a educação dentro desse universo é ainda maior. As prisões ainda estão longe de serem espaços que promovam o desenvolvimento pessoal, o raciocínio crítico e a formação de pessoas socialmente responsáveis. Entretanto, a presença de educação nas prisões, além da garantia de um Direito Humano, afirma a valorização do desenvolvimento humano e da vocação natural de cada indivíduo em *ser mais* (FREIRE, 2011), constituindo-se como uma possibilidade de intervenção positiva nesta realidade em que prevalece a desumanização.

É urgente reinventar as prisões e, dentre as possibilidades de reinvenção, consideramos a entrada da sociedade livre nesses espaços. Faz-se necessário que a sociedade se aproxime desse contexto, conheça-o, participe de sua gestão e contribua para sua humanização. Nesse sentido, a entrada de profissionais da educação é uma abertura da prisão à sociedade, o

que pode contribuir para auxiliar na sua transformação, uma vez que traz para o espaço prisional, marcado historicamente pela obediência e anulação do ser, a luta pela emancipação e autonomia.

A educação em prisões pode, portanto, não apenas contribuir para a tão desejada (re)socialização futura, mas também possibilitar que a vida que acontece no tempo presente dentro das unidades prisionais seja menos desumana. Por isso, defendemos que o fortalecimento da educação nas prisões pode contribuir para a transformação, ainda que vagarosa, desse espaço, no intuito de que ela deixe de ser uma instituição marcadamente punitiva para se tornar algo mais próximo de uma instituição educativa.

Tendo como horizonte essa concepção de extensão e de educação em contexto de privação de liberdade, nós - docente e discentes da UFT - nos aproximamos da Cadeia Pública de Tocantinópolis. O intuito era verificar se haveria nesse espaço alguma possibilidade para desenvolvermos um trabalho educativo. Em virtude de experiências anteriores com outros espaços de privação de liberdade, bem como relato de outros pesquisadores dessa temática, tínhamos em vista que poderia haver resistência por parte da administração da cadeia pública em relação a nossa proposta. Felizmente, a reação da direção desta unidade foi totalmente inversa. Desde o início a direção não só se colocou aberta a nos receber, como se mostrou interessada e disposta a participar conjuntamente na construção do projeto.

Apresentamos então nossa proposta, que no momento era bastante abrangente: gostaríamos de dar início a uma parceria entre a UFT e a unidade prisional, por meio de atividades educativas que possibilitassem uma vivência formativa tanto para as pessoas em situação de privação de liberdade quanto para as graduandas da universidade. Após essa apresentação geral, iniciamos um diálogo no intuito de ouvir da direção quais as demandas e necessidades da unidade com as quais poderíamos contribuir. A leitura e escrita, associada ao crescente interesse pela remição de pena por leitura, foi a demanda a nós apresentada. Diante disso, passamos a elaborar as oficinas com caráter experimental e que tivessem como objetivo trabalhar a leitura e a escrita como experiência (BONDÍA, 2002, 2011), numa perspectiva voltada à educação libertadora proposta por Paulo Freire. Surgiu, assim, o projeto de extensão “Biblioteca e remição de pena por leitura: construindo o espaço educativo da Cadeia Pública de Tocantinópolis/TO”.

Diferente da maior parte das unidades prisionais, a Cadeia Pública de Tocantinópolis contava, nessa aproximação inicial, com uma sala destinada para possíveis atividades educativas. Era apenas o espaço físico, porém para o contexto de prisões já era muito! Iniciamos entrando na carceragem para nos apresentar, explicar nossa proposta e verificar quantos teriam interesse em participar. Dos aproximadamente 40 internos da unidade, um pouco mais da metade se manifestou interessado em participar das oficinas. Entretanto, por questões de segurança e espaço físico, não seria possível desenvolver o trabalho com esse total de pessoas. Sempre em diálogo com a direção e respeitando as orientações da unidade em relação à segurança, definimos o número de 12 participantes e coube à direção selecionar, entre os interessados, quais poderiam participar.

A primeira oficina ocorreu dia 29 de junho de 2017. Era novidade para todos e tudo ainda bastante incipiente. Alguns chegaram com algemas nas mãos, outros algemados nos pés. Não tínhamos cadeiras. Sentamos todos no

chão, em roda. Nos misturamos a eles, nos apresentamos e nos colocamos abertas a ouvi-los, interessadas em descobrir o que eles esperavam de um espaço educativo na prisão. Nas primeiras oficinas imperou a timidez, o silêncio e a resistência em expressar opinião. Nossos encontros semanais foram, gradualmente, rompendo essa barreira por meio do estabelecimento de relações de confiança, entre todas as partes. As algemas, que inicialmente permaneciam durante toda a oficina, começaram a serem retiradas logo que adentravam o espaço educativo, até que simplesmente tornaram-se desnecessárias. As vozes começaram também a ser mais pronunciadas.

Paralelamente ao desenvolvimento das oficinas, buscamos estabelecer outras parcerias. Com o apoio da Promotoria de Justiça conseguimos que a Diretoria de Ensino fornecesse carteiras, lousa e material de consumo; a prefeitura municipal fez a doação de 10 computadores e a própria promotoria conseguiu verba para pintar a sala e mandar fazer o mobiliário para alocar os computadores. Temos também obtido livros por doação e com isso temos dado início a organização de uma pequena biblioteca. Pouco a pouco tais conquistas têm se concretizado e injetam ânimo e aumentam ainda mais o envolvimento dos que fazem parte dessa construção coletiva.

Diante da realidade nacional, estamos em uma situação favorável. As diversas parcerias, e sobretudo o apoio da direção, têm contribuído demasiadamente para o bom desenvolvimento do projeto. Entretanto, certas resistências ainda se fazem presentes e se colocam como desafios. O preconceito à que está submetida a população carcerária é taxativo e os aprisiona tanto quanto a própria prisão. Considerável parcela da sociedade livre, inclusive funcionários e funcionárias do sistema prisional e da própria educação, assumem posturas e falas que evidenciam o descrédito em relação a qualquer possibilidade de mudança no comportamento das pessoas presas. Estamos diante de um grupo de pessoas socialmente indesejadas, o que não faltam são manifestações de oposição em relação as ações positivas a elas destinadas. Por isso, o desafio dessa educação é, além de contribuir no processo de emancipação e libertação, também desenvolver um trabalho que dê visibilidade à humanidade dessas pessoas temporariamente presas.

Para os que estudam e/ou conhecem a realidade da educação em contexto de privação de liberdade e, portanto, sabem dos diversos desafios que precisam ser enfrentados para que tal educação seja realizada, não fica dúvida de que a experiência aqui relatada é um caso bastante excepcional. Em pouco menos de cinco meses tivemos grandes avanços, sobretudo em relação à estrutura. A perspectiva é que, pouco a pouco, o projeto cresça ainda mais, ampliando o atendimento, tanto em termos de carga horária quanto em número de pessoas envolvidas. Tais progressos, vale dizer, só têm sido possíveis em decorrência das parcerias que foram estabelecidas e do comprometimento das alunas voluntárias da UFT com o desenvolvimento do projeto.

O enfrentamento da contradição entre a lógica da prisão - que preza pela disciplinarização dos corpos (FOUCAULT, 2009) e anulação do ser - e da lógica da educação - que preza pela emancipação e autonomia - é o grande desafio para a concretização da educação em contexto de privação de liberdade. Trata-se de um enfrentamento que a educação, sozinha, não dará conta, pois suas ações, nesse contexto, resvalam na autoridade dos espaços prisionais. Daí a imprescindível necessidade de parcerias efetivas entre essas duas instituições: educação e prisão.

Essa breve, porém exitosa, trajetória que temos percorrido têm nitidamente contribuído para o envolvimento crescente das pessoas que fazem parte desse projeto e suscitam diversos questionamentos: como a construção desse espaço educativo impacta sobre a dinâmica da cadeia pública? A participação nas oficinas tem alterado o comportamento das pessoas que dela participam ou ampliado seus horizontes de vida? Qual o impacto dessa vivência na formação das futuras educadoras que atuam como promotoras das oficinas? Essas são algumas das inquietações que instigam, mas que não podem ser precisamente respondidas, pois não puderam ainda ser devidamente sistematizadas, como preza os procedimentos de pesquisa.

Entretanto, o que vemos é a abertura real de um espaço da sociedade para as ações de ensino e extensão e o anúncio de um possível campo de pesquisa. Nesse curto período de desenvolvimento do projeto, três das cinco alunas voluntárias da UFT já deram início a seus projetos de Trabalho de Conclusão de Curso na temática da educação em contexto de encarceramento. Percebemos, assim, a articulação do tripé ensino-pesquisa-extensão, uma vez que o projeto atende a uma demanda social, coloca as estudantes de graduação em uma atividade de articulação entre a teoria e a prática ao terem que ministrar as oficinas e, por fim, as motiva a quererem compreender (pesquisar) a realidade em que estão inseridas e atuando.

Nessas reflexões advindas de nossa ação, ou seja, nessa práxis, é fundamental não cair na visão romântica de que a educação será capaz de transformar sozinha uma realidade demasiadamente complexa e paradoxal: a prisão. Porém, por meio dela, é possível resignificar o tempo de pena, fazer-se o contraponto à opressão, resistir na condição humana e reafirmar as outras identidades da pessoa presa, para além da de criminoso. Isso não é pouco!

Public Jail and University: Articulation Related To Teaching, Research and Extension

ABSTRACT

This is an experience report about the approximation between the Public Prison of Tocantinópolis and the Federal University of Tocantins, in order to promote actions in the field of education. The project, still in development, has been acting in the construction of an educational space inside the prison unit, in the structuring of a small library and in the promotion of reading and writing workshops, as well as of literacy activities. All the actions of the project are elaborated based on the demands of the prisoners and aim to contribute both to their training and to the UFT undergraduates.

Keywords: Extension; Education In The Context Of Deprivation Of Liberty; Reading And Writing.

Prisión Pública y la Universidad: Articulación con la Enseñanza, la Investigación y la Extensión

RESUMEN

Se trata de un relato de una experiencia de aproximación entre la Cárcel de Tocantinópolis y la Universidad Federal de Tocantins, con el fin de promover

acciones en el ámbito de la educación. El proyecto, en desarrollo, ha actuado en la construcción del espacio educativo dentro de la unidad prisional, en la estructuración de una pequeña biblioteca y en la promoción de talleres de lectura y escritura, así como en las actividades de alfabetización. Todas las acciones del proyecto se elaboran a partir de las demandas de las personas presas y tienen como objetivo contribuir tanto en la formación de ellas, como de las graduandas de la UFT.

Palabras clave: Extensión; Educación Em Contexto De Encierro; Lectura Y Escritura.

REFERÊNCIAS

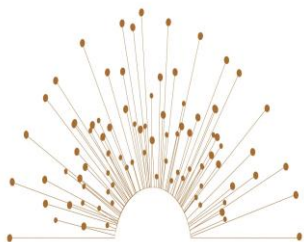
BONDÍA, Jorge Larrosa. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p.04-27, jul/dez, 2011.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº19, p.20-28, jan/fev/mar/abril, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Raquel Ramalhete (tradução). 36ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ⁱ Recebido em 10 de Novembro de 2017. Aceito em 11 de Dezembro de 2017.



Disseminação Dos Conhecimentos Em Agroecologia, Por Meio Do Modelo De Horta Mandala No Sul Do Tocantins¹

Matheus Rodrigues **Fonseca**¹
Suzana Sousa **Barros**²
Gustavo Cezany Alves dos **Santos**³

RESUMO

Uma alternativa da produção agroecológica passa a ser a produção de hortaliças em formato de mandala. Objetivou-se implementar um modelo de horta em formato de mandala, para que o agricultor familiar pudesse acompanhar a eficácia dessa forma de produção e perpetuar o conhecimento em sua propriedade. Com a implantação deste experimento, as concepções relacionadas à produção orgânica vêm sendo desmistificada. O modelo tornou-se atrativo para o agricultor familiar e para a comunidade em geral.

Palavras-chave: Informação; Produção; Hortaliças; Sustentabilidade.

CONTEXTO

Entende-se por agroecologia, como uma prática aplicada na agricultura, no qual integra os aspectos agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos. Por meio de técnicas e conhecimentos voltados a produção de alimentos e consciência da sociedade como um todo. No qual os objetivos são voltados para a produção de forma equilibrada e com respeito aos recursos naturais existentes, de forma harmônica para que possam ser produzidos alimentos orgânicos. (DE MARCOS et al., 2007). Entretanto vale a pena enfatizar que a agroecologia tem como um de seus princípios a questão da ética, desde o sentindo de relações humanas, quanto no sentindo mais amplo de intervenção humana na natureza, as nossas ações podem afetar outras pessoas ou o meio ambiente, isto explica a razão da produção sustentável. (CAPORAL et al.,

¹ Graduação Engenharia Florestal. <matheusrodrigues1992@hotmail.com>. ORCID: 0000-0003-0681-9028. NEA-AMO - Núcleo de Estudos em Agroecologia da Amazônia Oriental. Universidade Federal do Tocantins Rua Badejós, Chácara 69/72, Lote 07, Zona Rural, Caixa Postal: 66, CEP: 77402-970, Gurupi, Tocantins, Brasil.

² Graduação Agronomia.< sousa.suzana87@gmail.com>. NEA-AMO - Núcleo de Estudos em Agroecologia da Amazônia Oriental. Universidade Federal do Tocantins Rua Badejós, Chácara 69/72, Lote 07, Zona Rural, Caixa Postal: 66, CEP: 77402-970, Gurupi, Tocantins, Brasil.

³ Graduação Engenharia Florestal. <gustavocezany@hotmail.com>. NEA-AMO - Núcleo de Estudos em Agroecologia da Amazônia Oriental. Universidade Federal do Tocantins Rua Badejós, Chácara 69/72, Lote 07, Zona Rural, Caixa Postal: 66, CEP: 77402-970, Gurupi, Tocantins, Brasil.

2006). Uma alternativa da produção agroecológica passa a ser a produção de hortaliças em formato de Mandala. Termo ainda pouco conhecido, mas que agrega valores agroecológicos e de produção sustentável e rentável.

A horta mandala permite a produção sustentável e sempre voltada à proteção do ambiente, no qual fornece um excelente modelo de agricultura para as crianças e para o produtor rural. (NUTTALL, 2008). Além da ideia conservacionista e de restauração à horta mandala, proporciona também uma grande transformação do ambiente. Além da produção orgânica de várias hortaliças, a harmonização e a beleza do ambiente são também resultados deste modelo de produção. (ALMEIDA et al., 2012)

Foi por meio desta perspectiva que o NEA-AMO (Núcleo de Estudos Agroecológicos da Amazônia Oriental) da UFT (Universidade Federal do Tocantins) campus de Gurupi, objetivou implementar um modelo de horta em formato de mandala, para que o pequeno produtor da região pudesse acompanhar a eficácia dessa forma de produção e perpetuar o conhecimento em sua propriedade.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto de criação da horta em formato de mandala foi implantado em setembro de 2016, na área de pesquisa do NEA-AmO da Universidade Federal do Tocantins no campus de Gurupi. A horta possui o formato circular, no qual os canteiros possuem 1,10 m de largura, com espaços entre canteiros de 35 cm como local de deslocamento para os tratos culturais, e ao longo do círculo foram feitas passagens de acesso de um canteiro ao outro para evitar o pisoteio sobre os mesmos. Ao todo a horta mandala possui 5 canteiros circulares.

O formato circular proporciona o melhor aproveitamento do espaço, algo fundamental nas pequenas propriedades da região. Os canteiros foram feitos de forma a incorporar a matéria orgânica já presente no local, e as mudas foram produzidas no viveiro do NEA-AMO, de forma orgânica com a utilização de esterco bovino e compostagem.

O plantio ocorreu de forma em que as culturas mais resistentes fossem dispostas nos canteiros mais externos, de modo que as culturas mais susceptíveis a pragas e doenças se encontravam protegidas nos canteiros mais internos. A horta mandala é mantida sobre sistema de irrigação de 2 a 4 vezes no dia, variando entre dias amenos e mais quentes.

Desde o início de 2017 o modelo de horta circular está a disposição dos agricultores familiares, escolas e comunidade acadêmica em geral, para receber visitas e com auxílio do professor e alunos do grupo de pesquisa do NEA-AMO ser passado o conhecimento, técnicas e toda a ajuda necessária para disseminação desta forma de produção orgânica.

RESULTADOS

Com a implantação deste experimento de horta mandala com conceitos da agroecologia, as concepções relacionadas à produção orgânica vêm sendo desmistificada. Pois o produtor passou a olhar para essa forma de produção

não apenas como um modelo com cunho ambiental, mas observou que é possível conseguir lucro de forma satisfatória e dentro dos conceitos de agroecologia o que torna o objetivo do projeto satisfatório.

Outra forma de avaliar os resultados foi por meio de visitas de alunos do ensino médio, no qual se mostram curiosos em aprender sobre a produção de alimentos de forma sustentável, e os discentes participantes do projeto puderam explicar todos os processos produtivos, tais como técnicas da produção orgânica. Com isso o conhecimento da agroecologia está sendo passado adiante.

A importância do conhecimento sobre a agroecologia também impactou de forma positiva os alunos participantes do grupo, apesar do mesmo ser aberto a toda comunidade acadêmica, mas é composto no mais por alunos de graduação em Engenharia Florestal e graduação em Agronomia.

No início muitos não tinham o menor conhecimento sobre o que era produzir de forma sustentável, mas com auxílio do professor responsável pelo grupo de agroecologia da universidade e das pesquisas voltadas ao assunto e discutidas em reuniões semanais, tornou o assunto agroecologia comum para todos, de forma a trazer mais amigos ao grupo de pesquisa e contribuir para o seu fortalecimento. Pois não é somente uma forma de produção, a produção agroecológica é uma forma de vida. No qual por meio do conhecimento necessário é possível produzir de forma lucrativa, tal como ter uma vida em harmonia com o meio ambiente.

Contudo, o presente relatório mostrou-se satisfatório na forma de disseminação do conhecimento da agroecologia, através do modelo de produção circular de hortaliças, à horta mandala. O modelo tornou-se atrativo para o agricultor familiar e para a comunidade em geral, que tem procurado o grupo de agroecologia da universidade para tirar suas dúvidas e adquirir mais conhecimento relacionado ao assunto.



Figura 1: Horta Mandala. Créditos: Suzana Sousa Barros. Capturada em 10 set. 2017, em Gurupi, Tocantins, Brasil.

AGRADECIMENTOS

A todos os integrantes do grupo de pesquisa e estudos em agroecologia, da Universidade Federal do Tocantins no campus de Gurupi, assim como professores e técnicos colaboradores deste projeto.

Knowledge Propagation In Agroecology Using Mandala Garden Model In South Of Tocantins

ABSTRACT

An alternative of agroecological production is the production of vegetables in mandala format. The objective was to implement a garden model in mandala format, so that the family farmer could follow the efficiency of this form of production and perpetuate the knowledge in his property. With the implementation of this experiment, the conceptions related to organic production have been demystified. The model has become attractive to the family farmer and the community at large.

Keywords: Information; Production; Vegetables; Sustainability.

Diseminación Del Los Conocimientos En Agroecología Por Medio Del Modelo De Jardín Mandala En El Sur De Tocantins

RESUMEN

Una alternativa de la producción agroecológica pasa a ser la producción de hortalizas en formato de mandala. Fue a través de esta perspectiva que el NEA-AMO de la UFT, se pretendía implementar un modelo de huerta en formato de mandala, para que el agricultor familiar pudiera acompañar la eficacia de esa forma de producción y perpetuar el conocimiento en su propiedad. El modelo se ha vuelto atractivo para el agricultor familiar y para la comunidad en general.

Palabras clave: Información; Producción; Hortalizas; Sostenibilidad.

REFERÊNCIAS

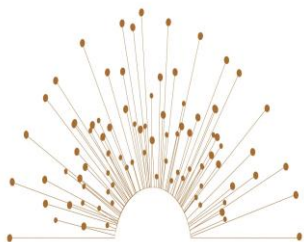
ALMEIDA, Valter José de; FAVETTA, Leda Rodrigues de Assis. **A Horta Mandala na Agrofloresta Sucessional: Uma Aliada na Restauração Ambiental**. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient, v. 28, p. 85-99, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. In: 3rd Congresso Brasileiro de Agroecologia, Florianópolis, Brazil, Anais: CBA. 2006.

DE MARCOS, Valeria. Agroecologia e campesinato: **uma nova lógica para a agricultura do futuro**. Agrária (São Paulo. Online), n. 7, p. 182-210, 2007.

NUTTAL, C. **Agrofloresta para crianças: uma sala de aula ao ar livre.** 2. ed. Salvador: Instituto de Permacultura da Bahia, 2008. 80p.

ⁱ Recebido em 24 de Outubro de 2017. Aceito em 09 de Dezembro de 2017.



**Educação Alimentar E Nutricional Com Agentes Comunitários De Saúde
De Um Centro De Saúde Comunitário De Palmas – TO: Um Relato De
Experiência¹**

Ana Cecilia Pott **Cavalcante**¹

Talanta Santos **Oliveira**²

Eloise **Schott**³

24

RESUMO

Este relato tem o objetivo de descrever a intervenção de educação alimentar e nutricional para agentes comunitários de saúde (ACS) de um centro de saúde comunitário de Palmas-TO, a partir da prática de uma estudante do curso de Nutrição no estágio em Nutrição Social. Os resultados mostram a importância de auxiliar os ACS na mudança de comportamentos que comprometem sua qualidade de vida, além disso, esta experiência é fundamental para a capacitação acadêmica, propiciando aprendizado na prática.

Palavras-chave: Alimentação Saudável; Educação Em Saúde; Agentes Comunitários De Saúde.

INTRODUÇÃO E RELATO

A atenção básica preconiza o atendimento integral, de forma que a assistência ao indivíduo não seja centrada na doença e no cuidado médico, priorizando apenas a cura, mas sim, em um modelo pautado nos princípios da universalidade, equidade e integralidade, com foco na promoção da saúde e prevenção de doenças (SCHERER, 2005).

Nesse contexto, o Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF), apresenta áreas de saúde especializadas que buscam nas ações multiprofissionais, o atendimento da população por meio de políticas educativas, e ações de caráter de apoio à equipe de saúde da família (BRASIL, 2011).

O NASF provém de uma diretriz do Sistema Único de Saúde (SUS) que busca o atendimento qualificado, observado e realizado com toda a equipe de saúde envolvida e o usuário desse sistema. Para que isso ocorra de modo eficiente, são realizadas discussões em grupo, buscando o melhor modo de atendimento e tomando como base ponto de vista de todos os profissionais da área, para que possam auxiliar em uma recuperação efetiva do usuário, assim

¹ E-mail: accavalcante75@gmail.com.

² E-mail: talantaoliveira@gmail.com

³ Universidade Federal do Tocantins . Quadra 109 Norte, Avenida NS-15, ALCNO-14. Plano Diretor Norte 77001-090. Palmas-Tocantins, Brasil. E-mail: eloise@uft.edu.br.

como identificar os grupos de risco e prevenir eventuais patologias, dando maior atenção a qualidade de vida ao indivíduo (BRASIL, 2011).

Diante disso, se faz necessária a participação dos agentes comunitários de saúde (ACS), que são responsáveis por realizar visitas domiciliares, e fazer o elo entre os centros comunitários de saúde e a população. Os ACS fazem uso do diálogo, no qual identificam os problemas mais urgentes dos indivíduos e repassam aos responsáveis dos centros comunitários de saúde para que os mesmos possam solucioná-los. Com isso, a função dos ACS visa ajudar no atendimento e no tratamento e triagem de casos mais graves a serem tratados centros comunitários de saúde. Nesse sentido, este trabalho os leva ao cansaço não apenas físico, mas também mental, e por isso necessitam de apoio e atenção para que tenham autonomia e cuidem de sua própria saúde. (Brasil, 2012). Para promover a atenção a este público que atua diretamente com a saúde da população, pensou-se em uma intervenção que estimulasse a participação e mudança de hábitos dos ACS.

Com isso, o presente relato tem como objetivo descrever as atividades de educação alimentar e nutricional para agentes comunitários de um centro de saúde comunitário do município de Palmas-TO, a partir da prática de uma estudante de Nutrição através dos estágios desenvolvidos na Área de Saúde Coletiva.

Com o propósito de redução do peso e medidas antropométricas, e incentivo à mudança de hábitos alimentares e de saúde dos ACS, com conseqüente melhorias da qualidade de vida foram organizadas atividades semanais com diferentes temas escolhidos a partir de um questionário previamente preenchido pelos ACS (Quadro 1).

Quadro 1: Planejamento das atividades semanais realizadas com o grupo de ACS de um centro comunitário de saúde de Palmas – TO.

| Semana/Dia | Atividades desenvolvidas | Metas propostas |
|---------------|--|--|
| 1- 17/02/2017 | Antropometria (circunferência da cintura, peso e estatura) e aplicação de um questionário de frequência de consumo alimentar | Ingerir dois litros de água diariamente |
| 2- 24/02/2017 | Oficina sobre rotulagem de alimentos | Consumir um produto integral diariamente |
| 3- 03/03/2017 | Oficina sobre consumo de fibras e ingestão de água | Consumir uma fruta ao dia |
| 4- 10/03/2017 | Oficina de opções de receitas saudáveis (geléia de maracujá) | Elaborar pelo menos uma receita saudável |
| 5- 17/03/2017 | Oficina sobre óleos e gorduras | Reduzir a quantidade de óleo utilizado pela metade do atual consumo |
| 6- 24/03/2017 | Antropometria (circunferência da cintura, peso e estatura) e <i>feedback</i> do grupo quanto ao acompanhamento | Continuar seguindo as metas propostas, fazendo disso, um estilo de vida. |

A cada encontro foram repassadas metas compatíveis com o tema explicado e abordado de forma ativa, e estas eram avaliadas semanalmente. Para promover a motivação assim como a competição mútua entre o grupo, foi proposta a corrida da saúde, onde todos os ACS recebiam simbolicamente uma estrela: na cor verde (se a meta fosse cumprida por completo), amarela (se cumprida parcialmente) e vermelha (meta não cumprida).

A corrida da saúde teve duração de seis encontros, realizados todas as sextas-feiras pela manhã. A intervenção iniciou com 09 ACS, todas do sexo feminino, com idade entre 45 e 60 anos, destas, 06 continuaram até o final.

No primeiro encontro foi realizada avaliação antropométrica individual com aferição do peso, estatura e circunferência da cintura. Para classificação do estado nutricional e da circunferência da cintura foram adotados os pontos de referência preconizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Posteriormente, todos os ACS foram reunidos em uma sala para que respondessem ao questionário de frequência e consumo alimentar proposto por Ribeiro; et.al (2006). A partir do questionário foram observadas falhas na alimentação dos participantes, como baixo consumo de frutas e verduras e elevado consumo de óleos e gorduras, e a partir disso, foram discutidas as ações futuras.

O segundo encontro se deu pela oficina de rotulagem de alimentos, onde foram levadas embalagens de macarrão instantâneo, tempero industrializado, refrigerante, suco tetra pack, bolacha recheada, e junto deles, em recipientes transparentes foram apontadas quantidades de sal e açúcar de cada produto alimentício de acordo com a porção e dados fornecidos nos rótulos. Com isso foi explicado como os ingredientes são apresentados em um rótulo de alimento, bem como, e as demais informações lá contidas, a fim de aconselhar sobre a importância da leitura e interpretação de rótulos, e a partir disso realizar melhores escolhas alimentares.

O terceiro encontro se deu pela oficina de fibras, ressaltando suas fontes e funções, tais como, melhora da função intestinal, índice glicêmico e colesterol. Foi realizada uma dinâmica para demonstrar a diferença entre as fibras solúveis e insolúveis, para isso foi levado granola e chia em copos diferentes com água. A granola representava as fibras insolúveis, que ao entrarem em contato com a água não modificam a consistência da mesma, porém, ao ficarem no intestino aumentam sua motilidade. Já as fibras solúveis, representadas pela chia, são aquelas que em contato com água formam gel, e assim aumentam o bolo fecal. Foi ressaltada a importância de ingestão hídrica, para que as fibras possam atuar adequadamente.

No quarto encontro, realizado na cozinha do centro de saúde comunitário, foi elaborada uma geleia de maracujá, e durante o preparo, destacou-se as vantagens do preparo de uma geleia de frutas caseira, como identificar o ponto de cozimento, além disso, foi entregue a cada participante um livreto com receitas saudáveis.

No quinto encontro foram levantadas as diferenças entre óleos e gorduras assim como vantagens, e desvantagens de cada um, e como utilizá-los da melhor forma, ressaltando as quantidades adequadas de consumo e perigos que o excesso de seu consumo pode trazer a saúde. Foi realizada uma dinâmica, com dois copos com gelatina em consistência líquida (representando o sangue) e dois canudos, sendo 1 livre e outro entupido com massa de pão (representando as veias e artérias). Duas participantes foram convidadas a tentar sugar a gelatina com o canudo para perceberem o esforço que o corpo faz quando se tem uma veia ou artéria entupida (representada na dinâmica pelo canudo entupido). Para finalizar foi realizado um debate para esclarecimento de dúvidas sobre o assunto relatado na dinâmica.

O sexto e último encontro se deu pela segunda avaliação antropométrica individual, observando as mudanças no peso e circunferência da cintura e, em

seguida, foi feita uma abordagem quanto à participação e conhecimento de cada uma, assim como contagem das estrelas da corrida da saúde (figura 1).



Figura 1: Painel com a pontuação dos participantes da ação de educação alimentar e nutricional

Ao final da intervenção, a primeira colocada teve redução de 8 cm de cintura e a segunda colocada redução 6 cm e as demais reduziram em média 3,5 cm. Já ao observar a redução de peso a primeira colocada reduziu 4 quilos e as demais tiveram redução de em média 2,5kg. Os resultados se justificam tanto pela adesão à intervenção quanto pelo início de algum tipo de atividade física por parte das participantes.

Os resultados apresentados demonstram a importância de se trabalhar o bem estar dos ACS, além de auxiliá-los na mudança de comportamentos que comprometem sua qualidade de vida, pois muitas vezes os profissionais da saúde ficam desassistidos. Espera-se também que intervenções como esta possam ser realizadas com outros ACS, buscando a promoção da saúde e a qualidade de vida desse grupo de trabalhadores. Além disso, esta experiência é fundamental para a capacitação acadêmica, onde foi possível ter a oportunidade de assimilar a teoria e a prática e vivenciar a atuação do profissional nutricionista no NASF.

Nutritional and Feeding Education with Community Health Agents from a Community Health Center in Palmas-TO: an Experience Relate

ABSTRACT

This report aims to describe the intervention of food and nutritional education for community health agents (ACS) of a community health center of Palmas-TO, from the practice of a student of the course of Nutrition, in the stage in Social Nutrition. The results show the importance of helping CHW in changing behaviors that compromise their quality of life, in addition, this experience is fundamental for academic training, providing learning in practice.

Keywords: Healthy Diet; Health Education; Community Health Workers.

Educación Alimentar y Nutricional con Agentes de Salud Comunitários de un Centro de Salud Comunitária de Palmas-TO: un Relato de Experiencia

RESUMEN

Este relato tiene el objetivo de describir la intervención de educación alimentaria y nutricional para agentes comunitarios de salud (ACS) de un centro de salud comunitario de Palmas-TO, a partir de la práctica de una estudiante del curso de Nutrición, en la etapa en Nutrición Social. Los resultados muestran la importancia de auxiliar a los ACS en el cambio de comportamientos que comprometen su calidad de vida, además, esta experiencia es fundamental para la capacitación académica, propiciando aprendizaje en la práctica.

Palabras clave: Dieta Saludable; Educación En Salud; Agentes Comunitarios De Salud.

REFERÊNCIAS

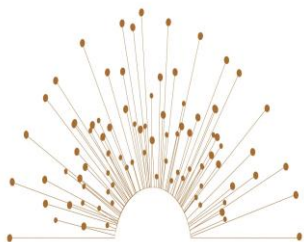
BRASIL. **Portal da saúde**. Disponível em:< http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_nasf.php> Acesso em 02 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série E. Legislação em Saúde)

RIBEIRO, A.C;et.al.Validação de um questionário de frequência de consumo alimentar para a população adulta.**Revista de nutrição**, Campinas nº19, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rn/v19n5/a03v19n5.pdf> Acesso em: 12 fev.2017.

SCHERER, M. D. A. et al. Rupturas e resoluções no modelo de atenção à saúde: reflexões sobre a estratégia saúde da família com base nas categorias kuhnianas. **Interface**. v.9, n.16, p.53-66, set.2004/fev.2005. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n16/v9n16a05>> Acesso em: 02 abr. 2017.

ⁱ Recebido em 07 de Novembro de 2017. Aceito em 09 de Dezembro de 2017.



Extensão Universitária Envolvendo Microbiologia: Relato De Experiência Em Uma Escola De Santarém-PA, Brasil¹

Eveleise Samira Martins **Canto**¹
Elida Magalhães **Oliveira**²
Taides Tavares dos **Santos**³

RESUMO

O presente relato refere-se a uma atividade de extensão universitária e de ensino de ciências cujo objetivo foi estimular a percepção e compreensão de conceitos microbiológicos junto a alunos de uma escola municipal de ensino fundamental de Santarém – PA. Por meio de oficinas interativas, realizadas em parceria entre agentes do meio universitário e do ensino básico, foi possível incrementar o conhecimento e a percepção dos alunos envolvidos a respeito da Microbiologia e sua interface com outras ciências.

Palavras-chave: Ensino Fundamental; Micro-Organismos; Socialização Da Ciência.

INTRODUÇÃO

A microbiologia é classicamente definida como a área da ciência que se dedica ao estudo de organismos e suas atividades (BARBOSA; OLIVEIRA, 2015). Essa ciência estuda o papel dos micro-organismos no mundo, principalmente em relação à sociedade humana, ao corpo humano, além de suas relações com os animais e plantas. De uma maneira ou de outra, os micro-organismos afetam todas as formas de vida na terra (MADIGAN, 2010; MURRAY, 2015).

Uma peculiaridade do ensino de Microbiologia refere-se à necessidade de atividades que permitam a percepção de um universo totalmente novo (BARBOSA; BARBOSA, 2010). As pessoas em geral têm receio de entrar em contato com os micro-organismos porque geralmente são difundidos os impactos negativos que eles causam em detrimento dos mecanismos essenciais de suporte à vida que eles desempenham (NONATO, 2016).

¹Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pelas Faculdades Integradas do Tapajós (FIT). Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: <eveleisesamira@hotmail.com>

²Bacharel em Ciências e Tecnologia das Águas pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: <emoalfa@gmail.com>

³Mestre em Microbiologia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), bacharel em Farmácia pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC). Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5107-7970>. Autor correspondente: Campus Universitário de Araguaína, Av. Paraguai, esq. c/ Rua Uxiramas, s/nº, Setor Cimba, CEP: 77.824-838, Araguaína – TO, Brasil.

Cassanti et al. (2008) afirmam que o conhecimento sobre microbiologia auxilia o estudante a descobrir a influência dos micro-organismos em sua vida, bem como as funções essenciais desses organismos no ambiente. O mundo microbiológico pode ser extremamente abstrato para os estudantes do Ensino Fundamental, pois embora seja parte importante de nosso dia a dia, não podemos percebê-lo de forma mais direta por meio dos sentidos.

Segundo Freire (1997) para compreender a teoria é preciso experienciá-la. A realidade observada nas escolas, hoje, é de um aprendizado deficiente por parte dos alunos, muitas vezes associada à construção de um conhecimento equivocado, justificado pela utilização de metodologias ineficazes de ensino.

De acordo com Krasilchik (2000) no ensino de Ciências e Biologia é importante e essencial o uso de aulas práticas, pois possibilitam o envolvimento dos alunos em investigações científicas para a resolução de problemas; despertando o interesse dos alunos para o desenvolvimento das atividades e proporcionando a apreensão de conceitos básicos. Além disso, possibilita um contato direto entre os alunos e os fenômenos da natureza. As metodologias estimulam a curiosidade, a autonomia e as tomadas de decisões reflexivas sobre as suas ideias e ações. Segundo os autores, o ensino experimental das ciências pode ser entendido como um processo que interpela a mente das crianças (NARDI et al., 2009; BORGES; ALENCAR, 2014).

Considerando que os alunos possam ou devam relacionar a realidade de vida com as aulas práticas em estudo, estes precisam compreender a sua relação cotidiana como privilégio de capacitá-los para a adoção de atitudes e hábitos que favoreçam uma vida saudável, percebendo a higiene corporal como fator indispensável para a manutenção do estado dinâmico do corpo – a saúde. Além disso, é elemento fundamental para o relacionamento social onde a prática diária de hábitos saudáveis evita doenças e, portanto, contribui para a prevenção da saúde (PEREIRA; TERÁN, 2007; DUARTE et al., 2011).

Vale ressaltar também que é importante que o Ensino Básico proporcione uma abordagem sobre a presença constante do elemento água especialmente nos cuidados com o próprio corpo e nos afazeres domésticos comuns, atuando como veículo de transmissão de doença e também como um agente que contribui para a diminuição de uma microbiota corporal patogênica (BRUNI, 1993; GOMES, 2011).

Neste sentido, o presente relato refere-se a uma atividade de extensão universitária e de ensino de ciências cujo objetivo foi estimular a percepção e compreensão de conceitos microbiológicos junto a alunos de uma escola municipal de ensino fundamental de Santarém – PA.

METODOLOGIA

A presente ação de extensão foi realizada junto a 74 alunos do 7º ano de uma escola de Ensino Fundamental em Santarém, no Estado do Pará, com faixa etária entre 13 a 15 anos, no mês de novembro de 2016. O mês escolhido correspondeu ao período selecionado pela escola devido à abordagem do conteúdo de ciências sobre o tema “seres vivos” e a Feira Cultural dessa escola. Primeiramente, nas dependências da Universidade Federal do Oeste

do Pará (UFOPA), houve a capacitação e treinamento da equipe que iria se envolver nas atividades que seriam realizadas na escola.

Em seguida, realizou-se uma reunião com a gestão escolar para expor os objetivos e organização da logística das atividades. Na escola, os alunos de graduação envolvidos no projeto de extensão universitária desenvolveram uma oficina interativa, na qual foram enfocadas as seguintes temáticas: importância dos micro-organismos, habitats, classificação, benefícios, prevenção de doenças, hábitos de higiene, meios de visualização microbiana, e locais onde podem estar presentes enfatizando a importância da higiene corporal com a colonização microbiana. No mesmo dia os alunos foram convidados a participarem de uma exposição para observarem a estrutura e conservação de macrofungos e bactérias cultivadas em meios específicos (Figura 1).



Figura 1: Abordagens teóricas e práticas sobre Microbiologia para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. **A1 e A2** – Apresentação da aula teórica e expositiva; **B1 e B2** – Macrofungos exsecatados e cultivos de fungos em placa de Petri; **C** – Crescimento de bactérias e leveduras em placa de Petri. Créditos: Eveleise Samira Martins Canto, capturada em novembro de 2016, em Santarém – PA.

Após a realização da oficina interativa, foram selecionados 08 alunos para realizarem coleta de amostras do ambiente escolar e da microbiota corporal para o cultivo e isolamento de micro-organismos. Os locais de coleta das amostras, tanto corporal quanto do ambiente, estão descritos no quadro 01.

Quadro 01: Local de coleta das amostras biológicas e descrição dos procedimentos de coleta realizado com os alunos do 7º ano na Escola Fundamental em estudo.

| Item | Local de coleta das amostras | Descrição do procedimento de coleta |
|------|---|---|
| 01 | Antebraço (parte interna) Embaixo da unha do dedo médio da mão esquerda. | Coletado apenas com “swab” |
| 02 | Boca (parte interna, entre a gengiva e a parte interna da bochecha). | |
| 03 | Bocal de caneta | |
| 04 | Celular (área frontal) | |
| 05 | Maçaneta da porta da sala de aula (parte interna) | |
| 06 | Óculos de grau (parte inferior da armação do lado direito) | |
| 07 | Sola do sapato (parte inferior) | |
| 08 | Torneira do bebedouro | |
| 09 | Pia do banheiro | |
| 10 | Sala de aula | Coletado com exposição da placa aberta por 15 minutos. |
| 11 | Dedo polegar não higienizado e higienizado | Coletado com a pressão levemente do dedo diretamente no meio ágar ágar por 15 segundos. |

As amostras das coletas referentes aos itens: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9, foram realizadas com “swab” estéril, que em sequência foram inseridos em tubos contendo caldo BHI (Himedia). O procedimento de coleta para o dedo polegar foi realizado em dois momentos: antes da higienização, onde o dedo foi pressionado levemente por 15 segundos diretamente em meio ágar ágar (Himedia) e após a higienização executando uma assepsia nas mãos com água, sabão detergente e álcool 70%, realizando o mesmo procedimento como mencionado anteriormente. Para a análise da microbiota interna do ar da sala de aula, foi colocado uma placa de Petri contendo ágar ágar (Himedia) aberta por 15 minutos, em local sem circulação de pessoas, na altura aproximadamente de 1 metro.

Todas as amostras microbiológicas foram encaminhadas ao Laboratório de Ensino Multidisciplinar de Biologia Aplicada (LABIO) da UFOPA e incubadas em estufa a 37º C por 24 horas. Após o tempo de incubação estabelecido, foi realizada a inoculação das amostras que estavam em caldo BHI (Himedia), isolando cada cultura em placas de Petri com meio ágar ágar (Himedia), através da técnica de estriamento, exceto as amostras dos polegares, que já haviam sido coletadas diretamente nas placas. As placas inoculadas voltaram para incubação na estufa por 24hs a 37º C. Posteriormente, houve a realização da análise do crescimento bacteriano quanto à frequência, diversidade e verificação dos diferentes aspectos morfológicos (tamanho, forma, pigmentação) das colônias que apresentaram crescimento, através da técnica de GRAM como descrito por Hans Gram em 1884.

Após a finalização das análises laboratoriais, os resultados foram reportados e explicados pelos universitários aos alunos que realizaram as

coletas. E, como culminância de todas as atividades em parceria entre a escola e a UFOPA, os resultados de toda a atividade vivenciada foram apresentados e discutidos em uma Feira Cultural, realizada pela escola abordando a temática “O Mundo Microbiano”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da experiência vivenciada, foi possível perceber que os alunos conseguiram enriquecer o conhecimento dos mesmos em relação à Microbiologia, pois quando o aluno é submetido a algo novo, ou seja fora da sua rotina escolar, sua atenção se torna redobrada proporcionando a melhor fixação do conteúdo proposto (Ferreira, 2010; Barbosa et al., 2015). Assuntos relacionados aos microrganismos se tornam um desafio, pois pode ser extremamente abstrato para os alunos, embora seja parte de nosso dia a dia não podemos percebê-los de forma mais direta por meio dos nossos sentidos (CASSANTI et al., 2008).

A experiência de extensão vivenciada tanto pelos alunos de graduação quanto pelos alunos de ensino médio, foi significativa pois proporciona uma interação de conhecimento através de uma abordagem diferenciada, como evidenciado no trabalho realizado por Kimura (2013). Assim como, a experiência também proporcionou aos alunos do ensino médio uma visão ampla dos micro-organismos bem como sua importância. Pode-se perceber que os conhecimentos transmitidos nas aulas de ciências nem sempre está correlacionado ao cotidiano.

Neste sentido, sugere-se que a escola realize nas aulas práticas um ensino de forma experimental, levando os alunos ao conhecimento dessa associação dos micro-organismos com o cotidiano, conforme a publicação da UNESCO (2005a) o ensino de Ciências tem sido tradicionalmente livresco e descontextualizado, levando o aluno a decorar, sem compreender os conceitos e a aplicabilidade do que é estudado. Assim, as Ciências experimentais são desenvolvidas sem relação com as experiências e, como resultado, poucos alunos se sentem atraídos por elas.

O ensino de Ciências na escola deve proporcionar conhecimentos individuais e socialmente necessários para que cada cidadão possa administrar a sua vida cotidiana e se integrar de maneira crítica e autônoma à sociedade a que pertence. Deve, ainda, levar crianças e jovens a se interessar pelas áreas científicas e incentivar a formação de recursos humanos qualificados nessas áreas (LEITE, 2005; UNESCO, 2005b).

Utilizar atividades investigativas, tais como atividades laboratoriais, como ponto de partida para desenvolver a compreensão de conceitos é uma forma de levar o aluno a participar de seu processo de aprendizagem, proporciona o aluno a sair de uma postura passiva e começar a perceber e agir sobre seu objeto de estudo, procurando, portanto, uma explicação causal para o resultado de suas ações e/ ou interações.

É importante ressaltar que há um conjunto de fatores para que aguçar o despertar dos alunos o qual proporciona a ampliação de seus conhecimentos. Com isso, pode-se citar às condições físicas da escola e o interesse dos professores para elaboração de novas metodologias que estimulem os discentes. Corroborando com os estudos de Séré et al. (2003), o qual enfatiza

que o aluno percebe o quão enriquecedor é a experimentação das práticas, pois prepara o aluno a tomar decisões na investigação e na discussão dos resultados, e assim conseguir questionar o mundo.

Fazendo uma análise do espaço físico da escola pública, de modo geral e em conversa informal com a professora de Ciências da escola em questão, é possível perceber que apesar da vontade de ministrar aulas práticas, observa-se que as escolas públicas, são carentes de equipamentos e espaço físico apropriado para alcançar aulas mais produtivas, com isso é necessário metodologias alternativas que motivem o aprendizado (POSSOBOM et al., 2003).

Considerando o crescimento visível de micro-organismos observado nas atividades práticas realizadas no laboratório da UFOPA com os alunos da escola em estudo, foi possível fazer a correlação da eficiência de métodos de higiene, limpeza e assepsia, através da análise feita pelos próprios alunos, após os resultados microbiológicos, dados que foram também verificados no trabalho de Moresco (2016). Com os resultados obtidos, os alunos realizaram uma demonstração de todas as atividades na Feira Cultural da escola visando a construção de uma aprendizagem significativa (Figura 2).



Figura 2: Cartazes (A) e painel (B) confeccionados pelos alunos, para socialização das atividades desenvolvidas, apresentado na Feira Cultural da escola. Créditos: Eveleise Samira Martins Canto, capturada em novembro de 2016, em Santarém – PA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E AGRADECIMENTOS

Diante do exposto, é possível concluir que se obteve incremento na percepção e compreensão dos alunos de Ensino Fundamental sobre o estudo dos micro-organismos em sua plenitude. Observou-se que, com as atividades práticas laboratoriais e a exposição através da Feira Cultural, realizadas em parceria entre a escola e a Universidade, os alunos tiveram uma visão ampla sobre a participação dos micro-organismos, principalmente na microbiota corporal, no ambiente escolar assim como, componentes importantes do ecossistema, auxiliando a compreensão dos conceitos básicos da Microbiologia, o que evidencia a relevância de se incentivar atividades de

extensão universitária envolvendo escolas de ensino básico. Portanto, pretende-se dar continuidade nessas em outras atividades que envolvam a interação do meio universitário com as escolas de ensino fundamental e médio do município.

Os autores agradecem à colaboração, durante as atividades realizadas na escola, de Jhébica Krhistine Caetano Frota, Marcos Diones Ferreira Santana, Gilmara Ferreira Oliveira e Jael Saray Coelho de Sousa.

University Extension Involving Microbiology: Report Of Experience In A School In Santarém - PA, Brazil

35

ABSTRACT

The present report refers to an activity of university extension and science education whose objective was to stimulate the perception and understanding of microbiological concepts together with students of a municipal school of primary education in Santarém – PA. Through interactive workshops, carried out in partnership between agents of the university environment and basic education, it was possible to increase the knowledge and perception of the students involved regarding Microbiology and its interface with other sciences.

Keywords: Elementary School; Microorganisms; Socialization Of Science.

Extensión Universitaria Involviendo Microbiología: Relato De Experiencia En Una Escuela De Santarém - PA, Brasil

RESUMEN

El presente relato se refiere a una actividad de extensión universitaria y de enseñanza de ciencias cuyo objetivo fue estimular la percepción y comprensión de conceptos microbiológicos junto a alumnos de una escuela municipal de enseñanza fundamental de Santarém - PA. Por medio de talleres interactivos, realizados en asociación entre agentes del medio universitario y de la enseñanza básica, fue posible incrementar el conocimiento y la percepción de los alumnos involucrados acerca de la Microbiología y su interfaz con otras ciencias.

Palabras Clave: Enseñanza Fundamental; Microorganismos; Socialización De La Ciencia.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Fernando Gomes; OLIVEIRA, Natalia Carvalhães de. **Estratégias para o Ensino de Microbiologia: uma Experiência com Alunos do Ensino Fundamental em uma Escola de Anápolis-GO**. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, v. 16, n. 1, p. 5-13, 2015.

BARBOSA, Flávio Henrique Ferreira; BARBOSA, Larissa Paula Jardim Lima **Alternativas metodológicas em Microbiologia-viabilizando atividades práticas**. Revista de biologia e Ciências da Terra, v. 10, n. 2, p. 134-143, 2010.

CAPIM DOURADO, Palmas, v.01, n. 01. p. 29-37, jan. 2018

BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidéia. **Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior.** Cairu em Revista, Salvador, ano, v. 3, p. 119-143, 2014.

BRUNI, José Carlos. **A água e a vida.** Tempo Social, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 53-65, dec. 1993. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/ts/article/view/84942/87671>>. Acesso em: 25 mar. 2017, 00:32:32.

CASSANTI, Ana Cláudia; CASSATI, Ana Clara; ARAUJO, Elaine Ermel; URSI, Suzana. **Microbiologia Democrática: estratégias de ensino-aprendizagem e formação de professores.** Enciclopédia Biosfera, v. 8, p. 1-23, 2008.

DUARTE, Eduardo Robson; FERREIRA, Luiz Carlos; SILVA, Kellerson Luiz. **Introdução e importância da microbiologia. Microbiologia Básica para Ciências Agrárias**, p. 15 – Instituto de Ciências Agrárias da UFMG, 2011. (ed.). Montes Claros: Instituto de 129 p.

FERREIRA, Andréa Fonseca. **A Importância da Microbiologia na escola: Uma abordagem o ensino médio**, p. 69, 2010.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores.** Estudos avançados, v. 13, n. 36, p. 301-334, 1997.

GOMES, Marco Antônio Ferreira. **Água: sem ela seremos o planeta Marte de amanhã.** Mar., 2011. Disponível em: <http://webmail.cnpma.embrapa.br/down_hp/464.pdf>. Acesso em: 19 de dez. 2017, 23:20:20.

KIMURA, Angela Hitomi et al. **Microbiologia para o ensino médio e técnico: contribuição da extensão ao ensino e aplicação da ciência.** Revista Conexão UEPG, v. 9, n. 2, p. 254-267, 2013.

KRASILCHIK, Myriam. **Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências.** São Paulo em perspectiva, v. 14, n. 1, p. 85-93, 2000.

LEITE, Adriana Cristina Souza; SILVA, Pollyana Alves Borges; VAZ, Ana Cristina Ribeiro. **A importância das aulas práticas para alunos jovens e adultos: uma abordagem investigativa sobre a percepção dos alunos do PROEF II.** Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 7, n. 3, p. 166-181, 2005.

MADIGAN, Michael. Microbiologia de Brock. In: **Microbiologia de Brock.** Artmed, 2010.

MORESCO, Terimar; BARBOSA, Nilda Berenice; SANTOS, Ethiane Roza dos; CASTRO, Tamires Franco de. **Higiene pessoal: contextualizando o ensino**

de microbiologia por meio da experimentação. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 7, n. 4, 2016.

MURRAY, Patrick; ROSENTHAL, Ken S.; PFALLER, Michael A. **Microbiología médica.** Elsevier Brasil, 2015.

NARDI, Roberto; ALMEIDA, Maria José P. M.; KUSSUDA, Sérgio Rykio; COSTA, Cristina de Souza. **A pesquisa em ensino de ciências e o ensino de sala de aula: memórias de professores que atuaram nas últimas décadas.** VII ENPEC-Encontro Nacional de Pesquisadores em Educação em Ciências. Santa Catarina, 2009.

NONATO, Nyelson da Silva. **Estudo dos micro-organismos no contexto escolar: Intervenção pedagógica em uma escola estadual do município de João Pessoa–PB.** 2016.

PEREIRA, Elielma Caetano; TERÁN, Augusto Fachin, 2007. **Conhecimento e prática de hábitos higiênicos dos professores e estudantes no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental.** Em: Augusto Fachín Terán (org.). Resultados das Pesquisas de Iniciação Científica da Escola Normal Superior-PROFIC 2004-2006. Pp. 155-157 v. 201; p. C2; UEA edições. Universidade do Estado do Amazonas.

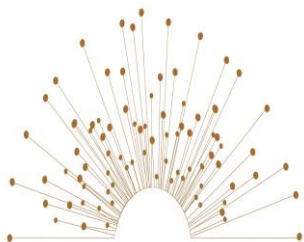
POSSOBOM, Clívia Carolina Fiorilo; OKADA, Fátima Kazue; DINIZ, RE da S. **Atividades práticas de laboratório no ensino de biologia e de ciências: relato de uma experiência.** Universidade Estadual Paulista–Pró-Reitoria de Graduação.(Org.). Núcleos de Ensino. São Paulo: Editora da UNESP, v. 1, p. 113-123, 2003.

SÉRÉ, Marie-Geneviève; COELHO, Suzana Maria; NUNES, António Dias. **O papel da experimentação no ensino da física.** Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 21, p. 31-43, 2004.

UNESCO IV, Série Debates; DE CIÊNCIAS, Ensino. O Futuro em Risco. **Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura**, p. 3. 2005a.

_____. **Ensino. O Futuro em Risco.** Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura, 2005b.

ⁱ Recebido em 10 de Novembro de 2017. Aceito em 11 de Dezembro de 2017.



Mercado Alternativo E Transição Agroecológica: O Caso Feirinha Da UFT¹

Keile Aparecida **Beraldo**¹

Matheus Alberto de Oliveira **Sunica**²

Juliana Aguiar de **Melo**³

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de oferecer uma contribuição para entender um pouco mais a relação entre produtor, consumidor e o papel da universidade na formação de pessoas. Para tanto, recorreu-se à pesquisa-ação e às metodologias participativas que priorizam a inovação, a participação e o diálogo entre diferentes atores sociais nas diversas edições da “feirinha da UFT”. De acordo com os resultados, conclui-se que a aproximação de pessoas oportuniza o desenvolvimento de diversas ações que ultrapassam as fronteiras da universidade. A feira tornou-se um instrumento para promover a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além de sensibilizar a comunidade acadêmica da necessidade de valorizar os produtos de origem da agricultura familiar.

Palavras-chave: Participação; Diálogo; Agricultores Familiares; Extensão.

INTRODUÇÃO

O movimento contra a revolução verde e a consciência ecológica nos últimos anos elevou a procura por alternativas sustentáveis de produção e consumo de alimentos. Para atender a crescente demanda por alimentos produzidos de forma sustentável, alguns produtores buscam fazer a transição de um modelo de produção da agricultura convencional para a agroecológica e/ou orgânica.

Pesquisas como as de Niederle; Almeida e Vezzani (2013) apontam que esse tipo de mercado tem se mostrado como uma das alternativas mais vantajosas aos agricultores familiares que vivem às margens da produção em grande escala. No entanto, muitos agricultores familiares que produzem de forma sustentável têm dificuldades de acessar esse tipo de mercado devido, principalmente, à adequação de normas e exigências da legislação brasileira que dá maior amparo ao agronegócio.

¹ Professora do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas – GESPOL, Coordenadora do Núcleo de Estudos em Agroecologia – NEADS/UFT, Universidade Federal do Tocantins; e-mail: keile@uft.edu.br.

² Discente do Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Tocantins – UFT; e-mail: matsgol_zinadron@hotmail.com.

³ Professora do Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Tocantins – UFT; e-mail: aguiarmelo@mail.uft.edu.br.

Uma das normas instituídas a partir de 2003 – para produção e comercialização de produtos agroecológicos e ou orgânicos – traz a ideia de controle social, algo intrinsecamente vinculado a trabalho associativo (dos produtores), relações de confiança entre produtores e consumidores, papel ativo dos consumidores e funcionamento de instâncias de controle materializadas em Organizações de Controle Social (OCS), grupo criado com o fim de controle, formado por representantes do coletivo de produtores (ARAÚJO, 2015).

Por esta razão, muitos agricultores familiares precisam de parcerias com instituições de ensino, pesquisa e extensão que os ajudem a se adequarem a essas normas. Por outro lado, as universidades enfrentam desafios diários para exercer o papel de formar pessoas, disseminar práticas e compartilhar conhecimentos, transpondo os muros que a separam da sociedade, praticando, assim, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão relaciona-se às práticas das universidades brasileiras e é um princípio orientador da qualidade da produção universitária (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2013; MOITA E ANDRADE, 2009), previsto no art. 207 da Constituição Brasileira de 1988. Compreende-se que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas a processos de formação das pessoas (processos educativos) e de geração de conhecimento (ESCOBAR, 2004; MORA-OSEJO e BORDA, 2004 apud SOUZA et al. 2017).

Buscando formar pessoas e um grupo de produtores que quisessem criar uma OCS, o Núcleo de Estudos em Agroecologia da Universidade Federal do Tocantins (NEADS/UFT), propôs a criação de um espaço que reunisse agricultores familiares e comunidade acadêmica. Tal projeto envolveu diferentes segmentos da universidade e desenvolvido em virtude da aprovação de um projeto⁴ de pesquisa e extensão.

O projeto teve seu início em meados do ano de 2015, a princípio em caráter experimental, com o objetivo de promover o diálogo, a construção coletiva de novas práticas em produção sustentável, apoiar as organizações envolvidas na inserção agroecológica e a segurança alimentar, além de consolidar e ampliar ações já existentes entre a UFT e agricultores familiares, que produzem alimentos em sistemas agroecológicos nas diversas comunidades localizadas na região de Palmas – TO.

Ressalta-se o fato de que, desde o início, o projeto deu ênfase ao processo de formação com objetivo de fortalecer a agricultura familiar, usando estratégias de ensino/pesquisa e extensão para promover o desenvolvimento rural e a dinamização da economia familiar por meio de uma “feira livre de transição agroecológica”.

Considerando a importância – socioeconômica e ambiental – da agricultura familiar no Brasil, em particular no Tocantins, e o incipiente estágio de conhecimento sobre a produção e a comercialização de produtos agroecológicos este ensaio oferece uma pequena contribuição, baseada em

⁴Núcleo de Estudos em Agroecologia e Fortalecimento da Agricultura Familiar na Universidade Federal do Tocantins *Campus* UFT de Palmas – TO. Projeto de pesquisa aprovado pelo edital MDA/CNPq chamada N°38/2014

análises realizadas nas diversas edições da feirinha da UFT, no esforço de entender um pouco mais a relação entre produtor e consumidor e o papel da universidade na construção de um mercado alternativo de produtos agroecológicos. Este trabalho busca responder as seguintes questões: até que ponto o projeto Feirinha da UFT, conseguiu atingir seus objetivos? Quais os principais avanços alcançados no sentido de garantir o exercício da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão?

Este trabalho está dividido em quatro sessões sendo a primeira a introdução; a segunda, uma breve revisão de literatura sobre feira agroecológica; a terceira traz os resultados e uma discussão sobre o projeto e, por último, as considerações finais.

REVISÃO DE LITERATURA

As primeiras feiras chamadas agroecológicas tiveram seu início ainda no final dos anos 1980. Buscava-se uma tentativa de construção de arranjos sociais para produção em bases agroecológicas, associando a autonomia à comercialização, buscando eliminar a necessidade de articulação com atravessador. Com o crescimento da demanda (especialmente nas grandes cidades) por alimentos livres de agrotóxicos, e com o aumento do número de agricultores dedicados à produção orgânica, natural, biológica, ecológica, entre outras denominações utilizadas à época, começaram a surgir feiras e pontos de comercialização desses alimentos. Podemos citar como exemplo, a Feira de Porto Alegre, organizada pela Cooperativa Coolmeia, inaugurada em 1989; a Feira do bairro da Glória, no Rio de Janeiro, de 1994, organizada pela Associação de Agricultores Biológicos do Rio de Janeiro (Abio); e a Feira da Associação de Agricultura Orgânica (AAO) de São Paulo, de 1991 (MONTEIRO e LONDRES, 2017).

Diversos estudos, em diferentes regiões do país, demonstram que as “feiras livres agroecológicas” se tornaram importantes canais de comercialização para os produtores rurais. Tais canais são instrumentos que aproximam produtores e consumidores, gerando oportunidades econômicas e de inovação, além de permitirem o resgate de alimentos diferenciados, cujos valores remetem às características históricas e culturais das regiões em que estão inseridos, os quais são dificilmente apropriados pelos atores dominantes nos sistemas convencionais de agricultura (NIEDERLE; ALMEIDA e VEZZANI; 2013).

De acordo com Darolt (2013), a prática de feiras com produtores rurais não é somente evidenciada no contexto brasileiro em cidades do interior, é também observada em cidades das regiões metropolitanas e no contexto internacional em países desenvolvidos, como é o caso dos países europeus. De maneira geral, as feiras agroecológicas tornam-se pontos de comercialização de produtos diversos.

As pesquisas desenvolvidas por Finatto e Corrêa (2010) apontam os desafios e perspectivas para a comercialização de produtos de base agroecológica no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Ressaltam as dificuldades dos produtores de produzir sem uma associação ou corporação da qual eles façam parte e que, apesar da falta de recursos financeiros (fator destacado pelos produtores), os autores evidenciam a possibilidade de

expansão da feira no município. Já os estudos realizados por Souza et al (2009) demonstram a importância das feiras agroecológicas para pequenos produtores da região da Borborema, na Paraíba.

Os autores acima citados pontuam avanços no sentido da organização de uma associação entre os produtores, o que acabou gerando novas possibilidades de comercialização. Segundo os mesmos autores, a implantação das feiras agroecológicas é uma importante ferramenta para assegurar a disponibilidade de produtos de qualidade aos consumidores e garantir o resgate, ao pequeno produtor, da dignidade perdida enquanto trabalhador rural.

Se de um lado os consumidores estão cada vez mais interessados e buscando alimentos de qualidade, de outro temos os agricultores familiares buscando a inserção em um mercado agroecológico diferenciado – diferenças que perpassam o manejo do sistema de produção, as relações culturais do local e a história da família produtora. Em muitas situações, o aspecto artesanal é um diferencial que acaba reproduzindo um modo de vida alternativo. Tal reprodução é sustentada pela convergência de hábitos entre ambas as partes envolvidas – tanto produtores quanto consumidores – que tentam construir novas formas de produção e de comercialização.

A proposta da “Feirinha da UFT” surge a partir de um diagnóstico feito por alunos e professores durante as visitas e oficinas realizadas em parceria com os agricultores familiares em transição agroecológica na região de Palmas. Durante as rodas de conversas, foi possível constatar que a maioria dos agricultores da região sofre com a distribuição e comercialização de seus produtos e que, alguns agricultores, apresentaram, como limitação, a necessidade de pagamento para manutenção do espaço físico em feiras, que em algumas épocas do ano, principalmente no período de estiagem, tornam-se inviáveis.

Destaca-se ainda o fato de que as feiras existentes na cidade de Palmas- TO, não fazem distinção entre produtores agroecológicos, orgânicos e convencionais, tampouco de intermediários que compram e ofertam os produtos da agricultura familiar. Portanto, falta um espaço exclusivo para agricultores familiares de produtos agroecológicos e neste contexto a Feirinha surge como espaço alternativo para estas “transações agroecológicas”.

METODOLOGIA

Para promover a feira, o NEADS/UFT e seus parceiros se utilizaram de metodologias participativas por meio de diálogos (rodas de conversas) que promoveram o conhecimento agroecológico para desenvolver ações que mobilizassem os diferentes atores envolvidos. Para Souza et al (2017), as estratégias conjuntas de construção de conhecimentos agroecológicos demandam um aporte metodológico que enfatiza a participação e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (MOITA e ANDRADE, 2009). Para isto, recorreu-se à pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011) e às metodologias participativas (BRANDÃO, 2014) que priorizam a inovação, a participação e o diálogo entre diferentes atores sociais (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implantação da feira de transição agroecológica na UFT é resultado da reivindicação dos agricultores locais, que buscavam um espaço coberto e seguro para a comercialização de seus produtos. Atualmente a feira ocorre semanalmente, os expositores contam com um espaço físico coberto para a comercialização dos produtos, com mesas e água potável, e estacionamento para veículos, atendendo assim as necessidades prioritárias.

O espaço trouxe benefícios, favoreceu a aproximação entre consumidores e produtores. Durante as feiras os produtores e consumidores trocam conhecimentos sobre o modo de produção e outras questões importantes, tais como: adubação, controle de pragas, uso de plantas medicinais, que valorizam e incentivam tanto os produtores a permanecer utilizando técnicas de manejo agroecológico, como o despertar da consciência ecológica dos consumidores.

Na feira de transição agroecológica os agricultores não possuem nenhum custo de manutenção e a participação é exclusiva para produtores de base ecológica, conferindo um caráter de sustentabilidade garantido pelo projeto. Ao se criar a “feira de transição agroecológica” dentro da universidade consolidamos a relação de parceria com os agricultores familiares e reduzimos, em parte, a concorrência que há dentro de tantas outras feiras que não diferenciam agricultores que prezam por um tipo de produção sustentável daqueles que não produzem dessa forma. Na tabela 1, apresenta-se o perfil dos produtores da feira de transição agroecológica.

| Idade | Sexo | Município | Pertence a Alguma associação | Produto | Origem da produção Rural/Urbana | Comercializa em outro local |
|-------|------|-----------|------------------------------|-------------------------|---------------------------------|-----------------------------|
| 46 | F | Taquaruçu | Sim | Mudas e biofertilizante | Urbano | Sim |
| 31 | M | Palmas | Não | Artesanatos em geral | Urbano | Sim |
| 46 | M | Palmas | Não | Artesanato | Urbano | Sim |
| | | Porto | | Produtos lácteos | | |
| 58 | F | Nacional | Não | e doces | Assentamento | Sim |
| 38 | F | Palmas | Não | Alimentos | Urbano | Sim |
| | | Porto | | Hortaliças/ovos | | |
| 42 | M | Nacional | Sim | caipiras | Reassentamento | Sim |
| 63 | F | Palmas | Sim | Hortaliças | Horta comunitária | Sim |
| 33 | M | Palmas | Não | Hortaliças | Urbano | Sim |
| 19 | M | Palmas | Não | Hortaliças | Urbano | Não |

Tabela 1 - Perfil dos produtores da feira de transição agroecológica da UFT. Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

Conforme os dados da tabela 1 pode-se traçar o perfil dos produtores como diversificado, com a participação do gênero masculino em sua maioria, cabe ressaltar a atuação das mulheres na permanência mantendo a periodicidade, já que muitos produtores não são assíduos e desistem com o decorrer do tempo. Somente dois produtores são de reassentamentos, a maioria produz em suas propriedades localizadas em áreas próximas à cidade.

Os principais produtos comercializados nas edições da feira da UFT correspondem às hortaliças, legumes, frutas e outros produtos, tais como, ovos caipiras, queijo, pães e doces caseiros. Apesar da importância da permanência das feiras de produtores rurais para a agricultura familiar, a experiência com a feira de transição agroecológica na UFT demonstrou que ainda há muitas limitações e potencialidades que precisam ser mais bem investigadas.

Observa-se que muitos feirantes comercializam seus produtos em mais de um local para complementarem suas rendas. Ainda não conseguem sobreviver com a receita das vendas feita só na feira da UFT, pois não há uma demanda capaz de absorver a quantidade de produtos ofertada. Percebe-se a necessidade de uma maior sensibilização da comunidade acadêmica, já que parte do público consumidor está fora da universidade.

Outra questão não menos importante é o transporte e o armazenamento dos alimentos comercializados na feira da UFT. Muitos alimentos são perecíveis e os produtores moram distante da universidade – alguns chegam a percorrer cerca de setenta quilômetros – o que acarreta altos custos com o transporte. Esse fato pode inviabilizar a comercialização para alguns agricultores familiares.

Outro fator complicador que leva muitos produtores a percorrerem diferentes locais para exporem suas mercadorias é o fato de eles não pertencerem a associações que os ajudem a organizar melhor tanto a produção como a comercialização. Um exemplo disso é o preço dos produtos. Muitos produtores não fazem um controle dos custos, portanto, não sabem exatamente o valor dos seus produtos – fator que contrapõe os resultados de outras pesquisas em diferentes regiões do país.

Os produtores da feira da UFT ainda precisam receber capacitação que os façam atentar à questão ambiental. Os preços das mercadorias agroecológicas nem sempre cobrem os custos de produção, isso acontece porque não há incremento do cuidado com o meio ambiente. A forma de manejo e os cuidados com o meio ambiente diferenciam os produtos convencionais dos agroecológicos. Portanto, ao se calcular os preços dos alimentos agroecológicos, devem ser levados em conta que, ao se produzir um produto agroecológico, há um melhor aproveitamento dos recursos naturais. Essa consciência precisa ser trabalhada nos dois segmentos, consumo e produção.

Durante a realização do projeto, nas rodas de conversas, foi identificado um conjunto de atributos e aspectos positivos inerentes ao funcionamento das feiras agroecológicas. A feirinha agroecológica da UFT, como ficou conhecida, mostrou-se uma oportunidade de unir comunidade acadêmica e produtores nas vivências e práticas agroecológicas – e que isso é determinante para a formação de pessoas. Essa experiência demonstrou que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é possível dentro das universidades brasileiras, mas ainda precisa aparar algumas arestas no sentido de organizar melhor os produtores e consumidores para construção de um mercado que atenda a ambos.

As observações das edições da feira de transição da UFT têm revelado que as relações humanas e seus interesses têm várias facetas que devem ser conhecidas, respeitadas e, algumas vezes, contornadas. Trata-se de um processo contínuo de construção e aprofundamento destas relações e, para

sua manutenção, deve ser avaliado sempre. Deste modo, as discussões realizadas ao final de cada edição da feira mostram que, embora existam limitações, o evento tem se consolidado enquanto espaço para construção de conhecimento e formação de pessoas. E ainda que para sua continuidade é necessário olhar o lado do produtor fortalecendo ainda mais os laços criados com as famílias de produtores, dar continuidade nos trabalhos por meio de outros projetos que valorizem a sua cultura, portanto seu modo de vida e fomentar uma associação entre os produtores.

E do lado do consumidor, é preciso pensar em estratégias que ratifiquem as vantagens de adquirir esse tipo de produto diretamente dos agricultores familiares que praticam uma agricultura limpa com bases agroecológicas, mesmo sem certificação. Muitos consumidores ainda veem com desconfiança os produtos da feirinha da UFT, por não serem certificados. Portanto, torna-se necessário solidificar as relações de confiança entre produtores e consumidores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências deste projeto evidenciaram que essas “novas” formas de produção e de consumo são reproduzidas a partir da dinâmica diferenciada que está envolvida no ambiente das feiras, as quais aproximam produtores e consumidores. Tal proximidade possibilita a interação direta com os mercados, os quais permitem identificar oportunidades econômicas, produtivas e de inovação. Sendo assim, a proximidade vai além do aspecto geográfico e de localização: ela é explicada, sobretudo, pela variável social, pois a aproximação de pessoas oportuniza o desenvolvimento de diversas ações que ultrapassam as fronteiras da universidade.

Dessa forma, entende-se que a feira é instrumento importante para formar pessoas, trazer esclarecimentos e conscientizar sobre a produção e o consumo de produtos da agricultura familiar produzidos de forma sustentável promovendo assim a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Como possibilidades de novas agendas de pesquisa, faz-se necessária a realização de futuras investigações que possam mapear e entender os aspectos que caracterizam melhor tanto os produtores quanto os consumidores nos ambientes da feira, dentro e fora da Universidade, assim como trabalhar (por meio de parcerias com associações e cooperativas) a organização dos produtores para a produção, armazenamento e transporte dos produtos.

Há, ainda, a necessidade de se sensibilizar por meio de ações, tais como: oficinas, rodas de conversas entre outras, os produtores e consumidores, principalmente a comunidade acadêmica, para a valorização dos produtos de origem da agricultura familiar produzidos de forma sustentável. Despertando a consciência na comunidade que ao se adquirir esse tipo de produto diferenciado leva-se em conta a questão ambiental, e esse é um dos caminhos para a preservação dos recursos naturais.

Alternative Market And Agroecological Transition: The UFT Feirinha Case

ABSTRACT

This paper intends to offer a contribution to understand a little more about the relationship between farmer, consumer and the role of the university to train people. Therefore, we resorted to action-research and participatory methodologies that prioritize innovation, participation and dialogue between different social actors in the various editions of the UFT little fair. According to the results, it is concluded that the approximation of people allows the development of various actions that cross the borders of the university. The fair became an instrument to promote the indissociability between teaching, research and extension, as well as raising awareness in the academic community of the need to value products of family farming origin.

Keywords: Participation; Dialogue; Family Farmers; Extension.

Mercado Alternativo Y Transición Agroecológica: El Caso Feria De La Uft.

RESUMEN

Este artículo tiene el objetivo de ofrecer una contribución para entender un poco más la relación entre productor, consumidor y el papel de la universidad en la formación de personas. Para ello, se recurrió a la investigación-acción ya las metodologías participativas que priorizan la innovación, la participación y el diálogo entre diferentes actores sociales en las diversas ediciones de la "feria de la UFT". De acuerdo con los resultados, se concluye que la aproximación de personas oportuniza el desarrollo de diversas acciones que sobrepasan las fronteras de la universidad. La feria se ha convertido en un instrumento para promover la indisociación entre enseñanza, investigación y extensión, además de sensibilizar a la comunidad académica de la necesidad de valorizar los productos de origen de la agricultura familiar.

Palabras clave: Participación; Diálogo; Agricultores Familiares; Extensión.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. P. de. **Feiras agroecológicas: institucionalidade, organização e importância para a composição da renda do agricultor familiar** / Tarcisio Patricio de Araújo, Roberto Alves de Lima, Júnior Macambira. – Fortaleza : Instituto de Desenvolvimento do Trabalho : Núcleo de Economia Solidária da Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

DAROLT, M. R. **Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores**. In: NIEDERLE P. A.; ALMEIDA L.; VEZZANI. F. M. (Orgs.). *Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. Curitiba: Kairós, 2013, p.139-170.

FINATTO, R. A.; CORRÊA, W. K. Desafios e perspectivas para a comercialização de produtos de base agroecológica - O caso do município de Pelotas/RS. **Revista Brasileira de Agroecologia**, vol. 5 No.1 2010. P. 95 – 105.

MOITA, F. M. G. da S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p. 269-280, maio/ago. 2009.

MONTEIRO, D.; LONDRES, Flavia. Pra que a vida nos dê flor e frutos: notas sobre a trajetória do movimento agroecológico no Brasil. In **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável** /organizadores: Regina Helena Rosa Sambuichi... [et al.]. – Brasília: Ipea, 2017 P.53-87.

MORA-OSEJO, L. E.; BORDA, O. F. A superação do eurocentrismo. Enriquecimento do saber sistêmico e endógeno sobre nosso contexto tropical. In: SANTOS, B. S. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 711-720.

NIEDERLE P A.; ALMEIDA L.; VEZZANI F. M. **Agroecologia**: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013, p. 23-68.

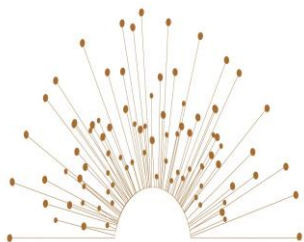
POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Elaborado pelo Fórum dos Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileira**. Porto Alegre: UFRGS, 2013. 74p.

SOUZA, J. V. da S. et al. A Importância das Feiras Agroecológicas para Pequenos Produtores da Região da Borborema na Paraíba. **Revista Brasileira de Agroecologia**/nov. 2009 Vol. 4 No. 2. P 4516 – 4519.

SOUZA, N. A.; FERREIRA, T; CARDOSO, I. M.; OLIVEIRA, C. L; AMÂNCIO, C.; DORNELAS, R. S.. Os Núcleos de Agroecologia: Caminhos e desafios Na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. In: **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável** / organizadores: Regina Helena Rosa Sambuichi ... [et al.]. – Brasília: Ipea, 2017 P.53-87.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ⁱ Recebido em 08 de Novembro de 2017. Aceito em 11 de Dezembro de 2017.



Orientação Profissional Com Jovens E Adultos De Uma Escola Pública¹

Ladislau Ribeiro do Nascimento¹
Izabella Novais de Souza Machado²

RESUMO

Este trabalho relata uma prática de Orientação Profissional (OP) realizada na Escola Estadual Onesina Bandeira, localizada em Miracema do Tocantins – TO. A intervenção, desenvolvida por meio de oficinas, buscou promover discussões sobre educação e trabalho e apresentar estratégias para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao desenvolvimento acadêmico e profissional. Realizou-se um total de nove encontros com a participação de quarenta estudantes da última série do Ensino Médio. As atividades incluíram dinâmicas, discussões, produção de textos e análises sobre o engajamento em processos de ensino e aprendizagem. O projeto mostrou-se relevante e pertinente aos jovens e adultos participantes.

Palavras-chave: Orientação Profissional; Desenvolvimento Humano; Educação de Jovens e Adultos (EJA); Psicologia Escolar e Educacional.

47

INTRODUÇÃO

No Brasil e em outras partes do mundo, as práticas de OP foram originariamente direcionadas para a classe média, por meio de trabalhos individualizados e praticados em consultórios particulares (RIBEIRO, 2003). No entanto, a partir da emergência de inúmeras demandas relacionadas à desigualdade social característica do excludente modelo de sociedade capitalista, psicólogas, psicólogos e estudantes de psicologia têm sido convocados para a realização de práticas de OP orientadas pelo compromisso ético-político da psicologia. Este modo de atuação exige postura crítica, capaz de eleger pessoas e grupos em condição de vulnerabilidade social como público-alvo. As análises e de intervenções devem considerar a mediação de elementos sociais, históricos, políticos e econômicos envolvidos nos processos de escolha profissional (BOCK, 2002).

As constantes mudanças características do mundo contemporâneo influenciam processos de organização do trabalho e exigem criatividade na preparação e efetivação de propostas de OP (PELLETIER, 2001). Deste modo,

¹ Ladislau Ribeiro do Nascimento é professor adjunto na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Graduado em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). E-mail: ladislaunascimento@uft.edu.br

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão da Universidade Federal do Tocantins (PIBEX).

tendo em vista a necessidade de criação de novas formas de “pensar-fazer” OP, e as particularidades e demandas recorrentes no cenário nacional, esta proposta foi direcionada a uma população vulnerável do ponto de vista econômico e social. O trabalho voltou-se para uma população merecedora de atenção e de cuidados para enfrentar e superar dificuldades impostas pelos mais diversos processos de exclusão.

Sendo assim, com base em uma perspectiva comprometida com a transformação social, desenvolveu-se uma intervenção na Escola Estadual Onesina Bandeira, situada no município de Miracema do Tocantins - TO. Trata-se de uma instituição que tem como público-alvo estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. As aulas do segundo ciclo do Ensino Fundamental, do 5º ao 9º ano, ocorrem nos períodos, matutino e vespertino. O Ensino Médio é oferecido no período noturno, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A proposta teve a finalidade de promover discussões sobre o mundo do trabalho, e de mobilizar nos participantes o conhecimento de si e o desenvolvimento de habilidades e competências fundamentais para a formação educacional e para o desenvolvimento profissional.

MÉTODO

O projeto, elaborado e desenvolvido como uma forma de intervenção psicossocial (SARRIERA; CÂMARA; BERLIM, 2006; NEIVA, 2010), foi coordenado por um docente do curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins em parceria com uma acadêmica do mesmo curso, ambos os autores deste relato. A acadêmica foi eleita em processo seletivo e recebeu bolsa de extensão oferecida pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX) da Universidade Federal do Tocantins.

O desenvolvimento das atividades ocorreu no segundo semestre de 2017. Elegeu-se como público-alvo um total de 41 estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, matriculados na modalidade denominada Educação de Jovens e Adultos (EJA). Realizaram-se nove encontros semanais com carga horária de uma hora e trinta minutos para cada encontro. As atividades incluíram estratégias como: (1) *Relatos escritos* acerca de habilidades, limitações e perspectivas de futuro; (2) elaboração de *escritas autobiográficas* (NEIVA, 2010), direcionadas para a produção de *escritas de si* (AQUINO, 2011); (3) *Inventário RIASEC* (HOLLAND, 1997) para identificação de habilidades e preferências que podem ser compatíveis, ou não, com as mais diversas áreas e profissões; (4) *Roda da Aprendizagem*: recurso utilizado para estimular o olhar sobre si mesmo e subsidiar a criação de estratégias de preparação para o ingresso em instituições de formação técnica ou superior; (5) *Relato de uma acadêmica* do curso de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins; (6) *Avaliação do Processo de OP*; (7) *Autoavaliação*; (8) *Visita ao Campus* de Miracema.

RESULTADOS

O primeiro encontro serviu para a apresentação da proposta e para a criação de vínculos entre o coordenador, a auxiliar e os participantes. Durante a sessão foi realizada uma atividade dinâmica por meio da qual os participantes compartilharam seus respectivos planos e objetivos, de modo interativo, com todo o grupo.

No segundo encontro, os participantes identificaram e descreveram suas próprias habilidades e limitações relacionadas com os processos de formação educacional, e com a construção da carreira profissional.

O terceiro encontro foi dedicado para a produção de autobiografias, pensadas como dispositivos destinados ao resgate de memórias e à mobilização de confiança nos participantes.

No quarto encontro realizou-se a aplicação do inventário RIASEC (HOLLAND, 1997), em uma proposta de identificação de aspectos identitários compatíveis com as mais diferentes áreas de atuação profissional. O uso do referido instrumento promoveu o conhecimento de si mesmo e apoiou a elaboração de planejamentos para a formação e para o desenvolvimento profissional, com base em motivações e interesses vinculados à própria identidade.

No quinto encontro houve a realização de duas atividades. A primeira consistiu no *Relato de uma acadêmica do curso de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins*. Ela falou sobre a experiência de ser acadêmica da referida instituição e levou informações sobre as particularidades do curso. Em um segundo momento, o coordenador e a auxiliar entregaram devolutivas produzidas a partir da leitura das autobiografias escritas a partir do terceiro encontro. As devolutivas foram acompanhadas de um roteiro para a realização de consultas e pesquisas sobre áreas e profissões de interesse.

No sexto encontro o coordenador e a auxiliar fizeram comentários sobre as autobiografias, bem como retomaram pontos destacados nas devolutivas entregues no encontro anterior. A estratégia abriu espaços para circulação da palavra e promoveu trocas de experiências entre os participantes, depois de terem realizado consultas e pesquisas sobre áreas e profissões de interesse. Em seguida, cada participante recebeu uma folha contendo registros de uma atividade denominada *Roda da Aprendizagem*. Este recurso estimulou o direcionamento do olhar sobre si mesmo, e ainda ofereceu orientações necessárias para a criação de estratégias de preparação para o ingresso em instituições de níveis técnico e superior.

No sétimo encontro realizou-se uma devolutiva sobre a atividade *Roda da Aprendizagem*, acompanhada pela apresentação de estratégias para a superação de desafios enfrentados nos processos de aprendizagem. O exercício estimulou a compreensão acerca da importância do desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para o ingresso em níveis de formação educacionais mais avançados.

No oitavo encontro realizaram-se duas avaliações. A primeira sugeriu o direcionamento do olhar sobre o percurso trilhado desde o início, incluindo as atividades realizadas e a interação entre coordenador, auxiliar e participantes. A segunda sugeriu uma sondagem sobre o próprio envolvimento e engajamento durante os encontros. Ao final, o coordenador e a auxiliar fizeram agradecimentos ao grupo. Destacaram a importância do envolvimento de cada

participante durante os encontros realizados. Por fim, ambos convidaram todos os participantes para o encontro de encerramento que seria realizado na Universidade Federal do Tocantins, mais especificamente no Campus de Miracema.

O nono encontro marcou o encerramento das oficinas de OP, quando, finalmente, os participantes conheceram algumas dependências do campus, receberam uma devolutiva geral sobre a participação nos encontros, ouviram relatos de acadêmicas e de acadêmicos dos diferentes cursos sediados naquele local, assistiram a uma apresentação cultural e confraternizaram com todas e todos que lá estavam em uma ação que marcou o encerramento parcial do projeto de extensão objeto deste relato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia de OP realizada mostrou-se relevante para empoderar e fortalecer estudantes historicamente fragilizados, excluídos e postos à margem de processos fundamentais para o desenvolvimento humano e social. Ela despontou como importante ferramenta de luta para a garantia e a afirmação dos direitos de acesso à educação e ao trabalho. Além do mais, apontou para a potência de uma psicologia comprometida com a transformação social.

Vale salientar que, a democratização de práticas psicológicas é crucial para o enfrentamento da pobreza e da desigualdade social. Deste modo, as estratégias de OP devem ultrapassar aqueles ambientes restritos, ocupados predominantemente pelas classes mais favorecidas, com o objetivo de alcançar populações desprovidas de acesso e de recursos para o desenvolvimento pessoal e profissional. (BASTOS, 2005).

Além das contribuições ao desenvolvimento de capacidades, habilidades e competências de estudantes pertencentes às classes populares, a prática de OP em escolas públicas pode promover rupturas necessárias no cotidiano escolar. Uma vez que, a diversidade e a pluralidade expressas em suas estratégias contrariam a rotina predominante nos contextos escolares. Deste modo, a abertura de espaços de fala e de escuta em contextos caracterizados pelo silenciamento aumenta a potência emancipatória da escola.

Considerou-se também a relevância deste projeto no que diz respeito à articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Ele teve a elaboração e o desenvolvimento apoiados em referenciais construídos no encontro entre Psicologia e Educação.

A expectativa é pela continuidade deste projeto. Conta-se, inclusive, com a possibilidade de se utilizar novas ferramentas e de promover oficinas em outros espaços. Nesta direção, projeta-se uma proposta de OP a ser realizada no campus de Miracema, para receber a comunidade externa e os próprios acadêmicos.

Professional Guidance With Young And Adults Of A Public School

ABSTRACT

This paper reports a practice of professional guidance performed at the public school Onesina Bandeira, located in Miracema do Tocantins - TO. The

intervention, developed through workshops, aimed to promote discussions about education and work and to present strategies for the development of skills and competences necessary for academic and professional development. A total of nine meetings were held with the participation of forty students from the last grade of High School. The activities included dynamics, discussions, text production and analysis of engagement in teaching and learning processes. The project was relevant and pertinent to young people and adults.

Keywords: Professional Guidance; Human Development; Youth and Adult Education; School Psychology.

Orientación Profesional Con Jóvenes Y Adultos De Una Escuela Pública

51

RESUMEN

Este trabajo relata una práctica de Orientación Profesional (OP) realizada en la Escuela Estadual Onesina Bandeira, ubicada en Miracema do Tocantins - TO. La intervención, desarrollada por medio de talleres, buscó promover discusiones sobre educación y trabajo y presentar estrategias para el desarrollo de habilidades y competencias necesarias para el desarrollo académico y profesional. Se realizaron un total de nueve encuentros con la participación de cuarenta estudiantes de la última serie de la Enseñanza Media. Las actividades incluyeron dinámicas, discusiones, producción de textos y análisis sobre el compromiso en procesos de enseñanza y aprendizaje. El proyecto se mostró relevante y pertinente a los jóvenes y adultos participantes.

Palabras clave: Orientación Profesional; Desarrollo Humano; Educación de Jóvenes y Adultos (EJA); Psicología Escolar y Educacional.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 3, p. 641-656, dez. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000300013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 09 de Abril de 2017.

BASTOS, J. C. Efetivação de escolhas profissionais de jovens oriundos do ensino público: um olhar sobre suas trajetórias. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 6(2), 31-43, 2005.

BOCK, S. D. **Orientação Profissional: A Abordagem Sócio-Histórica**. São Paulo: Cortez, 2002.

HOLLAND, J. L. **Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments**. Psychological Assessment Resources, 1997.

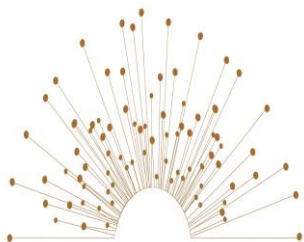
NEIVA, K. M. C. **Intervenção Psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas**. 1ª. ed. São Paulo: Vetor Editora, 2010.

PELLETIER, D. S'orienter dans un monde incertain. **Pour une approche orientante de l'école québécoise**. Ste-Foy: Septembre Éditions, 2001.

RIBEIRO, M. A. Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 4, n. 1-2, p. 141-151, 2003.

SARRIERA, J. C; CÂMARA, S. G; BERLIM, C. S. **Formação e Orientação Ocupacional - Manual para jovens à procura de emprego**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

ⁱ Recebido em 09 de Novembro de 2017. Aceito em 11 de Dezembro de 2017.



Performances Juvenis: O Cotidiano Dos Alunos De Uma Escola Da Cidade De Cajazeiras-PB¹

Maria Larisse Elias da **Silva**¹
Rosemere Olímpio de **Santana**²

RESUMO

A inspiração desse trabalho se deu a partir da conclusão do Projeto de Extensão “O Protagonismo Juvenil e a Formação Continuada”, executado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Manoel Manguera Lima, tendo como instituição propulsora a Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP em parceria com o Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores - LIFE. A partir disso, propomos aqui, lançar algumas reflexões em torno do eixo-problema que fomentou a criação da extensão, pondo em discussão as principais contribuições da referida diante das performances dos jovens envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Juvenis; Cotidiano Escolar; Extensão.

A PERSPECTIVA DE EXTENSÃO EM PERSPECTIVA

A inspiração desse trabalho nasceu a partir da execução do Projeto de Extensão “O Protagonismo Juvenil e a Formação Continuada” desenvolvido na Universidade Federal de Campina Grande, UFCG/CFP o qual fazia parte do “Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores - (LIFE)”. Esse laboratório em sua essência objetiva reunir projetos de extensão que procurem estabelecer um diálogo com escolas da cidade de Cajazeiras, Estado da Paraíba, a partir da formação continuada dos professores que se dispusessem a compor o grupo de trabalho.

O projeto de extensão em questão teve como espaço de atuação a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Manoel Manguera Lima, localizada em Cajazeiras. As atividades do Projeto foram realizadas entre os meses de maio a dezembro do ano de 2016. O grupo que compunha este Projeto de extensão contava com quatro pessoas, sendo uma coordenadora, um orientador, uma bolsista e uma voluntária.

Essa composição era bastante heterogênea, e, com isso, tentávamos promover reflexões que tivessem uma finalidade interdisciplinar, afinal, éramos duas da área da História, um da Filosofia e outra das Letras. A escolha da bolsista e da voluntária se deu por meio de uma seleção, o qual as referidas

¹ Graduanda no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP, e-mail: larisse_elias@hotmail.com.

² Professora titular do curso de História na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG/CFP, e-mail: rosemere.santana@hotmail.com.

passaram por entrevista e análise do histórico acadêmico junto com outros alunos.

O problema que apontou para a construção dessa extensão foi um número significativo de evasão e abandono escolar em algumas instituições da cidade de Cajazeiras. Além de existir também a incidência de transferências de alunos de determinada escola para outra, o qual se localizava na maioria das vezes em bairros distantes de sua moradia.

Segundo Wanda Engel Aduan (2010, p. 17), pesquisas do Instituto Unibanco no Brasil³ no ano de 2010, apontaram que “os fatores de expulsão dos jovens de dentro da escola são mais fortes do que a atração do mercado de trabalho ou a pressão da necessidade financeira.” Em 2010, o então presidente-executivo do Todos Pela Educação⁴, Mozart Neves Ramos (2010) afirma que “o Ensino Médio não consegue motivar, atrair e fixar o jovem nessa etapa da Educação Básica e que 40% dos estudantes que abandonam o Ensino Médio dizem apenas não quererem mais frequentar a escola”. Dos inúmeros fatores que estão ligados a não identificação dos jovens com o espaço escolar, isso se dá pelo fato das escolas ainda não pensarem em, segundo Paulo Carrano; Carlos dos Santos Martins (2011, p. 44):

[...] contribuir para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais.

Já para Ramos (2010), “os problemas do Ensino Médio se devem principalmente à dificuldade de formar professores, tanto em quantidade quanto em qualidade”. A questão da formação docente mais uma vez é apontada como problemática no que se refere a um ensino mais motivador e atraente. Diante dessa demanda propomos realizar um projeto de extensão voltado para a formação continuada dos professores das escolas já mencionadas. O objetivo inicial da extensão era trabalhar com docentes de no máximo duas escolas e em especial os que atuam no Ensino Médio.

Ao criarmos essa relação de diálogo com os professores, poderíamos perceber as condições de trabalho que eram submetidos, e, conseqüentemente, as condições de ensino que os alunos estão inseridos. Tendo em vista que estamos diante de inúmeros discursos cada qual defendendo uma suposta realidade sobre o ensino. Assim, o nosso desejo era pensar essas experiências e a partir delas construir caminhos possíveis de trabalho.

Na proposta teríamos encontros quinzenais com os professores da rede básica, onde iríamos dialogar sobre metodologias de ensino; condições de trabalho; identificação do docente com o espaço de trabalho; pensar atividades de intervenção junto com os professores que evidenciassem o protagonismo juvenil por meio das tecnologias; compreender como as representações das

³ Criado em 1982, o Instituto Unibanco atua para a melhoria da educação pública no Brasil. É uma das instituições responsáveis pelo investimento social privado do Itaú Unibanco. Disponível em: <http://www.institutounibanco.org.br/sobre/>.

⁴ Movimento da sociedade brasileira que tem como missão engajar o poder público e a sociedade brasileira no compromisso pela efetivação do direito das crianças e jovens a uma Educação Básica de qualidade. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/pagina-inicial/>.

culturas juvenis influenciam as práticas escolares; tentar perceber se o aluno se identifica com o espaço escolar; além de identificar junto com os professores se nas escolas o protagonismo juvenil vem sendo trabalhado.

Tudo que seria discutido com os professores iria compor o processo de construir saberes, pois não fazia parte da proposta do projeto chegar com ideias prontas, mas sim, de construir algo com eles.

Assim, as reuniões semanais que fazíamos com o grupo do projeto ficaria mais para pensarmos ideias e métodos que iriam ser discutidos nos encontros quinzenais com os professores, para que juntos construíssemos algo. E, ocorriam reuniões mensais com o grupo do programa para que pudéssemos compartilhar as experiências até então obtidas por todos os grupos e também para nossa formação.

ITINERÁRIOS DA EXTENSÃO

Quando visitamos as escolas e apenas uma abriu as portas para receber o projeto, vimos que a proposta objetivada inicialmente - de construir uma formação continuada - não iria ser sensata para o momento por conta dessas circunstâncias. Percebemos então que existia a oportunidade de construirmos algo voltado para o protagonismo juvenil diretamente com os alunos.

Dessa forma, voltamos a nos reunir e tentar elaborar uma maneira de nos aproximarmos daquele público, pois, sabíamos o quão difícil muitas vezes é trabalhar com um projeto no Ensino Médio.

O objetivo central da proposta da extensão agora seria construir conceitos de protagonismo baseado na realidade daqueles alunos e possibilitar reflexões em torno do processo de protagonização. Por isso, havia necessidade de termos um contato mais próximo com os alunos para que eles se sentissem a vontade para dialogar e pensar algo conosco.

A partir do momento em que ocorresse um diálogo espontâneo entre nós e eles, poderíamos passar a perceber seus anseios, a maneira como eles se protagonizavam e se existia o incentivo por parte da escola para a promoção do protagonismo juvenil. Para Maria Abádia da Silva (2002, p. 3) temos que:

Pensar um conceito de protagonismo juvenil que tenha em vista a ação do jovem em seu meio como atuante desse espaço, no qual seja possível trabalhar com grupos de jovens questões sobre ensino e diversidade, discutindo as desigualdades que se arrastam desde séculos passados até a sociedade contemporânea.

Nosso objetivo era construir um conceito de protagonismo junto com os alunos, pois acreditávamos que nenhum lugar é mais apropriado que o próprio meio aonde o sujeito está inserido para se pensar e promover o processo de protagonização. Logo, antes de começarmos a construir esse conceito, existia a necessidade de conhecermos a realidade dos alunos sem que os mesmos estivessem numa pressão de questionários ou se vissem obrigados a falar sobre seu espaço de inserção.

Diante disso, surgiram algumas inquietações que seriam encaminhadas como objetivos específicos, tais como: 1. Perceber o lugar social daqueles alunos para que diante disto, pudéssemos nos aproximar deles com um diálogo

mais claro, que pudesse estreitar o distanciamento que existia; 2. Perceber seus anseios e medos, para que isso nos possibilitasse refletir sobre maneiras que rompessem esses medos rumo a uma conversa sobre o protagonismo.

Com o auxílio das informações contidas nos objetivos específicos, visávamos saber se para aqueles jovens a perspectiva de futuro era: estar numa universidade? Construir uma família e viver em função da mesma? Ajudar seus pais na agricultura? Conseguir um emprego após concluir o ensino médio? Ter filhos e ser pais solteiros? Qual conceito de família eles tinham? O que para eles seria uma profissão? Se toda profissão para eles era digna? O que eles pensavam a respeito da realização de seus sonhos?

Todos esses questionamentos eram importantes para construirmos um diálogo de forma mais afetuosa e menos estatística com aqueles jovens. Segundo Carrano (2013, p. 50):

Para compreender os sentidos e significados que os jovens atribuem à escola, é fundamental considerar que os jovens produzem uma maneira própria de ver e valorizar a escola a partir de seus pertencimentos aos diferentes contextos sociais.

Por meio de algumas intervenções realizadas, eles começaram a se expressar e isso possibilitou perceber um pouco das concepções de vida que eles carregavam, perceber o lugar social que estavam inseridos, seus medos, projeções futuras e os demais questionamentos citados acima.

Com a conquista dessa aproximação da realidade dos jovens, começamos a dialogar sobre o que seria o protagonismo de um jovem; de que forma uma pessoa poderia se protagonizar; se a escola aonde eles estudavam impulsionava-os à protagonização ou simplesmente fazia de conta que isso não existia e eles estavam ali apenas como receptores do conhecimento.

A partir desses questionamentos se constituiu um terceiro objetivo específico – 3. O que seria o protagonismo juvenil para os jovens em questão? Sempre iniciávamos um assunto partindo das suas inquietações. Tais inquietações nos proporcionava uma abertura para o diálogo mais específico e que eles alegavam não ter o mesmo espaço com os seus professores.

Todas essas questões explicitadas nos objetivos, sejam eles específicos ou gerais, nos direcionava a um foco que era discutir sobre os mais variados assuntos que estivessem no cotidiano, e, a partir desta reflexão, eles se sentissem incomodados e pudessem se perceber na sociedade como pessoas que são capazes de promover ações positivas e dinâmicas, que possuem opiniões e estas devem ser ouvidas e levadas em consideração, que existe a possibilidade de atuar em seu meio social voltando seu interesse para políticas públicas e sociais, mas que estivessem voltadas para a promoção do seu protagonismo.

Acreditávamos também que ação de protagonizar-se poderia ser exercida nas pequenas coisas, como a exemplo, nos questionamentos que eles levantavam nas conversas que tínhamos. Só o fato de ser rompido, por eles, aquele muro que há entre o professor/colaborador e eles, já é de grande importância. Pois, a inquietação que as conversas produziam, faziam eles se sentirem a necessidade de questionar um pouco mais, e, conseqüentemente se protagonizar.

RESULTADOS

No decorrer das nossas idas à escola percebemos que um fator que os incomodava muito era a não identificação com aquele espaço escolar por conta da falta de estrutura adequada para suportá-los, pela falta de assistência do núcleo gestor, dentre outros. Diante disso, começamos a fomentar rodas de conversa sobre espaço escolar, para tentar perceber se de alguma forma a escola proporcionava o protagonismo desses jovens.

Além do processo de pedagogização não se voltar para a protagonização daqueles alunos, também existia determinadas nuances por parte do núcleo gestor que dificultavam a promoção dos discentes. Para os alunos era uma situação incômoda, então, resolvemos trabalhar também nessa perspectiva... deles se perceberem capazes de promover alguma ação naquele espaço que tivesse a intenção de solucionar ou amenizar os problemas que eles enfrentavam no seu cotidiano escolar.

Antes da conclusão do projeto os alunos promoveram uma ação de recolher assinaturas em forma de abaixo assinado, no qual possuía uma pauta de reivindicações voltadas para melhoria do espaço escolar. Levaram esse documento para a 9ª Regional em busca de uma solução, pois a gestão escolar não era tão atuante quanto se fazia necessário para as questões apresentadas pelos jovens.

Juvenile Performances: The Daily Life Of The Students In A School In The City Of Cajazeiras-PB

ABSTRACT

The inspiration for this work came from the conclusion of the Extension Project "The Youth Protagonism and Continuing Education", carried out at the State School of Elementary and Middle School Professor Manoel Mangueira Lima, with the Federal University of Campina Grande as the driving force - UFCG / CFP in partnership with the Interdisciplinary Laboratory for the Training of Educators - LIFE. From this, we propose here, to throw some reflections around the problem axis that fomented the creation of the extension, putting in discussion the main contributions of said before the performances of the young people involved.

Keywords: Youth Representations; Everyday School; Extension.

Performances Juveniles: El Cotidiano De Los Alumnos De Una Escuela De La Ciudad De Cajazeiras-PB

RESUMEN

La inspiración de ese trabajo se dio a partir de la conclusión del Proyecto de Extensión "El Protagonismo Juvenil y la Formación Continuada", ejecutado en la Escuela Estadual de Enseñanza Fundamental y Medio Profesor Manoel Mangueira Lima, teniendo como institución propulsora la Universidad Federal de Campina Grande - UFCG / CFP en asociación con el Laboratorio

Interdisciplinario de Formación de Educadores - LIFE. A partir de eso, proponemos aquí, lanzar algunas reflexiones en torno al eje-problema que fomentó la creación de la extensión, poniendo en discusión las principales contribuciones de la referida ante las performances de los jóvenes involucrados.

Palabras clave: Representaciones Juveniles; Escolar; Extensión.

REFERÊNCIAS

ADUAN, Wanda Engel. **A crise de audiência no Ensino Médio**. 2010, p. 1-20. Disponível em:

https://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/wanda_engel.ppt.

CARRANO, P. C. R. et al. Formação de professores do Ensino Médio, etapa I-caderno II: O jovem como sujeito do Ensino Médio. **Curitiba: UFPR/Setor de Educação**, 2013, p. 1-70. Disponível em:

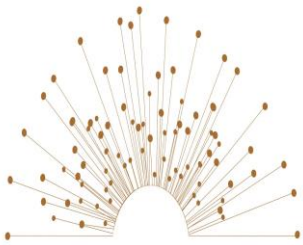
http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/cadernos/web_caderno_2.pdf.

DOS SANTOS MARTINS, Carlos Henrique; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação (UFSM)**, v. 36, n. 1, 2011, p. 43-56. Disponível em: http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/Carrano_Carlos_Henrique_A_escola_diante_das_culturas_juvenis.pdf.

RAMOS, Mozart Neves. 2º Educação em Pauta – 2010: “**A crise de audiência no Ensino Médio**”. Entrevista concedida a Pedro Bottino Teixeira, 2010. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/425/40-dos-jovens-evadem-por-desinteresse/>.

SILVA, Maria Abádia da. **Intervenção e consentimento: a política educacional do Banco Mundial**. Campinas, SP: Autores Associados: São Paulo: FAPESP, 2002.

¹ Recebido em 03 de Novembro de 2017. Aceito em 09 de Dezembro de 2017.



Projeto Clube De Música: Uma Proposta De Curricularização Da Extensão Na Educação Do Campo¹

José Jarbas Ruas¹
Milena dos Santos²
Elisângela Pereira da Silva³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o relato da experiência vivenciado por duas acadêmicas do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Habilitação em Artes e Música que cursaram a disciplina Optativa Metodologia do Ensino de Cordas Dedilhadas durante o semestre letivo de 2017.2. A disciplina teve por objetivo curricularizar a extensão a partir das ações de ensino desenvolvidas na Universidade Federal do Tocantins e aplicadas no Clube de Música - Violão. O projeto foi desenvolvido entre os meses de agosto e outubro, no Centro de Ensino Médio Girassol de Tempo Integral Darci Marinho (CEM Darci Marinho) contando com a presença da comunidade discente envolvida com o Clube de Música. As atividades ocorreram em todos os dias da semana com a participação de aproximadamente 16 alunos. A renovação do projeto para o próximo ano está em negociação com a escola.

Palavras-chave: Ensino Coletivo De Instrumento; Ensino De Violão; Educação Do Campo; Curricularização Da Extensão.

CONHECENDO A DEMANDA: A SENSIBILIDADE NO ATO DE ESCUTAR

Orientados pelo pensamento de Freire, aprender a escutar com intencionalidade, exige atenção àquilo que se ouve e exige do agente envolvido a necessidade de estar presente naquilo que está sendo dito. Este relato traduz oportunamente a sensibilidade da escuta e a consequente apresentação de soluções em devolutiva às demandas comunitárias construídas em parceria a partir da relação entre ensino, pesquisa e extensão.

A partir da disciplina estágio curricular supervisionado III, desenvolvido com a temática em música, os tutores Maycom Cléber e Poliana Oliveira foram

¹ Mestre em Musicologia, bacharel em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Magistério Superior na Universidade Federal do Tocantins no Departamento de Educação do Campo – Tocantinópolis. jjruas@uft.edu.br. Endereço: Avenida Nossa Senhora de Fátima, 1588, Setor Céu Azul. Tocantinópolis – TO. CEP: 77900-000.

² Graduanda na Licenciatura em Educação do Campo: Artes e Música. Aluna de graduação na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: milenasantos11@hotmail.com. Endereço: Rua Sergipe, n° 322, Setor Dergo. Tocantinópolis - TO. CEP: 77900-000.

³ Graduanda na Licenciatura em Educação do Campo: Artes e Música. Aluna de graduação na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: elisangela.adl@outlook.com. Endereço: Avenida Nossa Senhora de Fátima, 1588, Setor Céu Azul. Tocantinópolis – TO. CEP: 77900-000.

procurados pela diretora da unidade escolar CEM Darci Marinho sobre as atividades do Clube de Música. A diretora apresentou a proposta de funcionamento e convidou os tutores a acompanharem regularmente as atividades do Clube de Música, orientando seus respectivos membros dado à falta de profissionais qualificados na unidade para tal ação.

Após esta conversa, os tutores trouxeram a demanda para a Universidade, em busca de metodologias e materiais didáticos para o Clube. Dada a relação de orientação com o Programa de Apoio ao Discente Ingressante (PADI) – Música, os acadêmicos convidaram o docente coordenador do programa para apadrinhar o Clube de Música e ser orientador das propostas metodológicas para o desenvolvimento da ação. Feita a exposição da demanda, o professor propôs uma reunião com a direção da escola e a elaboração de uma disciplina que pudesse agregar outros alunos com intuito capacitar um grupo habilitado para trabalharem como tutores no clube de música.

Os acadêmicos proporcionaram o encontro escola e universidade, o qual sedimentou a criação de uma disciplina-curso voltada a formação de tutores para atuação no projeto de extensão.

A disciplina Metodologia do Ensino de Cordas Dedilhadas (MECD) teve como objetivos proporcionar reflexões sobre métodos de ensino para instrumentos de cordas dedilhadas e, acima de tudo, preparar os participantes para o desenvolvimento de práticas pedagógicas em instrumentos de cordas dedilhadas. Com o intuito de que os acadêmicos pudessem por em prática o aprendizado adquirido na disciplina, o professor-regente propôs a participação dos matriculados como tutores no projeto de extensão.

A Unidade Escolar que recebeu o projeto faz parte de um programa governamental denominado Jovem em Ação que tem por objetivo implantar nas escolas de Ensino Médio o regime de tempo integral e desenvolver o protagonismo juvenil. Dessa forma, o clube de Música do CEM Darci Marinho tem suas atividades e ações deliberadas pelo corpo discente. A unidade escolar dispõe de outros clubes visando uma mudança no projeto político pedagógico para o contexto disciplinar e estrutural das áreas de conhecimentos, sendo estas trabalhadas em conjunto com os jovens das U.E.

A proposta de acompanhamento pedagógico para o ensino de violão aos membros do clube de Música foi bem acolhida pela direção e membros da comunidade escolar.

METODOLOGIA E MATERIAIS

Além dos objetivos que foram supracitados, a disciplina MECD prima pelo aprimoramento dos conhecimentos técnicos, mecânicos e musicais dos participantes em seu instrumento musical para orientação didático-pedagógica em sala de aula. Em sua metodologia busca-se aproximar os conceitos de teoria e percepção musical com a prática no instrumento e proporcionar ao acadêmico um espaço de discussão sobre atividades voltadas ao ensino coletivo de instrumentos. Matricularam-se na disciplina 13 (treze) alunos; aos quais 10 (dez), participam do projeto Clube de Música - Violão; 1 (um) aluno desenvolveu o projeto em Angico – TO e 1 (uma) aluna no projeto Mais Educação, em Esperantina – TO.

O projeto foi dividido em dois momentos. O primeiro se iniciou com a preparação técnica da equipe de tutores, na universidade, onde o professor utilizou métodos participativos para que os discentes desenvolvessem a prática pedagógica. Durante a aula, os alunos aplicavam os conteúdos entre si. Conteúdos técnicos como postura corporal, a forma orgânica para o manuseio do instrumento eram constantemente acompanhadas entre os discentes durante os momentos práticos da disciplina.

Na Universidade, foram aplicados dois métodos de ensino de violão (SAVIO e PINTO). Ambos tiveram sua notação transcrita para tablatura para treinamento de leitura e assimilação mais rápida dos exercícios musicais. Ainda durante o Tempo Universidade 1 foram discutidos quais os conteúdos iriam ser desenvolvidos com os alunos no Clube de Música. Essa atividade foi pensada em dupla sendo que ao término desta etapa foi desenvolvido um plano de curso para nove aulas. No segundo momento, já no CEM Darci Marinho, cada dupla ficou responsável por um grupo composto entre 3 e 7 alunos atendendo a seguinte distribuição:

| Dias da Semana | Alunos do Projeto |
|-----------------------|---|
| Segunda-feira | Elisângela Pereira e Milena dos Santos |
| Terça-feira | Sara Mesquita e Renata Lima |
| Quarta-feira | Maycom Cleber Araújo e Poliana Oliveira |
| Quinta-feira | Edmila Matos e Moises Almeida |
| Sexta-feira | Cecília Carvalho e Bruno Feitosa |

Tabela 1 – Quadro de distribuição de tutorias

Além das tablaturas trabalhadas na Universidade, desenvolvemos um material para apresentar o violão aos membros do clube de música. Neste, constam as partes do violão, de forma detalhada, apresentando o nome das cordas do violão, digitação de mão esquerda e mão direita. Logo após concluir a parte teórica, passamos a desenvolver a parte prática trabalhando a melodia da música “O Grave Bater” (MC Kevinho) em tablatura e a música “O Sol” (Jota Quest). Nessa música buscamos trabalhar os acordes maiores de Lá, Mi, Ré e Sol, com o acompanhamento rítmico para pop-rock. Outra música trabalhada em sala foi “Pra não dizer que não falei das flores” (Geraldo Vandré) para praticar os acordes de Mi menor e Ré maior e o acompanhamento rítmico da guarânia.

AVALIAÇÕES E CONSIDERAÇÕES

As atividades de ensino da disciplina MECD se encerraram em 21 de outubro com uma apresentação dos alunos do clube de Música-Violão no auditório Vigilante Adão Ribeiro, no campus da UFT-Tocantinópolis (ver

figura 1). Esta programação teve por objetivo reunir os membros do clube de Música para apresentarem seu desenvolvimento ao longo dos encontros realizados entre agosto e outubro.



Figura 1 Coordenador, Tutores e membros do projeto pós apresentação. Créditos: José Jarbas Ruas/Divulgação. Capturada em 21 out. 2017, em Tocantinópolis, Tocantins, Brasil.

Em conjunto com os membros do CM, os tutores selecionaram duas músicas do repertório trabalhado em sala de aula para esta apresentação. Cada grupo foi apresentado por sua respectiva dupla de tutores (ver tabela 1), que descreveram ao público um relato de experiência sobre sua participação no projeto e no processo de ensino-aprendizagem com o CM. Nesta apresentação, tivemos a oportunidade de reunir os membros dos 5 (cinco) grupos e apresentarmos em conjunto a canção “Pra não dizer que não falei das flores” (Geraldo Vandré).

No último encontro, antes da apresentação, fizemos uma roda de conversa com os alunos, onde perguntamos como tinha sido a experiência de aprender a tocar violão? Como eles avaliavam o seu aprendizado, as técnicas e metodologias empregadas pelos tutores? As respostas foram todas positivas. A maioria destacou a alegria em poder tocar músicas e principalmente a satisfação de descobrir que conseguiam tocar e cantar ao mesmo tempo. Mesmo os alunos que já tinham tido contato com o violão fora da escola, o projeto propiciou a estes um primeiro contato formal com o ensino sistemático de música, permitindo a estes “uma noção do que seja estudar música”.

As atividades de tutoria deram continuidade mesmo com o fim da disciplina, já que o clube de música da escola tem atividades semanais previstas até o fim do semestre letivo escolar. Um dos pontos positivos do projeto foi a disponibilidade e o interesse demonstrado pelos alunos em aprender o instrumento. Para tanto, destacamos que alguns membros do clube chegaram a participar de outros grupos de estudo de violão para terem mais encontros e contato com o instrumento.

Entre nossos anseios, esperamos que a escola consiga superar algumas dificuldades diagnosticadas neste ano de atividades como a falta de violões para os membros do clube de Música, já que dos seis violões disponíveis, apenas três estão em uso em virtude de avarias nos demais (problema com tarraxa, cordas arrebentadas e/ou danos na estrutura do instrumento). O baixo número de instrumentos a disposição requer que os

tutores levem seu próprio instrumento para as atividades do projeto a fim de garantir da prática durante os encontros.

Outro ponto avaliado é a duração dos encontros – 50 minutos semanais. Os encontros acontecem entre 12h30 e 13h20, durante o intervalo de almoço do aluno. Eventualmente, há atrasos para o início das atividades dada a logística de atendimento das turmas neste horário.

Nossa esperança é que a parceria que viabilizou o projeto continue no próximo ano, possibilitando o desenvolvimento de metodologias e materiais didáticos que nos permitam elaborar um plano de curso anual, com novos conteúdos teórico-práticos de música. Acreditamos que o diálogo entre ensino, pesquisa e extensão é fundamental para a formação dos agentes envolvidos, contribuindo para o desenvolvimento profissional aos acadêmicos da UFT, enquanto tutores, e pessoal aos membros do Clube de Música. Do nosso ponto de vista, o projeto contribui para estreitar laços entre a Universidade e a comunidade tocantinopolina.

A avaliação do projeto junto à unidade escolar ainda está por acontecer a fim de tratar da continuidade da ação e pactuar avanços e melhorias para as práticas pedagógicas dos alunos-tutores da UFT visando o acompanhamento dos membros do clube de Música.

Music Club Project: Extension's Curricular Proposition On Rural Education

ABSTRACT

This paper aims to present the report of the experience experienced by two undergraduate students in the Rural Education Degree: Arts and Music who studied the Optional discipline Methodology Teaching of Strings Fingering during the academic semester of 2017.2. The objective of the course was to curriculum the extension from the teaching actions developed University and applied in the Music Club - Guitar. The project was developed between August and October at the Center for Integral Education Darci Marinho (CEM Darci Marinho). The activities took place every day of the week and had approximately 16 students from the school unit, all of whom were members of the Music Club.

Keywords: Collective Teaching Of Instrument; Guitar Teaching; Field Education; Extension Curriculum.

Proyecto Club De Música: Propuesta De Curricularización De La Extensión En La Educación Del Campo

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo presentar el relato de la experiencia vivenciada por dos académicas del curso de Licenciatura en Educación del Campo: Habilitación en Artes y Música que cursaron la disciplina Optativa Metodología de la Enseñanza de Cordas Dedadas durante el semestre lectivo de 2017.2. La disciplina tuvo por objetivo curricularizar la extensión a partir de

las acciones de enseñanza desarrolladas Universidad y aplicadas en el Club de Música - Guitarra. El proyecto fue desarrollado entre los meses de agosto y octubre, en el Centro de Enseñanza Media Girasol de Tiempo Integral Darci Marinho (CEM Darci Marinho) Las actividades ocurrieron todos los días de la semana y contaron con aproximadamente 16 alumnos de la unidad escolar, todos estos miembros del Club de Música.

Palabras clave: Enseñanza Colectiva De Instrumento; Enseñanza De La Guitarra; Educación Del Campo; Curricularización De La Extensión.

REFERÊNCIAS

MC Kevinho. **O grave bater**. 2017.

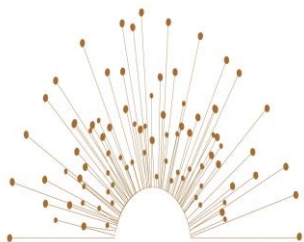
NASTÁCIA, Antônio Júlio. O sol. In: Jota Quest. **Até onde vai**. Rio de Janeiro: Sony BMG 2005. 5 CD. Faixa 5.

PINTO, Henrique. **Iniciação ao Violão**. Vol.1. São Paulo: Editora Ricordi, 1978.

SAVIO, Isaias. **Escola moderna do violão**. São Paulo: Editora Ricordi, 1985.

VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores**.

ⁱ Recebido em 10 de Novembro de 2017. Aceito em 11 de Dezembro de 2017.



Promoção De Saúde Na Escola: Uma Experiência Interativa Entre Ensino Superior E Básico Em Palmas - TOⁱ

Bruno Garcia Simões Favaretto¹

Hugo Marques Correia²

Luana Furlanetto³

Leila Rute Oliveira Gurgel do Amaral⁴

65

RESUMO

A promoção em saúde deve contemplar uma abordagem biopsicossocial de saúde. Sendo assim, baseado no Programa Saúde na Escola, objetivou-se auxiliar a promoção de saúde em três escolas municipais de Palmas, Tocantins. Seus agentes foram estudantes de Medicina da Universidade Federal do Tocantins que, por meio de estratégias expositivas e lúdicas, abordaram diferentes temas de saúde a alunos de 6 a 18 anos. Tal abordagem resultou em reflexões pessoais, acadêmicas e políticas de todos os envolvidos.

Palavras-chave: Saúde na Escola; Extensão em Saúde; Prevenção de Saúde; Saúde de Jovens.

INTRODUÇÃO

A Promoção de Saúde é uma das principais maneiras de redução nas desigualdades aos cuidados da saúde de uma população, cujos indivíduos normalmente não são igualmente assessorados pelas instituições responsáveis. Ademais, o conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS) contempla aspectos biológicos, psíquicos e sociais, da vida de um indivíduo, sendo definida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”. Nessa perspectiva, diversas conferências foram realizadas acerca de como promover saúde em seu aspecto amplo. A primeira delas ocorreu em 1986 em Ottawa, Canadá. Neste evento acordou-se sobre a necessidade de uma nova saúde pública, que contemplasse mais do que apenas o setor de saúde, mas também interferências políticas, ambientais,

¹ Mestre em Ciências (Neurociências e Comportamento). Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas. Discente de Medicina na Universidade Federal do Tocantins. Email: brunogsfavaretto@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4562-7598.

² Bacharel em Psicologia. Psicólogo do Hospital Regional Alfredo Oliveira Barros, Paraíso do Tocantins – TO. Email: hugomc80@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-3032-8819.

³ Bacharel em Enfermagem. Discente de Medicina na Universidade Federal do Tocantins. Email: luana_furlanetto@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-1056-9677.

⁴ Pós-Doutora em Psicologia da Educação. Doutora em Ciências (Psicologia). Mestre em Ciências (Psicologia). Bacharel em Psicologia. Professora adjunta da Universidade Federal do Tocantins (Medicina). Email: leila.gurgel@uft.edu.br. ORCID: 0000-0002-0863-4580. Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas. NS 15 ALC NO 14. Plano Diretor Norte. CEP.: 77001090 - Palmas, TO – Brasil; Telefone: (63) 32328020; www.uft.edu.br.

econômicas dentre outras. Desta maneira, a saúde caberia a diversos setores sociais, incluindo escolas, lares, espaços comunitários, sendo suas ações realizadas por meio de organizações educacionais, profissionais, comerciais e voluntárias, inclusive por instituições governamentais (WHO, 1986; 1997).

O debate sobre saúde no Brasil, realizado pelo Conselho Nacional de Saúde, até 1986, limitava-se a debater questões internas, uma vez que “o Estado não oferecia assistência médica, com exceção de casos particulares, como tuberculose, hanseníase e doença mental” (BRASIL, 2017). Contudo, neste mesmo ano, a 8ª Conferência Nacional de Saúde, decidiu pela implantação da garantia à saúde como direito social para a população, direito o qual foi fundamentado dois anos depois pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 como o Sistema Único de Saúde (SUS). A intenção interssetorial do SUS se apresenta evidente em várias propostas, entre as quais o Programa Saúde na Escola (BRASIL, 2015), que propõe ser o ambiente escolar um local propício para contribuir para a formação estudantil no que concerne à promoção, prevenção e atenção à saúde do Ensino Básico e suas modalidades.

Desde a proposição da Política Nacional de Promoção à Saúde, que objetiva integrar o conhecimento acerca da saúde e o ambiente escolar, diversas discussões e execuções de projetos têm ocorrido no Brasil (Vasconcelos, 2001, 2004; Stotz, David, Um, 2005; Maciel et al., 2010; Barbieri, Noma, 2013; Assunção et al., 2014). Desse modo, o ambiente escolar e seus atores, docentes e discentes representados por diferentes faixas etárias, torna-se campo propício para ações de promoção de saúde nessa população.

OBJETIVO

Desenvolver ações de promoção e prevenção de saúde em três escolas públicas do município de Palmas - TO.

MATERIAL E MÉTODOS

Os agentes de intervenção foram 32 alunos do curso de Medicina da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas, estado do Tocantins, matriculados em disciplina obrigatória de Psicologia e Ciência da Vida, cuja temática aborda o desenvolvimento biopsicossocial do ser humano. Os alunos foram coordenados e mediados pela professora responsável pela disciplina como parte de atividade extracurricular em projeto de extensão com duração de 30 horas, decorridas entre fevereiro e abril de 2017. As intervenções ocorreram por meio de oito grupos, compostos por no máximo quatro estudantes cada (intervencionistas), sendo que cada grupo fez uma intervenção. O público alvo foi composto por alunos dos sexos masculino e feminino, de 6 a 18 anos, que frequentavam uma de três escolas municipais de Palmas, TO, escolhidas por demanda da Secretaria de Saúde do Município: o Centro Municipal de Profissionalização e Jandira Torres Paislandim Rodrigues, que atua como Escola de Jovens e Adultos; o Centro Municipal de Educação Infantil Irmã Maria Custódia de Jesus; e na Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda.

As atividades ocorreram durante o período escolar, das 8h00 às 11h00 ou das 13h00 às 17h00. A metodologia de intervenção foi estruturada pelo próprio grupo atuante, conforme avaliação dos recursos disponíveis e das demandas de cada escola. Desta maneira, registrou-se por meio de observação e diálogo a demanda local, a partir da qual planejaram-se as estratégias de promoção de saúde nos seguintes temas: educação alimentar; sexualidade e planejamento familiar; higiene pessoal e coletiva; e acuidade visual. As atividades foram adaptadas levando em consideração a faixa etária e o perfil socioeconômico do público alvo. Assim, abordagens mais lúdicas, como jogos e canções, foram executadas aos alunos que tinham entre 6 e 14 anos, ao passo que as exposições dialogadas foram utilizadas nas faixas etárias entre 14 e 18 anos. Alguns grupos de estudantes elaboraram instrumentos específicos para adequação à abordagem do tema.

Por fim, o trabalho foi concluído com avaliação dupla: uma consistiu em atividades dialogadas de verificação do conhecimento referentes ao impacto da ação sobre os intervencionistas e sobre o público alvo; a outra foi realizada por meio da apresentação dos resultados para os demais intervencionistas, a qual foi avaliada pela professora responsável pela disciplina, um professor representante das escolas onde a intervenção ocorreu e um psicólogo como membro externo.

Todos os procedimentos foram autorizados e mediados pela Secretaria de Educação de Palmas, pela Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas (FESP) e pela equipe de coordenação das respectivas escolas receptoras da promoção de saúde.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O convite aos alunos matriculados em disciplina de graduação para atuarem como agentes da promoção de saúde facilitou a construção de equipe suficiente para executar diversas ações, em diferentes locais, ampliando o alcance proposto no referido trabalho. Não obstante, a disciplina forneceu suporte teórico para os estudantes abordarem diferentes situações biopsicossociais, tais como a mediação na relação com as escolas, ou como a adaptação de abordagem do conteúdo técnico de saúde a estudantes do ensino básico. Contudo, muitos dos intervencionistas tiveram dificuldade em dissociar sua ação das obrigações acadêmicas condizentes à disciplina, resultando em práticas aquém do seu potencial. Exemplo disso se caracterizou pelas intervenções terem ocorrido sem visitas prévias ao local, fato justificado pelos estudantes como decorrentes de dificuldades financeiras e de logística para acesso a escolas distantes.

Ainda, diálogos entre alunos e organizadores do projeto sugeriram que, pelo fato de que muitos dos estudantes de medicina eram recém-ingressos na universidade, alguns sentiram insegurança em abordar temas que consideravam polêmicos e delicados, mesmo quando demandados pela escola. Dentre as principais dificuldades encontradas na preparação dos estudantes, destacaram-se: a perspectiva puramente biologicista de saúde e a dificuldade de envolvimento com temas que perpassassem âmbitos mais amplos do conceito de saúde; limitações quanto à criação de estratégias diante

de obstáculos; e dificuldades de gerenciamento dos próprios sentimentos quando inseridos em diferentes realidades socioeconômicas e sob responsabilidade de se envolver com a saúde de outrem.

Quinze intervencionistas (46,9%) avaliaram a experiência como positiva, afirmando-se gratificados por terem participado do projeto. Entre os comentários mais relevantes, destacaram-se as alegações de que a participação no projeto os motivou a procurar outros projetos de extensão, que os auxiliou na compreensão da disciplina de graduação e que os incentivou a seguir no curso de Medicina. Contudo, quatro (12,5%) se manifestaram negativamente, alegando que não estavam preparados para executar as intervenções, fossem em termos de formação profissional ou em termos de conciliação com as obrigações acadêmicas. Os 13 restantes (40,6%) demonstraram neutralidade quanto aos prós e/ou contras da participação no projeto.

Entre os principais aspectos observados nas execuções, destacaram-se referente ao público alvo: o fato do hábito alimentar das crianças ser fortemente condicionado aos hábitos familiares, quando não limitado ao cardápio escolar; a falta de conhecimento acerca das estruturas sexuais e seu funcionamento, assim como pelo estigma social que as envolve; a higienização carente, principalmente quando associada à alimentação; e a falta de interesse dos alunos em se submeterem a testes de acuidade visual (Teste de Snellen e Teste de Ishihara), sugerindo negligência quanto à saúde visual.

De forma geral, os alunos de ensino básico, assim como seus respectivos educadores e equipes, manifestaram-se positivamente frente às intervenções, solicitando inclusive a expansão do projeto a outras escolas e durante diferentes épocas do ano. As escolas fizeram críticas relacionadas às suas interações com as Unidades Básicas de Saúde (UBSs), relação-chave ao programa Saúde na Escola, afirmando que as ações não têm ocorrido de forma satisfatória e que a presente atividade de extensão supriu temporariamente a demanda proposta pelo SUS. Todas as escolas solicitaram a continuidade do projeto, uma vez que as ações das UBSs são insuficientes e os professores não se sentem preparados para tratar de alguns temas específicos, tais como alimentação, que comumente é tratada de forma diferente na escola e no ambiente familiar, ou mesmo sexualidade, especialmente frente à Lei Municipal nº 2.243/2016, vigente na época, a qual proibia discussão sobre ideologia de gênero nas escolas municipais de Palmas. Uma vez que discussões sobre sexualidade normalmente suscitam questões sobre ideologia de gênero, os professores alegavam receio em falar sobre sexualidade em sala de aula e consequentemente descumprirem a respectiva Lei.

Por fim, é digno de nota que as principais dificuldades apresentadas na execução do projeto de extensão consistiram na pluralidade de caminhos burocráticos a serem tomados para formalização do projeto entre a universidade e os demais órgãos públicos responsáveis. Tais caminhos foram em sua maioria inadequadamente indicados ou ineficientemente operacionalizados. Isso ressalta a necessidade de reconsiderações nas políticas públicas intencionadas a promover e auxiliar tais projetos de extensão.

CONCLUSÃO

Este projeto de extensão auxiliou o programa Saúde na Escola, ressaltando a importância de que projetos semelhantes recebam incentivo e auxílio por parte das entidades governamentais educacionais e de saúde. Ainda, a atividade desencadeou reflexões em seus agentes, as quais conduziram-os a uma concepção mais ampla de saúde. Finalmente, manifestou-se a integração entre universidade e ensino básico, efetuando-se o papel de extensão da universidade frente a setores da sociedade.

Health Promotion At School: An Interactive Experience Between Higher And Basic Education

69

ABSTRACT

Health promotion should include a biopsychosocial approach to health. Based on the Brazilian Program “Saúde na Escola”, it was aimed to assist health promotion in three municipal schools in Palmas, Tocantins. His agents were students of Medicine of the Universidade Federal do Tocantins, who, through expositive and playful strategies, deal with different subjects to students from 6 to 18 years, which resulted in personal, academic and political reflections in all the involved ones.

Keywords: Health in School; Health Extension; Health Prevention; Youth Health.

Promoción De Salud Em La Escuela: Una Experiencia Interactiva Entre La Enseñanza Superior Y Básica

RESUMEN

La promoción en salud debe contemplar un enfoque biopsicosocial de salud. Basado en el programa brasileño “Saúde na Escola”, se ha objetivado auxiliar la promoción de salud en tres escuelas municipales de Palmas, Tocantins. Sus agentes fueron estudiantes de Medicina de la Universidade Federal do Tocantins que, por medio de estrategias expositivas y lúdicas, abordaron diferentes temas a alumnos de 6 a 18 años. Tal enfoque resultó en reflexiones personales, académicas, y políticas en todos los involucrados.

Palabras clave: Salud en la Escuela; Extensión de Salud; Prevención de la salud; Salud de los jóvenes.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, I.S., FREITAS, J.K., ARRUDA, V.M. & MOREIRA, S.R.P. Promovendo a reeducação alimentar em escolas nos municípios de Ubá e Tocantins – MG. **Revista Mediação UEMG**, 5. 2014.

BARBIERI, A.F. & NOMA, A.K. Políticas públicas de educação e saúde na escola: apontamentos iniciais sobre o Programa Saúde na Escola (PSE). **Seminário de Pesquisa do PPE, Universidade Estadual de Maringá**. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 3ª. Ed., Brasília, DF. 2010.

_____. Ministério da Saúde & Ministério da Educação. **Caderno do Gestor do Programa Saúde na Escola**. 1ª Edição. Brasília, DF. 2015.

_____. Ministério da Saúde. **Histórico do Conselho Nacional de Saúde**. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/apresentacao/historia.html>. 2017. Acesso em: 06 abr. 2017.

MACIEL, E.L.N., OLIVEIRA, C.B., FRECHIANI, J.M., SALES, C.M.M., BROTTTO, L.D.A. & ARAÚJO, M.D. Projeto Aprendendo Saúde na Escola: a experiência de repercussões positivas na qualidade de vida e determinantes da saúde de membros de uma comunidade escolar em Vitória, Espírito Santo. **Ciência e Saúde Coletiva**, **15 (2): 389-396**. 2010.

STOTZ, E.N., DAVID, H.M.S.L. & UM, J.A.W. Educação popular e saúde – trajetória, expressões e desafios de um movimento social. **Revista Atenção Primária à Saúde**, **8 (1): 49-60**. 2005.

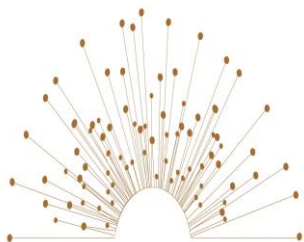
VASCONCELOS, E.M. Redefinindo as práticas de Saúde a partir de experiências de Educação Popular nos serviços de saúde. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, **8 (1): 121-126**. 2001.

_____. Educação Popular: de uma Prática Alternativa a uma Estratégia de gestão Participativa das Políticas de Saúde. **Revista de Saúde Coletiva**, **14 (1): 67-83**. 2004.

WHO, World Health Organization, **Ottawa Charter for Health Promotion**. Disponível em <http://www.who.int/hpr/docs/ottawa.html>, 1986. Acesso em: 06 abr. 2017.

_____, World Health Organization Expert Committee on Comprehensive School Health Education and Promotion, Geneva, Switzerland. **Promoting health through schools report of a WHO Expert Committee on Comprehensive School Health Education and Promotion**. Disponível em <http://apps.who.int/iris/handle/10665/41987>, 1997. Acesso em: 06 abr. 2017.

ⁱ Recebido em 01 de Novembro de 2017. Aceito em 09 de Dezembro de 2017.



Semana Cultura Da Educação Do Campo: Intersecções Do Conhecimentoⁱ

Marissel Marques¹

RESUMO

Esse relato pretende apresentar a interdisciplinaridade e a transversalidade como dimensão pedagógica da Semana Cultural da Educação do Campo que aconteceu entre os dias 18/9/2017 a 22/9/2017 no câmpus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Nesta semana, oferecemos oficinas de formação em audiovisual, tivemos apresentações de danças e rodas de conversas sobre temas conflituosos atuais como homossexualismo, racismo, feminismo.

Palavras-chave: Semana Cultural; Educação Do Campo; Percepção Visual; Danças.

71

INTERSECÇÕES DO CONHECIMENTO NA SEMANA CULTURAL

A Semana Cultural da Educação do Campo foi promovida pelo curso de Licenciatura da Educação do Campo, aconteceu entre os dias 18/9/2017 a 22/9/2017, no câmpus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Contamos com 449 participantes entre a comunidade acadêmica do câmpus, estudantes do ensino médio da Escola Estadual Darcy Marinho e pessoas da comunidade em geral. Desse modo, o evento proporcionou integração entre a universidade com a comunidade.

Todo o planejamento da programação tinha a finalidade de criar ações que se articulassem com duas componentes curriculares da Licenciatura da Educação do Campo, sendo essas: Percepção Visual, oferecida ao 2º período e Danças Tradicionais, oferecida ao 6º período. Para tanto, tivemos oficinas na área do audiovisual e de dança contemporânea. Também tivemos exibição de filme e apresentações de danças tradicionais como o Boi Mucuíba, Lindô e da Rainha e do Rei da quadrilha junina ProJovem. Além disso, contamos com a participação da Quadrilha dos Ferros, que trabalha com temática transgênero e um solo de dança contemporânea.

AS OFICINAS

As oficinas de audiovisual atenderam aos objetivos da componente curricular Percepção Visual, de formar os estudantes nessa área. A formação foi através de oficinas de roteiro, fotografia, trilha sonora e exibição do filme

¹ Marissel Marques, divinivir@gmail.com. ORCID – 0000-002-6097-9455

“Ouça-me” seguido de roda de conversa. O filme é um curta-metragem de ficção da SuperOito, dirigido por André Araújo e Roberto Giovannetti. O curta narra a história de Roberto, um motorista de ônibus perto de enfrentar uma dramática transformação em sua vida.

A oficina de roteiro teve duração de 8h, acontece nas duas primeiras manhãs da semana, segunda-feira (18/9) e terça-feira (18/9). Para o ministrante da oficina, André Araújo², a formação em audiovisual é uma ferramenta importante tanto para a educação quanto para o trabalho, tendo em vista que hoje o acesso está cada dia mais fácil aos equipamentos e esses estão melhores. Ele considera ser fundamental conhecer as regras para se produzir um roteiro e para a apropriação dessas ferramentas.

A Docente Mirasselma de Fátima, da Escola Darcy Marinho, que acompanhou os estudantes do ensino médio na oficina de fotografia conduzida por Giano Guimarães³ com a temática “Fotografia e seus meios” e a oficina “diálogos sobre trilha sonora” com Me. Anderson Brasil⁴, as quais aconteceram na 4ª feira (20/9), das 8h às 12h, ela explicou que a escola faz parte do programa de escola em Tempo Integral, denominado no Tocantins de Programa Escola Jovem em Ação. Esse programa promove disciplinas de Núcleo Comum e Parte Diversificadas, que interagem de forma interdisciplinar e são escolhidas pelos estudantes. A área escolhida, neste 2º semestre, foi o audiovisual, o que mostra a relevância da temática para o público juvenil.



Figura 1: Estudante da escola Darcy Marinho com o Me. Anderson Brasil. Crédito: Marissel Marques

DANÇAS E RODAS DE CONVERSAS

Compunha a programação, para cada dia, uma dança, a qual dialogava com a componente curricular Danças Tradicionais. As danças se apropriam do corpo como linguagem, elas representam a sociedade e seu tempo. No entanto, as danças tinham a finalidade de promover os debates que seguiam nas rodas de conversas. Tendo em vista que há extrita relação entre o entendimento sobre o corpo e os atuais conflitos que perpassam a geografia, a economia e os sistemas de controle desse corpo. O corpo em si é uma polêmica na sociedade - o corpo da mulher, o sexo do travesti, a cor negra –

² Cineasta, director da SuperOito Produtora, foi subsecretário de Cultura do Estado do Tocantins em 2015.

³ Técnico administrativo na UFT do câmpus de Tocantinópolis.

⁴ Docente no curso de Educação do campo do câmpus de Tocantinópolis.

tais problematizações nos dão elementos para a reflexão dos conflitos desse *corpo dócil*⁵, principalmente para as temáticas das rodas de conversas, as quais foram escolhidas, justamente, pelos conflitos que apresentam na sociedade atual.

A proposta pedagógica tinha como pressuposto a interdisciplinaridade para estabelecer trocas, diálogos entre as diversas áreas do conhecimento sobre os temas transversais. Mas, sobretudo tinha objetivo de promover diálogos e colaboração entre os participantes. Os convidados que conduziam as rodas de conversas são pesquisadores dessas temáticas, podiam, desse modo, relacionar a pesquisa e o ensino.

As rodas de conversas visavam a formação integral do gênero humano, reconhecendo a interdependência de todos os aspectos da realidade (TOZONI-REIS, 2012). Essas proporcionavam reflexões e contextualização de alguns temas que necessitam de consciência, compreensão global e integração de conhecimentos para possíveis transformações da sociedade. Algumas dessas polêmicas não alcançavam consenso, como foi o caso da roda de conversa sobre o feminismo, que questionou o lugar da mulher e seu papel na sociedade atual e a sobre machismo x sexualidade.

PROGRAMAÇÃO

| | 2 f - 18/9 | 3 f - 19/9 | 4 f - 20/9 | 5 f - 21/9 | 6 f - 22/9 |
|-------------|--|--|--|--|--|
| 8 - 10h | oficina de roteiro com o cineasta André Araújo | oficina de roteiro com o cineasta André Araújo | oficina de fotografia com Glano Magalhães | | |
| 10 - 12h | | | oficina de trilha sonora com o Prof. Anderson Brasil | | |
| 14 - 16h | roda de conversa sobre cinema - mostra do filme <i>Ouçá-me 38</i> ⁶ | apresentação da Rainha do Pró-jovem em seguida roda de conversa: feminismo, ativismo e sociedade | apresentação do grupo Ferro, em seguida roda de conversa: machismo x sexualidade | apresentação Lindó, em seguida roda de conversa: racismo na atualidade | apresentação Retrô - 1º ensaio, em seguida roda de conversa: panorama político atual |
| 16 - 17:30h | | | | | |
| 17:30 - 19h | | oficina de dança contemporânea com Profa Marissel | oficina de dança contemporânea com Profa Marissel | oficina de dança contemporânea com Profa Marissel | |
| 19 - 21h | apresentação de Boi Mucuiba de Senador La Rocque Maranhão no quadrilófono | | | | sarau - praça da Bíblia |

Figura 2: Cronograma das atividades

O Boi Mucuiba da cidade de Senador La Rocque abriu o evento. A apresentação foi no Quadrilófono da cidade a noite. A maioria dos estudantes nunca tinham visto essa manifestação popular.

⁵ FOUCAULT, 2014.



Figura 3: Boi Mucuíba. Crédito: Giano Magalhães

Na terça-feira à tarde, dia 19/9, recebemos a Rainha e o Rei da Quadrilha do ProJovem, que existe desde 2011. O programa é vinculado ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), incentivado pelo governo federal, ele visa garantir o cumprimento dos direitos e deveres do adolescente, através de ações socioeducativas⁶. Após a apresentação tivemos a roda de conversa: feminismo, ativismo e sociedade com discente e ativista Caroline Soares⁷.



Figura 4: Rainha e Rei da quadrilha Projovem. Crédito: John Wesley

Na quarta-feira, convidamos a Quadrilha dos Ferros⁸, grupo transgênero que faz covers em eventos na cidade. Em seguida, tivemos a roda de conversa: machismo x sexualidade com os docentes da UFT Dr. Rubenilson Pereira de Araujo⁹, tratou sobre as “Políticas de enfrentamento ao sexismo e

⁶ Informações retiradas do blog do grupo, disponível em < <http://pjaaltobonito-tocantinopolis.blogspot.com.br/>> Acessado em 09/10/2017.

⁷ Discente do curso de Licenciatura de Ciências Sociais da UFT.

⁸ Página do grupo disponível em <<https://www.facebook.com/QuadrilhaHumorista/>>

⁹ Professor Doutor da Graduação e Pós-graduação em Letras/Português, câmpus de Porto Nacional.

homofobia” e Dr. Mauro Siqueira¹⁰, com a temática “Homossexualidade e classe social”.



Figura 5: Quadrilha dos Ferros. Crédito: Marissel Marques

Na quinta-feira, o grupo de Dança de Lindô da comunidade de Folha Grossa se apresentou antes da roda de conversa sobre racismo na atualidade. Essa dança de roda tem origem nas matrizes africanas e lembra os passos da quadrilha, além de valorizar a transmissão de valores através da oralidade¹¹.



Figura 6: Grupo de Lindô da Folha Grossa. Crédito: Marissel Marques

¹⁰ Graduado em História, doutor em educação com estudos na área de preconceito e educação. Atualmente professor na UFT Tocantinópolis.

¹¹ PACHECO & CARDOSO & FILHO (2011)

Finalizamos o evento com o solo de Marissel Marques, integrante do grupo artístico Retrô, que fez uma dança protesto se utilizando da dança contemporânea.



Figura 7: Retrô. Crédito: Dirceu Leno Dias Borges

Cultural Education Week Of Rural Education: Knowledge Intersection

ABSTRACT

This report intends to introduce the interdisciplinarity and a transversality as a pedagogical dimension of the Cultural Week of the Field Education that happened between 18/9/2017 until 22/9/2017 in the Campus of Tocantinópolis. The week included training workshops in audiovisuals, dance performances and conversational wheels on current conflict issues such as homosexuality, racism, feminism.

Keywords: Cultural Week; Field Education; Visual Perception; Dances.

Semana Cultural De La Educación Del Campo: Intersecciones Del Conocimiento

RESUMEN

Este informe pretende introducir la interdisciplinaria y una transversalidad como dimensión pedagógica de la Semana Cultural de la Educación de Campo que ocurrió entre el 18/9/2017 hasta el 22/9/2017 en el Campus de Tocantinópolis. La semana incluyó talleres de capacitación en audiovisuales, actuaciones de danza y ruedas de conversación sobre temas actuales de conflicto como la homosexualidad, el racismo, el feminismo.

Palabras clave: Semana Cultural; Educación Del Campo; Percepción Visual; Danzas.

REFERÊNCIAS

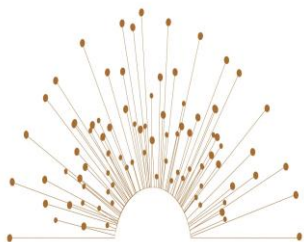
BOVO, M.C. **Interdisciplinaridade e Transversalidade como Dimensões da Ação Pedagógica**. Online. Disponível em <<http://www.urutagua.uem.br/007/07bovo.htm>> Acessado em 30 de outubro de 2017.

FILHO, J. O. L; CARDOSO, L. C. M; PACHECO, L. M. Dança do Lindô: Uma tradição transmitida do leste para o sul do Maranhão. In. **Intercom**. – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIII. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Maceió – AL – 15 a 17 de junho 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Editora Vozes. 2014.
FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática docente. Rio de Janeiro, RJ: Terra e Paz. 1996.

TOZONI-REIS, M. F.de C.; CAMPOS, L. M. L. Educação ambiental escolar, formação humana e formação de professores: articulações necessárias. In. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 3/2014, p. 145-162. Editora UFPR.

ⁱ Recebido em 30 de Outubro de 2017. Aceito em 09 de Dezembro de 2017.



Monte Do Carmo – TO: Portal Do Jalapão Uma Proposta Para A Criação Da Cidade-Museu¹

Raildis Azevedo **Avelino**¹

RESUMO

O presente trabalho nasceu de uma iniciativa para preservação do Patrimônio Cultural da cidade de Monte do Carmo, estado do Tocantins. Os objetivos gerais aqui apresentados são: discutir e apresentar propostas práticas e factíveis no âmbito da preservação da identidade local com a proposta de criação da Cidade-Museu, nesse sentido evidenciar a rota de passagem para o Parque Estadual do Jalapão um difusão turística e cultural. Como resultado deste processo pretendemos demonstrar a importância turística para o desenvolvimento e local, e, na oportunidade conhecer a pacata cidade que mantém traços e costumes do período colonial. A abertura turística é uma forma de difusão cultural no Brasil pós moderno, a parada em Monte do Carmo se torna obrigatória ao turista à caminho do jalapão.

Palavras-Chave: Monte Do Carmo; Patrimônio Cultural; História; Turismo.

78

INTRODUÇÃO

Para compreender o objeto deste estudo faz se necessário remontar-nos à época da mineração no Brasil, assim como à história do Estado do Tocantins, levando em conta a contribuição do antigo Norte de Goiás. A penetração efetiva de homens e mulheres nesta região e a sua ocupação deveram-se principalmente à exploração aurífera. A Serra do Monte do Carmo era fonte de matéria-prima para a atividade econômica básica dos primeiros moradores que ali se estabeleceram - extração do ouro.

Para além desse aspecto, as "serras" embelezam o espaço urbano, como uma 'moldura', que abriga um lindo quadro pintado por diversas mãos vindas de outras paragens a fim de extrair a riqueza que brotava da terra. Os 'montes' do Carmo não somente guardam a história da origem do município, mas a região montanhosa, cortada por várias nascentes de rios, entre eles Água Suja e Sucuri, está diretamente relacionada às atividades auríferas, do século XVIII e permanecem ali como presentes da natureza a ser contemplada pelos que aqui residem ou a visitam ocasionalmente.

Não sabemos o certo como foram as primeiras movimentações das pessoas que vieram para este local, após ficarem sabendo que aqui havia

¹ Mestranda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Licenciada em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Pesquisadora do Patrimônio Cultural Imaterial da Cidade de Monte do Carmo – TO e Políticas Públicas Culturais e Pesquisadora Associada do Centro Latino Americano de Estudos em Cultura – CLAEAC.

ouro. De acordo com os relatos dos viajantes e memorialistas houve um grande afluxo de aventureiros chegados de diversas partes da Colônia, de Portugal e trouxeram escravos provenientes da África. Foi deslocada para a Colônia lusitana quantidade significativa de população negra para o trabalho nas minas.

O Arraial do Carmo, situado na antiga Capitania de Goiás, foi rapidamente tomado por homens interessados na riqueza 'fácil', mas, também, preocupados com os valores religiosos, visto que, muitas pessoas entravam nas ordens. Os escravos africanos faziam parte da Irmandade do Rosário, de acordo com (BORGES, 2005, p. 119). Esta irmandade compõe a história do município. Há livros de atas, que registraram as atividades, como por exemplo, doações para festas e troca de diretorias.²

Este artigo tem como objeto primeiro de apresentar Monte do Carmo como local turístico, dentro da temática Patrimônio Cultural, que representa para mim a oportunidade de falar sobre minhas raízes. Assim, ao mesmo tempo em que busco compreender a história e a religiosidade carmelitana, também passei a entender melhor os costumes, as tradições e o modo de viver do qual faço parte. As minhas experiências da infância vivenciada no município me remete ao tempo das festas religiosas, visto que, no imaginário de criança, a festa religiosa era o momento da diversão, das novidades, dos encontros, da mudança de rotina, vivida por mim no meio rural.

Estão muito vivas na minha memória as festas a igreja e as enormes tendas com tantas pessoas reunidas. Quando criança, 'ir à festa' não era somente deslocar-se da minha casa ao centro das comemorações, mas meses de preparo, sonhos, imaginações sobre as novidades, ou seja, ver a tradição se repetir e se perpetuar de um ano para o outro. Hoje, a memória é retomada na perspectiva de questionar a sociedade em que vivemos, onde tudo se transforma, porém me sinto responsável com esta temática para a preservação da nossa cultura.

Inicialmente surgiram algumas inquietações: Por que Monte do Carmo tem uma população eminentemente negra? Por que as festas movimentam toda a cidade? Por que algumas pessoas não olham a tradição como algo positivo e referenciam a cidade como local de pessoas festeiras? Confesso que mesmo morando em Monte do Carmo não me preocupava em fazer um estudo mais detalhado.

Em determinado momento, decidi que poderia contribuir com algo que fosse significativo para minha comunidade. Ao observar a parte mais antiga da cidade e me deparar com a igreja, tive a certeza que queria fazer algo que preservasse essa identidade, sobretudo, deixar registrado estudos sobre a história e cultura do povo carmelitano. As gerações futuras precisam valorizar o que nossos antepassados deixaram, no entanto, percebo que não há nenhuma política pública nesta direção. Como cidadã e historiadora dou minha contribuição com este trabalho de evidenciar o turismo como difusor cultural.

Outro aspecto que motivou a escolha desse objeto de estudo foi à relevância atribuída às festas religiosas na cidade. Quais os sentidos que ainda podem ter festas como do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora do Rosário, que foram introduzidas no Brasil Colonial e, que, na atualidade,

² Há livros ata sob o cuidado da Igreja Católica local, que estão conservados e servem como fonte de pesquisa.

ocorrem em outro contexto histórico, sem perder o sentido de integração e crença no sobrenatural. Por que estas festas são consideradas acontecimentos importantes? A que fins a festa deve servir? Por que os hábitos cerimoniais resistem ao tempo? Para que servem essas devoções?

A minha preocupação consiste em entender essa tradição. Considero que as festas falam muito por si só, por isso também as tomei como objeto de estudo. Adotei várias técnicas para coleta de dados, além de livros, mapas, manuscritos e artigos, e realizei pesquisa de campo aliada à pesquisa documental e bibliográfica, que foi fundamental em combinação com a história oral. Procurei aproximar o vínculo entre o passado e o presente e, assim, interpretar a continuidade e manutenção da memória coletiva no que se refere ao Patrimônio Cultural.

Ao falar das construções antigas, da tradição religiosa, da cidade como fruto do ciclo econômico do ouro, das irmandades, da disposição das ruas, das histórias passadas de geração em geração, surgiu a possibilidade de escrever este artigo e ressaltar nele a importância da rota turística ao Parque Estadual do Jalapão. Primeiramente tive que buscar aspectos da história da cidade para entender o porquê das minhas inquietações.

A história de Monte do Carmo se confunde com a história da igreja, das festas, e da tradição. Não há sentido destes elementos separados um do outro. No centro deste mosaico está o povo carmelitano, que mantém a tradição viva e perpetuam a memória. Seria muito importante construir um museu, mas a cidade não caberia neste, portanto, melhor será transformar a cidade em um museu, ou seja, Monte do Carmo cidade museu. Essa proposta será debatida junto ao executivo e administrativo local.

BREVE HISTÓRIA DE MONTE DO CARMO

A história do Brasil pode ser contada a partir de diversos aspectos. No campo político, aliado ao econômico, com a 'benção' da Igreja Católica, o Brasil nasceu da ocupação portuguesa sobre as terras tupiniquins. Em termos econômicos, o Brasil foi objeto de cobiça dos franceses que retiraram grandes quantidades de pau brasil. Posteriormente, a partir de 1530, iniciou-se o ciclo açucareiro, sustentado pela mão de obra cativa.

Os portugueses sempre estiveram atentos à presença de minérios na Colônia americana. No entanto, somente "por volta do último quartel do século XVII circularam na colônia brasileira as principais notícias sobre a descoberta de ouro na região, que hoje compreende o Estado de Minas Gerais". (SILVA FILHO, 2008, p. 55). Segundo Arno Wehling, "a organização oficial da economia mineradora data de 1700-1702". (WEHLING, 1999, p. 218).

A descoberta de reservas de ouro em Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Sul da Bahia determinaram profundas mudanças no Brasil agropastoril, da Colônia. A sede pelo enriquecimento rápido provocou significativos deslocamentos populacionais para a região aurífera. As técnicas de extração eram rudimentares e exigiu grande quantidade de mão de obra, sobretudo, escrava. Regiões, como o Rio Grande do Sul e o Ceará, que não tinham ouro, produziram carne seca ou charque para alimentação da população cativa e donos das minas.

Compreende-se que a corrida do ouro constituiu um fenômeno que marcou a história do Brasil nos séculos XVIII e XIX, foi também nesse período, decorrente da influência ciclo minerador, que nasceu o Arraial de Monte do Carmo, no então norte de Goiás. Várias cidades de Goiás nasceram a partir da descoberta das minas (Natividade, Arraias, São Félix e outras). Conforme Gilka V. F. de Salles (1992, p. 13), "foi o ouro que deu origem à Capitania de Goiás e determinou-lhe o progresso no século XVIII".

A Província de Goyaz foi dividida em duas Comarcas: a do Sul denominada de Goyaz e a do Norte, denominada Comarca de São João das Duas Barras.

Divide-se esta comarca em nove julgados ou jurisdições e tem duas villas, doze Arraias notáveis e dezeseis menores e três aldeias de índios cristãos são pacíficos. [...]. Dente os julgados está o arraial de Porto Real, cabeça de julgado de que dependem: primeiro, o arraial do Carmo freguezia que comprehende o arraial de Porto Real, segundo o arraial de Pontal, freguezia. (REVISTA TRIMENSAL, 1874, p. 330-332).

De acordo com os viajantes, memorialistas e os historiadores que se dedicaram a escrever sobre Capitânicas, em especial a de Goiás, informam que o supracitado Arraial data de 1741, muito embora não se tenha precisão quanto a esta datação. Nos escritos de Cunha Matos, o autor apresenta dados que divergem quanto a esses períodos. O referido escritor menciona duas datas distintas, sendo que num momento ele confirma a outros autores, que o Arraial foi fundado em 1741 ou 1746 (CUNHA MATOS, 2004, p. 443). Em outro momento o autor argumenta que "é provável que o território fosse descoberto em 1746, por ser nessa época que foram visitados os distritos contíguos". (CUNHA MATOS, 1979, p. 29).

Silva e Souza (1968, p. 61) passa por Carmo por volta de 1812 e afirma que o Arraial é "pequeno, e povoado em razão da utilidade das suas minas". O autor afirma a data da fundação em 1746, descoberto por Manoel de Souza Ferreira. Contudo, não é o foco desta pesquisa precisar a data da fundação do Arraial e Monte do Carmo, embora ela nos sirva como referência temporal.

Durval C. Godinho destaca que durante o final do século XVIII e início do século XIX, "o arraial do Carmo mantinha relação com o velho mundo por via dos famosos botes escoadores das muitas arroubas de ouro e veículo de penetração do luxo europeu" (GODINHO, 1988, p. 54). Ainda segundo Godinho, o arraial se manteve autônomo até 1810, na mesma ocasião foi transferida para o arraial de Porto Real, ainda neste ano foi instalado no arraial uma agência dos Correios sob a direção de João Ayres da Silva, administrador do supracitado arraial. O autor aborda que nessa época já contava com escola pública de primeiras letras (ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL DE GOIÁS, CX. 01)³, logo percebemos que a escola era restrita ao sexo masculino.

Johann Emanuel Pohl, médico, mineralogista e botânico, esteve no Brasil entre 1817 e 1821. Austríaco, com boa erudição, exímio observador, descreveu com detalhes suas observações sobre a Província de Goiás. Uma das primeiras referências que faz sobre Monte do Carmo, ele escreve:

³ Ofício nº 45 de 2 de agosto de 1858, do Governo de Goyaz respondendo aos habitantes do arraial sobre a instalação de uma escola para homens. (ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL DE GOIÁS, CX. 01)

Passamos hoje sobre várias colinas insignificantes entre dias cordilheiras que se estendem do sul para o norte, e atingimos do Rio do Carmo, a cujas margens encontramos umas doze pequenas cabanas para abrigo dos negros que trabalhavam nas lavas de ouro. A cerca de um quarto de légua a oeste dessas cabanas, fica o pequeno e abandonado Arraial do Carmo, a duas léguas de São Félix e a três léguas ao norte do Arraial da Chapada de São Félix. O Rio do Carmo apresentava-se com 16 metros de largura [...]. Deságua no Rio Maranhão (POHL, 1973, p. 215).

Não sabemos se Pohl se referira ao Arraial do Carmo, objeto da nossa pesquisa, ou a algum povoado situado na margem do rio como mesmo nome, onde havia atividade mineradora.

Ainda caminhando por entre as serras, Pohl encontra o Capitão Furtado, que lhe oferece guarida na "sua espaçosa casa em Carmo", fato que irá concretizar-se quando o médico mineralista chega a Monte do Carmo. No dia 1º de agosto, chegou a Porto Real, e fez mais uma referência à Monte do Carmo. "O Arraial de Porto Real é uma das povoações mais novas do Brasil. [...] A igreja é recém-construída, porém pequena. O vigário reside habitualmente no Arraial do Carmo e vem dizer missa aqui, três ou quatro vezes por ano" (POHL, 1973, p. 228). Este fato remete ao entendimento que naquela época, em termos religiosos, Monte do Carmo era importante, pois abrigava a casa do vigário.

Pohl referiu-se à violência na região. Sabemos que antes da chegada do homem branco e do escravo africano, as terras brasileiras eram habitadas por indígenas, que resistiram à desapropriação. O mineralista austríaco foi preconceituoso e chamou os índios de "hordas", ou seja,

A ousadia dessas hordas selvagens é extraordinária. Aventuraram-se até o Arraial do Carmo; no ano de 1818 saquearam ali uma casa durante a Festa de Pentecostes, quando os moradores se achavam reunidos na igreja, e assassinaram do modo mais cruel um negro que ficara ali de guarda (POHL, 1973, p. 231-232).

Pohl chegou a Monte do Carmo em 28 de agosto de 1819 e o descreveu da seguinte forma: "Afim, chegamos ao Arraial do Carmo, onde já me esperava o Capitão Luís Furtado, do Engenho São Procópio, o qual, muito hospitaleiro, preparara a sua casa para receber-me" (POHL, 1973, p. 266). Percebemos que o Capitão Luís Furtado já havia se encontrado com Pohl, como citamos anteriormente.

Após ser recebido por "sacerdotes e autoridades do lugar", o mineralista citou que "o arraial deve sua origem à cobiça do ouro". Que foi fundado "em 1746, por Manuel Sousa Ferreira". Outra observação do viajante é o início da decadência, motivado pelo fim do ciclo minerador. "Como outros povos análogos, comparticipa atualmente o destino da decadência e está quase em ruínas, pois, para exploração de suas minas de ouro, carecem os habitantes tanto de escravos como de água" (Idem).

As observações de Pohl merecem criteriosa análise. A fundação é citada sem maiores explicações, portanto, não podemos tomar como definitiva esta data, embora se repita em outros depoimentos. O estado de 'decadência' citado pelo autor, revela a saída das pessoas, do lugar e remete a

compreender o porquê da construção de uma extensa vala como poderemos observar na figura 1 e 2. É provável que os donos das minas tivessem pensado em solucionar o problema, mas as minas foram minguando, que a obra perdeu o sentido.



Fotos 1 e 2: Ruínas do primeiro povoado de Monte do Carmo, em outubro/2008. Fonte: Noeci Carvalho

Ao descrever o local, Pohl também não se vale de maiores detalhes como mapas, plantas baixas. O viajante limita-se a descrição, embora tenhamos que reconhecer que foi bem feita. "O lugar que, pelas ricas lavras de ouro, era populoso e abastado, fica bem perto da Serra Geral e é rodeado de serras em semicírculo". Quanto às habitações, o mineralista descreve:

Possui 150 casas. Na realidade, consiste numa única rua com casas uma ao lado da outra; foi planejada uma segunda rua e iniciada, parcialmente, a construção de casas, mas pouco depois, foi abandonada, restando apenas edifícios isolados (Idem).

Pohl assinala o início do declínio do local. Inicia comentando as "lavras de ouro", embora a produção comprove que em outros locais do Norte de Goiás a produção foi maior, como apresentaremos abaixo. Ao falar das casas, usa um número 'redondo', causando a impressão que não contou uma a uma, mas deixa bem claro a disposição do povoado, composto de uma única rua e a segunda foi construída e parcialmente abandonada. Este fato remete ao entendimento que o povoado estava em declínio.

Quanto à arquitetura e material utilizado nas construções, o autor foi minucioso:

Na maioria, as casas são construídas de tijolo queimado e, por causa do ataque dos índios -, que incendeiam os tetos de palha com flechas ardentes, são cobertas de telhas. Esta solidez das edificações coloca o lugar acima de muitas outras povoações e o conjunto teria melhor aparência se as casas fossem pintadas de novo (Idem).

Estas informações são muito importantes para este artigo. As construções com tijolo queimado resistem mais ao tempo do que construções de taipa, madeira ou palha. O fato de utilizar telhas de barro nos faz entender que a durabilidade é maior do que outro tipo de telhado. A transformação da cidade de Monte do Carmo em Cidade-Museu merece um trabalho de arqueologia, pois os "tijolos queimados" resistem ao tempo e poderão ser encontrados soterrados no solo. Desta forma, poderemos saber o lugar

aproximado de como era a disposição dos imóveis. Outro fato importante descrito refere-se à prática de confecção de tijolos e telhas, que necessita de um estudo para saber onde estavam localizadas estas primitivas olarias e, se nas mesmas, utilizava-se de trabalho escravo para produção.

Em relação à igreja, Pohl fornece informações importantíssimas: "Ambas as igrejas, a de Nossa Senhora do Carmo e a de Nossa Senhora do Rosário, aliás, muito simples, são construídas de tijolos". Sabemos que havia duas igrejas, mas uma delas não existe mais. Se as duas foram construídas de tijolos, surgem diversas dúvidas: Pohl não observara direito e citou o mesmo material, mesmo que uma delas era diferente? Nossa opinião refere-se ao fato que uma igreja está em pé, sólida e resistirá muito tempo se for conservada e reparada. Por que a outra desapareceu? Foi demolida? Não foi preservada e o tempo se encarregou de destruí-la? O material poderia ser outro, menos resistente e sucumbiu ao longo do tempo? Importante citar, que a igreja Nossa Senhora do Rosário era frequentada pela população negra, conhecida como "Igreja dos Pretos". Por que esta igreja desapareceu?

Em se tratando de Cidade-Museu será muito importante identificar o local da referida igreja e construir um monumento referência sobre a existência deste importante ponto de cultura. Afinal, nossa população é eminentemente negra e precisa recuperar o lugar desta significativa referência.

Pohl conversa com a população local e não poupa críticas à situação econômica/social de Monte do Carmo:

conforme fomos informados, apesar da boa aparência externa do lugar, a população está extremamente empobrecida. Os habitantes ganham precariamente a vida com suas plantações de milho, fumo, algodão, cana-de-açúcar, alguns frutos e hortaliças. Também se cria gado. Notei, entre outras coisas, que criam mais cabras e ovelhas; fazem-no, pela carne e não pela lã, que é muito grosseira. Os habitantes depositam suas esperanças de dias melhores sobretudo na navegação do rio Maranhão (que entretanto não acontecerá tão cedo) e na ligação que ele acarretará, com o Grão Pará. Em vista dos numerosos assassinatos de que ouvi falar, parece que aqui a falta de ordem pública atingiu um grau muito alto e os maiores crimes parecem ficar impunes. Como exemplo, dois anos antes da minha chegada, mandara o rei para aqui um cirurgião-mor. Cumprindo seu dever, proibiu ele o exercício da medicina por alguns charlatães e, algum tempo depois, era assassinado a tiro por um embaçado, em pleno dia, numa festa religiosa, ao lado do vigário. Decorrido mais tempo, teve o mesmo fim o ferreiro local. Contudo, em ambos os casos nenhuma providência foi tomada para prender o perseguidor ou os homicidas. (Idem).

Em 29 de agosto, de 1819, Pohl foi convidado pelo vigário, "acompanhado dos moradores mais distintos", para participar da missa. Entre os "distintos" estava o Comandante João Aires. Segundo Pohl, "batizaram com seu nome um rio a que me referi ao descrever a viagem fluvial pelo Maranhão, porque ali João Aires iria ser atacado e morto pelos índios" (Idem).

Pohl quis conhecer "a cordilheira que passa em Carmo", pois ficou sabendo que as mesmas possuíam gesso, com o qual eram caiadas as casas de Monte do Carmo. O mineralista andou muito por entre as serras, algumas não pode chegar ao topo porque eram muito íngremes. Depois de muito caminhar, chegou à Carmo.

Lá assistimos, à noite, ao começo da novena de Maria; a praça e a fachada da igreja de Nossa Senhora da Conceição estavam iluminadas. Em vez de lâmpadas, eram usadas cascas de laranja cheias de óleo de rícino, óleo combustível geralmente usado no Brasil, extraídas de semente de mamona. Foram disparados morteiros e, sob o barulho insuportável de uma desafinada música, foi içada uma bandeira. Com isso estava iniciada a festa (POHL, 1973, p. 267).

Aqui cabe um comentário sobre a viagem de Pohl. Ao observar a presença de gesso, o mineralista atestou para a solidez das casas de Monte do Carmo, porque o gesso serve de liga e impermeabilizante nas construções. Outro fato importante refere-se à festa sobre "Nossa Senhora da Conceição". Pohl trocou o nome da igreja, sem intenção? Haveria outro arraial com uma igreja com este nome? Ao que parece, Pohl enganou-se com o nome da igreja, pois a pompa durante a festa remete ao entendimento de que não se tratava de um arraial qualquer. Outro fato que corrobora para esta hipótese, ao embarcar para Porto Real, Pohl recebeu ajuda do Vigário e o Comandante, que em gesto de grandeza "segurassem o estribo" para que o viajante pudesse montar o cavalo. Um arraial de menor importância não teria a presença de um Vigário e Comandante. No entanto, este fato merece mais pesquisas. Também poderia existir uma terceira igreja em Monte do Carmo, fato que é pouco provável.

Pohl inicia a viagem para Porto Real.

Logo que saídos do arraial, passamos pelo Rio Sucuriú, que desemboca no Água Suja. Ao nosso lado estendia-se a Serra Lageada até uma distância de duas léguas e meia. [...] A uma légua de distância de Carmo fica a Fazenda Raiz, e ao passa-la, é necessário atravessar três braços do Córrego Raiz. [...] Pouco depois chegamos à Fazenda do Juiz Ordinário Severiano. Este homem é juiz em Porto Real, mas habitualmente, mora em Carmo, onde aliás o conheci (POHL, 1973, p. 268).

A Fazenda Raiz é citada por muitas pessoas de Monte do Carmo e região. Foi um estabelecimento econômico importante do lugar. Pohl passou por Porto Real e se dirigiu à Natividade.

Augusto de Saint-Hilaire, em **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz**, passou pela Província de Goiás em 1919. Não faz menção a Monte do Carmo. No entanto, fornece importantes informações que auxiliam a entender a história do município.

O viajante explica como iniciou a exploração do ouro em Goiás:

Um paulista, que penetrou por esse modo nos desertos, afim de agarrar escravos, Manuel Corrêa, chegou, antes de 1670, até um rio chamado Rio Araes, na região que constitue hoje a província de Goyaz, e voltou à patria carregado de ouro e índios escravizados. [...]. Pelo ano de 1680. Outro paulista, Bartholomeu Bueno da Silva, chegou ao local onde está actualmente situada Villa Bôa e que, nessa época, era ocupada pelos índios pacíficos da nação Goyá. As parcellas de ouro com que se ornavam as mulheres destes selvagens trahiram a riqueza da zona (SAINT-HILIRE, 1937, p. 280).

Outra constatação de Saint-Hilaire refere-se aos mineradores e o contrabando do ouro. "Os mineradores desta comarca (Norte) são, com efeito, incitados a fazer o contrabando não só pelos lucros que lhes dá, como ainda pelo temor dos gastos e demoras que acarretaria de suas terras a Villa Boa" (SAINT-HILIRE, 1937, p. 308). O contrabando ocorria com a Bahia. Esta poderia ser uma explicação sobre a baixa produção de ouro em relação às outras regiões produtoras de minerais de Goiás.

Uma questão que ainda não está fechada sobre a história de Goiás é a religião. Segundo Saint-Hilaire, "os eclesiásticos são, é verdade, os únicos homens desta província que possuem conhecimentos" (Idem. p. 313). Está afirmação explica a importância dos padres na religião e administração do local. Porém, nem todos os padres que atuaram em Goiás mereceram o paraíso, segundo o autor, ou seja,

Os primeiros sacerdotes que vieram a Goyaz apenas tinham vícios sob os olhos; difícil seria que não cedessem à torrente de maus exemplos, afastados como estavam dos seus superiores, e não tendo ninguém para gui-los e reprehendê-los. [...] A disciplina, já tão relaxada no resto do Brasil, o foi completamente em Goyaz, e o clero acabou, de certo modo, esquecer que pertencia à comunhão christã (SAINT-HILIRE, 1937, p. 313.).

Referente aos bispados, o viajante escreveu:

Durante longos annos o território da província de Goyaz dependeu dos bispados do Rio de Janeiro e do Pará, o que quer dizer que os bispos só poderiam chegar a essa região depois de vários mezes de viagem extremamente difícil, a través de desertos; ou, para falar de modo mais exacto, Goiaz está sem bispo. Em 1746, a parte da capitania que dependia do bispado do Rio de Janeiro, e, mais tarde, toda ella, foi elevada à prelatura; mas o primeiro prelado só foi nomeado em 1782 (SAINT-HILIRE, 1937, p. 314).

Esta observação refere-se às informações sobre a existência de um padre que se tornou muito conhecido em Monte do Carmo - Padre Gama. Curiosamente, nenhum viajante o cita. Isso não quer dizer que não tenha existido, mas poderia não estar ligado a um prelado.

Em 1824, no dia 25 de junho, Raimundo José de Cunha Matos, militar e político, às 07 horas e quinze minutos, chegou ao Arraial do Carmo. Encantou-se com a serra do Carmo. "O mais admirável desta serra são os vários morros que se acham no cume dela; e o que muito me encantou pela sua configuração foi o denominado Cabeça de Boi, que fica ao lado da fazenda com este nome" (CUNHA MATOS, 2004, p.187).

Segundo Cunha Matos (1979, p. 260-261),

O arraial de Monte do Carmo está assentado em terreno quase plano na margem esquerda do rio água-suja, ou para melhor dizer entre a serra que fica a leste, o rio água-suja a oeste, o córrego do sucuri ao sul, e outro córrego ou um brejo ao norte; por isso a sua situação se torna-o insalubre, tem 107 casas entre grandes e pequenas, que possam ser reputadas fogo, a Igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo, pequena, mas bem ornada, e com excelente lâmpada, e banquetta de prata, e a pobre Hermida de Nossa Senhora do Rosário.

Minucioso na descrição, o militar e político Cunha Matos escreveu:

Existe aqui uma Companhia de Cavalaria, e duas de Infantaria de 2ª Linha compostas de boa gente, mas sem oficiais, o que acontece em quase toda a Comarca de São João de Duas Barras, para onde as autoridades da capital da província têm olhado com bastante indiferença, o que deu motivo a uma separação violenta das duas comarcas. Esse arraial e seu distrito forão antigamente mais rico e povoado: a mineração aqui se acha extinta; inumeráveis fazendas de gado (90) têm sido abandonadas por motivos de insultos dos índios selvagens (CUNHA MATOS, 2004, p.188).

Raymundo José da Cunha Matos passa por Monte do Carmo em 1824. A relevância de seus escritos para a história é de suma importância. Observamos que ele descreve a estrutura organizacional da vila, ao citar que tinha 107 casas entre grandes e pequenas. Esse fato nos leva a crer que o povoado de Carmo era significativo e, um tanto antigo. A partir da afirmação de Cunha Matos, que a exploração do ouro estava em decadência, percebe-se que a vila continua a desenvolver-se se compararmos ao número de escravos que chegava a 885, na afirmação de Karash (1996, p. 242). Porém, na citação deixou claro que fazendas de gado foram abandonadas e houve ataques de indígenas, também citado por Pohl.

Percebemos que Monte do Carmo muda de polo minerador para produtor de alimentos e gado, situação que se manteve por muito tempo até os dias atuais. Isso nos leva a crer que os donos das minas iam embora e os cativos foram abandonados à própria sorte, libertos e incorporados a atividade pastoril. Mantiveram suas tradições, criaram suas famílias que permanecem até hoje a continuidade de sua descendência.

George Gardner chegou ao Brasil em 1836 e permaneceu até 1841. Neste período o ciclo do ouro esgotara-se em Goiás. O naturalista viajou pela Província de Goiás em 1840, e registrou a criação de gado, cultivo de "milho e a mandioca". Muitos fazendeiros "acham vantajoso o plantar cana, não tanto para fazer açúcar, mas aguardente, que se vende com mais rapidez". Ao passar por Arraias identificou que "a criação de gado é a ocupação mais comum dos fazendeiros". (GARDNER, 1875, p. 158-169).

É provável que o mesmo tenha ocorrido em Monte do Carmo. Com a decadência do ciclo aurífero, a matriz produtora passou para o cultivo da terra, associada à criação de gado. Sobre os cativos que foram abandonados a própria sorte, há vários registros na história de Goiás.

MONTE DO CARMO CONTEMPORÂNEO

Em 1943, o Distrito do Carmo teve seu nome alterado para Tairusú, por meio do Decreto 8.305, de 31 de dezembro. Esta denominação provocou insatisfação na população e, após dez anos, por meio da Lei Municipal nº 186 de 23, de julho de 1953, retornou à denominação de origem:

A Câmara Municipal de Porto Nacional, Estado de Goiás, decretou e eu, prefeito municipal sanciono, a presente Lei:

Artigo 1º - Os Distritos do Município de Porto Nacional, cujos nomes foram mudados na penúltima reforma administrativa, em obediência a uma resolução do Conselho Nacional de Geografia, voltam a denominar-se com seus nomes tradicionais acrescidos das palavras que instrui o artigo segundo da presente Lei.

Artº 2º - Tairusú denominar-se-á Monte do Carmo, [...].

A emancipação política de Monte do Carmo só é consolidada pela Lei Estadual nº 4.708, de 23 de outubro do ano de 1963 de Goiás. Seu idealizador foi o então Vereador de Porto Nacional Durval Silva. O Município foi solenemente instalado no dia 1º de janeiro de 1964 e teve como primeiro chefe do executivo a prefeita Raimunda Aires da Silva (Dona Dica).

Atualmente, a cidade de Monte do Carmo tem cerca de 7.500 mil habitantes, dos quais a maior parte é negra. Limita-se a Oeste com o município de Porto Nacional; ao Leste com Ponte Alta e Pindorama do Tocantins; ao Norte com Palmas/Taquaruçú e ao Sul com Silvanópolis, aproximadamente 89 quilômetros da capital do estado, Palmas. O município está localizado na região central do Estado do Tocantins.

A economia de Monte do Carmo gira em torno da pecuária de corte e a agricultura. O principal aporte econômico é a pecuária de corte que conta com rebanho bovino de aproximadamente 79 mil cabeças de gado, de acordo com os registros da ADAPEC local (ADAPEC, 2015). A Agricultura não fica atrás, com a expansão do mercado de soja no Estado e no País, os agricultores da região estão investindo cada vez mais no cultivo desta leguminosa, pois a terra e o clima determinam bons resultados por hectare plantado. Produz-se também arroz, milho e outros itens da agricultura.

Outra fonte econômica de grande importância são os recursos da Prefeitura, do Governo Estadual e do Governo Federal que juntos mantêm a folha de pagamento dos servidores, fato que movimenta o comércio local. Ainda há espaço para citarmos a economia proporcionada pelos vários eventos culturais que são realizados na cidade, atraindo milhares de turistas, que nesse período ampliam o volume de vendas no comércio. O artesanato também tem o seu espaço. Há alguns anos, grupo de pessoas vem desenvolvendo essa atividade, principalmente os idosos que se reúnem na “Casa do Idoso” para a confecção de diversos artefatos, costura, crochê, boneca de pano, colchas de fuxico, artes em madeira e buriti e ainda usufruir do lazer proporcionado pelo Fortalecimento de Vínculo.

O ouro que foi o carro chefe para a criação do município teve outra fase de grande importância na economia no início até o final dos anos 1980, quando garimpeiros começaram a mexer a terra e assim o encontraram novamente. Atualmente, alguns garimpeiros ainda exercem esse tipo de atividade, mas com uma escala menor. De acordo com a reportagem publicada em 2008, *Monte do Carmo está sob ameaça*, a população viveu momentos de apreensão sobre a possível exploração do minério de ferro na Serra do Carmo. Em 2014, instalou-se uma empresa destinada à exploração de minério de ferro (JORNAL OPÇÃO, 2008).

O Patrimônio Cultural de uma nação, de uma região ou de uma comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que lhe constituem, incluindo o meio ambiente natural. (Declaração de Caracas - 1992).

O Patrimônio Cultural tem como objeto todos os bens tangíveis e intangíveis, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sociohistórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural. Através do patrimônio cultural é possível conscientizar os indivíduos, proporcionando aos mesmos a aquisição de conhecimentos para a compreensão da história local, inteirando-os da sua própria história.

As Constituições de 1934, de 1937, bem como o Decreto-Lei 25/1937, foram os princípios norteadores utilizados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional) na articulação do tema patrimônio com cultura nacional. Em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, inaugura-se um novo tempo no tocante à cultura brasileira, quando cita os bens imateriais pela primeira vez. Conforme artigo 216 "Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" (BRASIL, 1988).

Este artigo refere-se ao patrimônio cultural de Monte do Carmo como um direito da população e um dever do Estado de preservá-lo. A construção da verdadeira cidadania não se resume apenas às oportunidades de estudo e trabalho, mas também da atitude responsável de cada um perante os direitos individuais e coletivos, que formam a base da harmonia social, dentre os quais se encontram os direitos culturais, sobretudo de Monte do Carmo e das cidades circunvizinhas originárias da mesma época.

Ressaltar a importância turística, entre eles o turismo religioso em Monte do Carmo é algo de fundamental importância para a difusão cultural. Ao passar pela cidade faz-se necessário uma parada na igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo que foi construída em 1801 (<http://secom.to.gov.br>, 2015).

A Igreja conserva as características da arquitetura colonial, lembrando muitos aspectos de outras igrejas do interior de Minas Gerais, construídas antes do advento do modernismo, com influências coloniais, onde predomina a imponência da instituição sobre o contexto em que está inserida. Com mais de 200 anos de existência, a igreja de Nossa Senhora do Carmo é um ponto de referência para a realização das manifestações culturais e religiosas do município, sendo motivo de orgulho do povo carmelitano.

No rol das manifestações culturais religiosas estão as Festas do Carmo, comemoradas todos os anos em datas fixas e flexíveis definidas pela igreja. Começa em janeiro com as folias de Santos Reis e São Sebastião; em julho com a padroeira Nossa Senhora do Carmo, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário; em outubro também se comemora Nossa Senhora do Rosário, porém, com uma pompa reduzida.

A identidade do povo carmelitano é preservada com muita fé e devoção. As festividades são conhecidas em todo Brasil, ultrapassando as fronteiras e limites geográficos. A movimentação para o preparo das festas já é algo que comunidade considera obrigatório. Não precisa de divisões de tarefas, parece que cada um já sabe seu lugar na organização e assim a tradição é repassada de pai para filho de forma natural.

RELIGIOSIDADE

Religiosidade popular é comumente definida como um conjunto de diversas doutrinas, sendo catolicismo, espiritismo, culto afro-brasileiro e indígena. A essência dos movimentos religiosos populares está em cultuar os santos católicos associados às entidades afro-brasileiras, particularmente, mediante as peregrinações das romarias e das promessas milagrosas.

Estudioso da cultura popular na Europa Moderna, Peter Burke, ressalta que, até o século XVI, elite e povo participavam de uma mesma cultura e expressavam tal comunhão por ocasião das festas. Para Burke (1989, p. 16), este processo vem até o final do século XVIII, "quando a elite tinha geralmente se retirado". A partir dos anos de 1970, pesquisadores europeus, influenciados pelos estudos sobre mentalidades, direcionaram seus olhares às análises de temas como festas, devoções, religião, morte, sexualidade, rituais, entre outros. No Brasil, os estudos sobre festas e religiosidades populares começaram a repercutir a partir da década de 1980, ganhando reforço por meio das traduções de várias obras dos historiadores franceses, anglo-saxões e russos.

O historiador francês Michel Vovelle (2004, p. 167) foi pioneiro na utilização das festas como objeto de pesquisa temática até então desenvolvida quase que exclusivamente por antropólogos, etnólogos e folcloristas. O autor chama a atenção para o fato de que, a partir dos anos sessenta, surgiu uma geração de historiadores interessados na história das mentalidades, ampliando o campo de pesquisa da etnografia histórica e fazendo renascer o interesse dos historiadores pelo estudo das festas. Segundo Vovelle 2004,p.167)

A religião popular não é uma realidade imóvel e residual, cujo núcleo seria uma 'outra religião' vinda do paganismo e conservada pelo mundo rural: pelo menos, não exclusivamente. Ela inclui também todas as formas de assimilação ou de contaminação e, sobretudo, a leitura popular do cristianismo pós-tridentino, como também – por que não – as formas de criatividade especificamente populares [...].⁴

Para Burke (1989, p. 223) as festas populares desempenham funções sociais tendo conotações ora de "controle social" ora de "protesto social". Ele relata que:

Elas eram diversão, pausa bem-vinda na luta diária pela subsistência, ofereciam ao povo algo pelo que ansiar. Elas celebravam a própria comunidade nas suas habilidades em montar um bom espetáculo, e talvez a zombaria contra os forasteiros (judeus no Carnaval romano, camponeses no de Nuremberg) fosse, entre outras coisas, uma expressão teatralizada da solidariedade comunitária. Na festa de São

⁴ VOVELLE, Michel. Ideologias e mentalidades. 2004

João Batista de Florença, alguns rituais expressavam a subordinação de outras comunidades a essa capital de um império.

Ainda sobre festas, Burke cita:

As festas também ofereciam oportunidade para que diferentes grupos da mesma comunidade competissem entre si, o que muitas vezes era ritualizado sob a forma de batalhas simuladas, como as batalhas nas pontes de Veneza ou Pisa ou as partidas de futebol em Florença, mas também podia ser expresso nos esforços de diferentes paróquias, guildas ou bairros da cidade para apresentarem exibições melhores do que seus rivais. Um padre de Provins, na Champagne, escreveu em 1573 que as procissões locais exprimiam "rivalidades entre as igrejas".

Para o autor os rituais festivos também expressavam funções de 'válvula de escape', 'ocasião de êxtase e liberação', além de preservar e até fortalecer a ordem estabelecida. As festas representavam um momento diferente, quebra da rotina.

No Brasil, uma das referências obrigatórias para estudos sobre festas religiosas e populares são as obras do memorialista Melo Moraes Filho, entre elas **Festa e Tradições Populares do Brasil**, publicada em 1901. O autor foi desbravador destes estudos, cuja sua trajetória de escrita expressou um olhar especial sobre a temática acima citada, inclusive incentivou campanhas pela valorização de festas, autos e bailes populares, favorecendo a construção de uma identidade nacional positiva, no final do século XIX.

Nas primeiras décadas do século XX, a temática sobre festas populares ganhou novos contornos, com escritores modernistas, exemplo notável de Mário de Andrade, reconhecido como um dos mais importantes intelectuais brasileiros do século XX.

A partir dos anos de 1980, observa-se um avanço considerável no campo de estudos sobre festas e religiosidades, sendo uma característica do povo explorado e oprimido. Riolando Azzi (1987, p. 67-68) na obra **A cristandade colonial: mito e ideologia**, observa o apego a religião como meio de harmonia social e de união entre diversos povos. Estabelece "em uma das mais difundidas formas utilizadas pelo ser humano e seu esforço de sobrevivência neste mundo onde se sentia totalmente frágil e indefeso".

A afirmação do autor reforça a história vivida em Monte do Carmo, pois as festas foram e continuam sendo de significativa importância para que a comunidade mantenha a tradição fervorosa até os dias atuais.

Nesse universo profundamente sacral, típico da sociedade colonial, as festas religiosas multiplicavam-se com muita frequência. Essas celebrações constituíam uma forma de restabelecer a confiança na vida, diante de tantas inseguranças geradas pela fragilidade dos instrumentos humanos para enfrentar os obstáculos da natureza. Mas, sobretudo, eram um elemento fundamental para que despontasse e florescesse a esperança na vida, no imenso território transformado num vasto "campo de concentração" humana mediante o sistema escravocrata vigente.

Conforme Azzi (1987, p. 67-68), no Brasil colonial, as festividades religiosas assumiram importância fundamental, sendo instrumento significativo de comunicação social, uma vez que grupos de devotos dispersos pelo território afluíam para os pequenos ou grandes centros urbanos a fim de festejar seus santos e invocar sua proteção, o motor que locomove é unicamente a própria fé.

No livro **Festas e utopias no Brasil colonial**, Mary Del Priore (2000, p. 10) escreve que "o tempo da festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de deslumbramento, de fantasias e de liberdades, de ações burlescas e vivazes". Contudo, segundo a autora, o tempo fáustico da festa eclipsa também o calendário da rotina e do labor dos homens, substituindo-o por uma variedade de funções. Em determinado momento, ela é suporte para a criatividade de uma comunidade, importante no fortalecimento dos laços de solidariedade, em outro, ela afirma a perenidade das instituições de poder.

A festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. Servem ainda de exutórios à violência contida e às paixões, enquanto queimam o excesso de energia das comunidades. A alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças (DEL PRIORE, 2000, p. 10).

Del Priore ainda se refere à separação das festas religiosas e profanas, a tentativa de objetividade não funciona, uma vez que para a autora elas caminham juntas. "É como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e vice-versa" (DEL PRIORE, 2000, p. 10).

Não é nossa finalidade aprofundar a pesquisa sobre irmandades religiosas, no entanto, por ser um trabalho sobre Patrimônio Cultural, faz-se necessário, visto que a memória coletiva reporta a estas instituições e é com essa memória que se constrói a identidade de um povo. É importante salientar que a organização das Irmandades teve início no Período Colonial aos moldes das associações religiosas existentes em Portugal. Citar a Irmandade do Rosário, bem como a festa de Nossa Senhora do Rosário celebrada tradicionalmente em Monte do Carmo, é importante na concepção de cidade-museu.

Caio Boschi (1986, p. 67-93) autor da obra **Os leigos no poder**, assinala que as irmandades tiveram importante função social, agrupando as pessoas conforme a cor da pele e lugar na hierarquia social; sendo as únicas instituições nas quais os homens e mulheres negros puderam se manifestar com relativa liberdade e autonomia.

Haja vista que os santos e as santas tiveram papel significativo no sistema de conversão dos negros ao catolicismo, entrar para a irmandade teria sido o sonho de muitos negros. Reunir-se para cantar e dançar era uma das poucas formas de reconstruir sociabilidades; gestos e vozes, expressão limitada de uma precária liberdade. Por meio da linguagem corporal

estabelecia-se a comunicação entre os irmãos. Há relatos de que, nos dias de festividades legalmente constituídas, as vestimentas eram outras, a comida era abundante; para além disso, era possível à mulher e ao homem negro participar de um teatro, partilhar de uma experiência religiosa e dar sentido à vida (Idem).

No Estado do Tocantins, como em outros lugares do Brasil, a religiosidade popular é tida como a religião vivida e praticada por pessoas de menor poder econômico, ou seja, a maioria, composta principalmente de mestiços e negros.

Frei José Maria Audrin, um dos pioneiros em pesquisas sobre os costumes populares e festas regionais do atual Estado do Tocantins, publicou suas obras nas primeiras décadas do século XX. O religioso francês permaneceu por longo tempo entre os sertanejos e indígenas da região Norte do Estado de Goiás e Sul do Pará. No retorno aos conventos do Sul do Brasil, pôs-se a escrever sobre as experiências missionárias.

Segundo Audrin, "escrevemos este livro, sobretudo para reviver o sertão que foi o nosso e, assim, matar a saudade de um passado cheio de encantos apesar de rudes trabalhos e não poucos sacrifícios". O Frei publicou duas obras: **Entre sertanejos e índios do norte (1947)**, onde observou a vida e os trabalhos eclesiásticos de Dom Domingos Carrérot, primeiro bispo da Diocese de Porto Nacional, relatando os fatos que juntos viveram pelos sertões e, **Os sertanejos que eu conheci (1963)**, que narra os costumes e os hábitos do povo da região Norte de Goiás, enfatizando a vida cotidiana, as relações sociais e a religiosidade (AUDRIN, 1963 p. 60)⁵

A cidade de Monte do Carmo é o cenário de manifestações culturais celebradas anualmente. Sobre as origens e função das manifestações culturais brasileiras, Noqueira (1997, p.128) assim procedeu:

Negros, brancos, índios, portugueses se uniam para vivenciar, num momento fora do trabalho cotidiano e dos olhos vigilantes da coroa, a alegria, a música, os símbolos de múltiplas leituras, a distribuição de comidas trabalhosas e, principalmente, um momento de relativização, da ordem dos estabelecida, simbolizando através das fantasias e dos acontecimentos da festa.

Não foi diferente em Monte do Carmo. Fundada no período colonial, o município tem várias datas comemorativas. A memória da população e a historiografia referem-se a festividades e celebrações que se mantêm vivas graças à tradição, esforço da comunidade, que se reconhecem como protagonistas dos eventos e neles afirmam a própria identidade. As festas de Monte do Carmo não deixam a cidade cair no 'esquecimento', ou seja, todos os anos o lugar é lembrado pela população. Outras festas e celebrações são movidas pela devoção dos fiéis que fazem "promessas" e acreditam que o Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário fazem milagres.

⁵ AUDRIN, José Maria. **Os sertanejos que eu conheci**. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1963.

A população se mobiliza nas organizações, muitas vezes, abandona as atividades individuais para organizar os eventos. O saber fazer a festa é uma prática hereditária, que se perpetua de geração em geração. Observa-se que os rituais são mantidos e a essência das festas está na continuidade da tradição.

Sobre as festas de Monte do Carmo há pouca bibliografia. Muitas informações são obtidas através da memória. Alguns trabalhos acadêmicos foram publicados, no entanto tratam do assunto de forma fragmentada. A obra de Noeci Carvalho Messias é a mais completa sobre as festas e religiosidade. O próximo tópico desta pesquisa está fundamentado nos estudos da referida autora.

A historiadora Noeci Carvalho Messias, estudiosa das festas do Carmo, defendeu sua tese de doutorado, **Religiosidade e Devoção: As Festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade - TO**, com informações precisas sobre esta temática. A historiadora também citou jornais do século passado como fonte para pesquisa. Os "periódicos são também fontes que têm contribuído com importantes registros sobre as festas realizadas na região". Referiu-se aos autores Audrin (1946), Oliveira (1997) e Costa (2004), que escreveram sobre o Norte goiano.

De acordo com Messias (2010, p. 72), em "1891 foi criado o primeiro periódico, a *Folha do Norte*, seguido do *Incentivo* em 1901 e, em 1905, o *Norte de Goyaz*." De acordo com a historiadora, "com edição bimensal, o *Norte de Goyaz* circulou até 1985, tendo noticiado em muitas de suas páginas informações sobre os festejos realizados em Monte do Carmo". Segundo Noeci, "na folha 3, da edição 69, de 31 de julho de 1908, evidencia-se realização dos festejos no referido arraial".

Com a pompa do costume realizaram-se no arraial do Carmo, no princípio da quinzena, os festejos religiosos em honra de N. S. do Carmo, padroeira do arraial, do Divino Espírito Santo, de N. S. do Rosário e de N. S. da Conceição. Como acontece anualmente, foram extraordinariamente concorridas todas as cerimônias religiosas e festas mundanas proporcionadas ao povo pelos respectivos festeiros. Dirigio os festejos religiosos o Rvmo. Frei Domingos Nicollet que foi desta cidade especialmente para esse fim no mesmo arraial. No correr das festas houve alguns casamentos e diversos batizados. Foram sorteados festeiros e procuradores para o ano vindouro: Procurador da festa de N. S. do Carmo o Sr. Major Carolino Pereira da Silva; Festeiro do Divino Espírito Santo o Snr. Mathias Carvalho; de N. S. do Rosário o Snr. Ocidio Ferreira e Dna. Querubina de O. Negry e procurador da festa de N. S. da Conceição o Snr. André Pereira da Silva. Havendo sido acertado os sorteios dos festeiros e procuradores dos festejos para o ano vindouro, é de esperar-se grande entusiasmo em as festas do Carmo de 1909.

A nota do periódico aparece pelo menos dois episódios interessantes que já não fazem mais parte das festas do Carmo na atualidade: o primeiro é referente a figura do "procurador" da festa de Nossa Senhora do Carmo e, o outro, é a homenagem à santa Nossa Senhora da Conceição, realizada no dia 19 de julho. Não foi possível identificar o período e nem a causa da descontinuidade destas práticas religiosas.

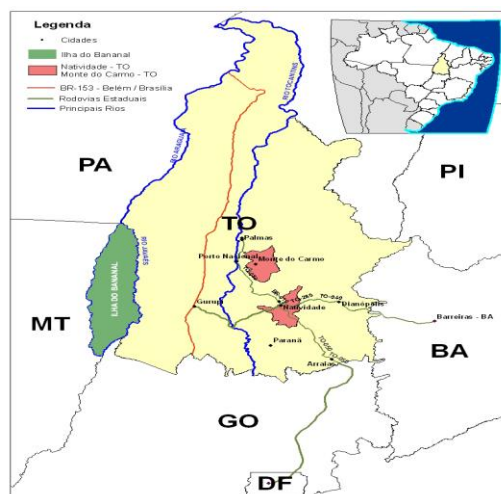
A seguir, abordaremos de forma tangencial, cada uma das festas e celebrações. Não é nossa pretensão esgotar o assunto, nem relatar todos os

pormenores das festas, pois seria impossível registrar a magnitude dos acontecimentos. Também ressaltamos que esta pesquisa ocorreu em determinado contexto, onde os valores culturais e religiosos diferem de outras épocas. A neutralidade na história é meta a ser perseguida pelo historiador, porém sempre haverá influências sobre seu discurso, principalmente quando participa do objeto de pesquisa, como no meu caso.

CIDADE-MUSEU

A proposta deste artigo é orientar o poder público na criação da cidade-museu de Monte do Carmo. Para o turista que está em busca de conhecer a cidade e o patrimônio cultural, ou aquele que está simplesmente passando pela cidade. Os "pontos de cultura", ou seja, esta designação é nossa para os lugares carregados de significação. Citamos como pontos de cultura a entrada da cidade, os córregos, a Igreja Nossa Senhora do Carmo, o (provável) local da Igreja Nossa Senhora do Rosário, o caminho para os garimpos da época, o (possível) canal construído no período escravista, a planta baixa da cidade antiga com destaque para as construções da época. Além dos pontos de cultura, que são bens patrimoniais tangíveis, há também as festas, as cavalgadas, as cantigas, as tradições, o conjunto de rituais que foram descritos nesta pesquisa, formando o rol de bens patrimoniais intangíveis.

Localização da região de estudo.



Fonte: Mapa Adaptado em abril/2010, por Lúcio Sérgio Borges Peixoto, Analista em Tecnologia da Informação.



Foto: 05,06,07,08,09 e 10. Igreja Nossa Senhora do Carmo. Fonte: www.montedocarmo.to.gov.br jan/2017

Partindo da Igreja Nossa Senhora do Carmo em direção a serra, temos o caminho para o local de mineração. Este **será o quinto ponto de cultura**. Por este caminho passaram trabalhadores e donos das minas. Este foi o "caminho do ouro", também dos sonhos e decepções dos homens da época.

Os vestígios do possível canal construído pelos cativos e abandonado sem motivo conhecido será o **sexto ponto de cultura**. Este local guarda aspectos do conhecimento de engenharia da época, podendo ser dos aventureiros que aqui vieram, bem como dos cativos utilizados no trabalho das minas.

No local da mineração temos o **sétimo ponto de cultura**. Não sabemos precisamente quanto ouro foi retirado do local. Também quantos escravos ali trabalharam. Este ponto é importante, pois foi a partir do ciclo aurífero que nasceu a intenção de fundar o Arraial do Carmo.

No Riacho Sucuri será fixado um obelisco como **oitavo ponto de cultura**. Este riacho é citado pelos viajantes que visitaram o lugar e desempenhou/desempenha importante papel na história da Cidade do Carmo. Em tempos pretéritos, este local servia de acesso à água, como meio de obter alimento (peixes).

As ruas que circundam a Igreja de Nossa Senhora do Carmo são o **nono ponto de cultura**. As vias por onde circularam os primeiros moradores, por onde passaram/passam as procissões também são importantes para a preservação da história da cidade.

CONCLUSÃO

Monte do Carmo é uma cidade diferente. Nascida no início do ciclo minerador, a singela cidade tem em sua história, festejos e quadro ecológico os principais atrativos para quem reside aqui e quem vem visitá-la. Ao se aproximar do núcleo urbano, o visitante se depara com casas construídas em diferentes tempos, obedecendo ao traçado das ruas que remetem ao tempo do ouro. Monte do Carmo nasceu colada na serra de mesmo nome, como se estivesse aninhada no colo da mãe-natureza.

Conhecida como Arraial do Carmo, a cidade foi visitada por diversos viajantes e autoridades da época. Foi habitada por militares, religiosos, mineradores, comerciante e trabalhadores escravizados, que aqui vieram cada qual em sua função. Os primeiros registros mostram que a cidade cresceu rapidamente e tornou-se um polo atrativo tanto no aspecto econômico, como no religioso. Para o período colonial, o Arraial do Carmo era desenvolvida, organizada e referência para outras vilas menores, como por exemplo Porto Real.

O ciclo do ouro foi curto, como o reinado do Arraial do Carmo. Quando esgotaram-se as minas, o povoado sentiu o impacto da estagnação econômica e por longas décadas ficou parado no tempo. Da época do ouro restaram as festas e a tradição, que permanece viva e é o principal atrativo dos que visitam Monte do Carmo. A história do ouro confunde-se com a história religiosa, as duas com seus meandros e segredos, que muitos deles não foram revelados.

Monte do Carmo nasce do ciclo aurífero, mas sustenta-se como criatório bovino e de produção de alimentos. As dezenas de fazendas existentes na época vão se multiplicando e a cidade começou a sair da estagnação a partir deste modelo econômico. Os cativos do ouro passam a cativos das fazendas, outros foram libertados ou fugiram. A composição social é predominantemente negra.

Quanto a fundação do Arraial, há divergência nas datas, porém predomina o registro de 1746. Havia aqui um povoado considerável. Pohl, em 1819, informou que havia 150 casas dispostas em uma única rua. Cunha Matos, 1824, contabilizou 107 casas. Concluímos que o Arraial teve o número de residências diminuídas, ou os viajantes não foram tão precisos em suas contagens. Os dois viajantes citados apontam resistência indígena às ações dos recém-chegados e formação de uma elite branca e mestiça a partir dos ganhos com ouro e pecuária.

O patrimônio material e imaterial de Monte do Carmo chama a atenção de todos que por aqui passam ou residem na cidade. O modo como foram construídos os prédios e a disposição deles; as igrejas, as festas, a irmandade que existiu, os saberes que passam de geração em geração, a memória coletiva, as lendas, a história dos primeiros homens que aqui fixaram residência constituem o patrimônio material e imaterial. Um museu tradicional seria insuficiente para guardar toda história de Monte do Carmo. Na verdade, a formosa cidade é um museu a céu aberto.

A Igreja Nossa Senhora do Carmo aparece na documentação escrita, como também a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Os viajantes e historiadores descrevem eventos que ocorreram nestes locais, como também a sua influência sobre as localidades vizinhas. Uma igreja permanece imponente, viva, acolhedora, ponto de chegada e partida das tradições religiosas. A outra, Nossa Senhora do Rosário, não existe na forma pedra e cal, mas está viva na memória, como a igreja dos pretos.

A centenária igreja é a metáfora para se pensar a "cidade museu", sua estrutura, arquitetura, posição estratégica na planta da cidade, guardam na memória a vida das gentes que por ali passaram e pelos que vivem no local. A ideia de usar a Cidade como Museu surge como atendimento à demanda por uma política que preserve a cidade e que essa construção não caia no esquecimento e não aniquile um saber institucionalizado. A igreja significa uma parte, ou um todo, da história cultural da cidade. Em outras palavras, Monte do Carmo não seria o mesmo sem a Igreja e vice versa.

Além da igreja existem as casas antigas ao seu redor, o formato da cidade, sua estrutura organizacional são fatores que devem ser preservados, o conjunto da obra se mantém porque é importante na identificação do lugar. A "cidade museu" é uma maneira de preservar o todo sem alterar a forma. Transformar a Cidade em "cidade museu" seria como preservar um grande e valioso quadro pintado no local, como se o observador pudesse ver onde e como esta linda obra foi realizada.

Monte Do Carmo-TO-Jalapão Gateway: Proposition To Create Cidade-Museum

ABSTRACT

This work was born from an initiative for the preservation of the Cultural Heritage of the city of Monte do Carmo, state of Tocantins. The general objectives presented here are: to discuss and present practical and feasible proposals within the scope of preserving the local identity with the proposed creation of the City-Museum, in this sense to highlight the route of passage to the State Park of Jalapão a tourist and cultural diffusion. As a result of this process, we intend to demonstrate the importance of tourism for development and location, and in the opportunity to know the quiet city that maintains traces and customs of the colonial period. The tourist abetura is a form of cultural diffusion in post modern Brazil, the stop in Monte do Carmo becomes obligatory to the tourist on the way to the jalapão.

Keywords: Monte Do Carmo; Cultural Heritage; History Tourism.

Monte Do Carmo-TO-Portal Jalapão: Una Propuesta Para La Creación De La Cidade-Museum

RESUMEN

El presente trabajo nació de una iniciativa para preservar el Patrimonio Cultural de la ciudad de Monte do Carmo, estado de Tocantins. Los objetivos generales aquí presentados son: discutir y presentar propuestas prácticas y factibles en el ámbito de la preservación de la identidad local con la propuesta de creación de la Ciudad-Museo, en ese sentido evidenciar la ruta de paso al Parque Estadual del Jalapão una difusión turística y cultural. Como resultado de este proceso pretendemos demostrar la importancia turística para el desarrollo y local, y, en la oportunidad de conocer la tranquila ciudad que mantiene rasgos y costumbres del período colonial. La abetura turística es una forma de difusión

cultural en el Brasil posmoderno, la parada en Monte do Carmo se vuelve obligatoria al turista en el camino del jalapón.

Palabras Clave: Monte Do Carmo; Patrimonio Cultural; Historia y Turismo.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRE, José M. P. de. **Anais da Província de Goiás**. Goiânia: SUDECO, 1979.

ALMEIDA, M. C. B. de. **A informação em museus de arte: de unidades isoladas a sistemas integrados**. *MUSAS - Revista Brasileira de Museus*, Rio de Janeiro, IPHAN, N, 2, P. 26-40. 2006.

ANDRADE, Mário. Os Congos. In: **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Martins, 1965.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão negra no Tocantins colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2007.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional II: danças, recreação e música**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. **Festas e rituais de caridade nas Misericórdias**. In: PIEDADE POPULAR: SOCIABILIDADES – REPRESENTAÇÕES, ESPIRITUALIDADES. Actas do Colóquio Internacional. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa: Terramar, 1999.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. A redenção dos pardos: a festa de São Gonçalo Garcia no Recife, em 1745. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. [Orgs.]. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec; USP : Fapesp, 2001.

Arquivo Histórico Estadual de Goiás – Goiânia/GO.

AUDRIN, José Maria. **Entre sertanejos e índios do norte**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

AUDRIN, José Maria. **Os sertanejos que eu conheci**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963.

AZZI, Riolando. **A cristandade colonial: mito e ideologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paula: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário:** devoção e solidariedade em Minas Gerais – século XVIII e XIX. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Peões, pretos e congos.** Goiânia: Universidade de Brasília, 1977.

BRASIL. Casa Civil. Constituição Federal. 1988.

BREFE, Ana Caludia Almeida. **O Museu Paulista:** Affonso de Tounay e a memória nacional, 1917-1945. São Paulo: UNESP; Museu Paulista, 2005.

CAMPOS, Marta Silva. **As festas do Carmo.** São Paulo: Gráfica Lider / COMSAÚDE, 1988.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **O discurso autonomista do Tocantins.** Goiânia: UCG, 2003.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo:** culpabilização no ocidente (século 13-18). Tradução de Álvaro Lorencini. Volume II. Bauru: EDUSC, 2003.

DIAS, Paulo. **A outra festa negra.** In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. [Orgs.]. **Festa:** cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Hucitec; USP: Fapesp, 2001.

DOMINGUES, Andréa Silva. **Cultura e memória:** a festa de Nossa Senhora do Rosário em Silvianópolis – MG. Tese (Doutorado em História Social) PUC, São Paulo, 2007.

Escritório filial da ADAPEC em Monte do Carmo – To, Novembro / 2015.

FARIAS, Soraia Aparecida Martins. **Cidade-museu:** expressões espaciais e o caráter cultural. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2010. [Dissertação de Mestrado].

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). “Apresentação”. In: **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp vii – xxv.

FERRETI, Sergio F. **Repensando o sincretismo.** São Paulo, EDUSP/FAPEMA, 1995.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo:** trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro; UFRJ: IPHAN: 1997.

FONTES, A. Lourenço. Piedade popular – Práticas. Crenças. Festas. In: *Cultura - Revista de História e Teoria das Idéias.* Volume X. Universidade de Nova Lisboa, 1998.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich *et all*. **Modernização Reflexiva**. Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1994.

GODINHO, Durval C. **História de Porto Nacional**. [S.L.:s.n.]; 1988.

GOMES, Elvanir Matos. **Rosário dos Congos na Festa do Carmo**. Porto Nacional: Pote, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HEERZ, Jacques. **Festas de loucos e carnavais**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

HUSSEIN. Andreas. **Memórias do Modernismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SOUZA, Jarlene. Igreja de Monte do Carmo é tombada como Patrimônio Cultural do Estado do Tocantins. In. <http://secom.to.gov.br>. Acesso em 20-11-2015.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. (Trad. Pedro Maia Soares). São Paulo: Cia das Letras, 2000.

KARASCH, Mary C. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Livro do Tombo. In: www.iphan.gov.br/benstombados. Acesso em: 17-01-17.

MAGALHÃES, Solange Maria Faustino. **Educação patrimonial através da compreensão da arquitetura de museus na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo, 2016.

MATOS, Raimundo José da Cunha. **Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará, pelas províncias de Minas Gerais e Goiás, seguido de uma descrição**

corográfica de Goiás, e dos roteiros desta província às do Mato Grosso e São Paulo. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2004.

MATOS, Raymundo José da Cunha. **Chorographia histórica da Província de Goyaz.** Goiânia: Líder, 1979.

MOURA, Antônio de Paiva. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: Pedro Paulo Funari e Jaime Pinsky [Orgs]. **Turismo e Patrimônio Cultural.** São Paulo: Contexto, 2003.

Ofício nº 45 de 2 de agosto de 1858, do Governo de Goyaz respondendo aos habitantes do arraial sobre a instalação de uma escola para homens. (ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL DE GOIÁS, CX. 01).

POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império:** relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

PALACÍN, Luís. **O século do ouro em Goiás: 1722-1822, estrutura e conjuntura em uma capitania de minas.** 4ª ed. Goiânia: UCG, 1994. REVISTA TRIMENSAL. Tomo XXXVII, Parte Primeira. Rio de Janeiro: IHGB, 1874.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil.** São Paulo: Nacional/Brasília: Universidade de Brasília, 1988.

RODRIGUES, Val. **Tradição: Monte do Carmo festeja padroeira.** *JORNAL DO TOCANTINS*, Caderno Arte & Vida. Palmas, 16 de Julho de 2002, p. 1

SAINT HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás.** São Paulo: Nacional, 1944.

SAINT-HILIRE, Augusto de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. **Economia e escravidão na Capitania de Goiás.** Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

SANTOS, Mônica de Menezes. **A cidade museu: Godofredo Filho e o projeto conservacionista do modernismo brasileiro.** II ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. Salvador: Bahia, 2006.

SHARA, Rezende. **Festa de fé e tradição.** *JORNAL DO TOCANTINS*, Caderno Arte & Vida. 22 de Maio de 2010, p. 01.

SILVA E SOUZA, Luiz Antônio da. **O Descobrimento da Capitania de Goyaz.** Goiânia/IHGB, 1968.

SILVA FILHO, Geraldo. **Oficialato mecânico e escravidão urbana em Minas Gerais no Século dezoito**. São Paulo: Scortecci, 2008.

SILVA, Everton Francisco da. **Sussa e Tambor**: heranças da cultura negra, nas festas do Carmo. (Trabalho de Conclusão do Curso de História). Porto Nacional: UFT, 2006.

SILVA, José Carlos Ribeiro da. **O som secular do Carmo**. Gurupi: Cometa, 2001.

SILVA, T. Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

TOCANTINS, Caderno Arte & Vida. Palmas, 21 de Setembro de 2002, p. 1.

VARINE, Hugues de. **Patrimônio e educação popular**. In: **O Direito de Aprender**. http://www.direitodeaprender.com.pt/revista02_02.htm, acesso em 29/04/2016.

WEHLING, Arno. **Formação do Brasil colonial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Arquivo, Acervos e Coleções Consultados

Arquivo Histórico Estadual de Goiás – Goiânia/GO. www.aheg.gov.br/arquivo

Acervo Jornal do Tocantins, Palmas/TO.

Biblioteca Municipal Eli Brasiliense – Porto Nacional/TO.

Cartório de Registro Civil de Monte do Carmo/TO.

Cúria Diocesana de Porto Nacional / TO.

Documentos avulsos consultados da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Monte do Carmo – TO

Escritório filial da ADAPEC em Monte do Carmo – To, Novembro / 2015.

Periódicos

Conhecer para Preservar valoriza costumes do Estado. JORNAL DO TOCANTINS.

CAPIM DOURADO, Palmas, v.01, n. 01. p. 78-105, jan. 2018

Caderno Arte & Vida. Palmas, 31 de Maio de 1996.

Folclore e tradição se encontram em Monte do Carmo. JORNAL DO TOCANTINS, Caderno Arte & Vida. Palmas, 17 de Julho de 1999, p. 2.

RODRIGUES, Val. ***Tradição: Monte do Carmo festeja padroeira.*** JORNAL DO TOCANTINS, Caderno Arte & Vida. Palmas, 16 de Julho de 2002, p. 1
REVISTA TRIMENSAL. Tomo XXXVII, Parte Primeira. Rio de Janeiro: IHGB, 1874.

ⁱ Recebido em 18 de Outubro de 2017. Aceito em 08 de Dezembro de 2017.



Oficina Jurídica Na Área Da Saúdeⁱ

Jefferson Dias de **Lima**¹

Adila Maria Taveira de **Lima**²

Ana Edith Farias **Lima**³

Marta Azevedo dos **Santos**⁴

Adriano Rodrigues **Mansanera**⁵

Elenara Lago **Dalanora**⁶

RESUMO

Relato de experiência da oficina jurídica na área da saúde. Foi um Projeto de Extensão, da Universidade Federal do Tocantins - UFT. A oficina foi uma promoção do Grupo de Pesquisa: Promoção e Educação em Saúde (UFT) e teve como colaboradores as instituições: Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-TO); Ministérios Públicos: Federal e Estadual no Tocantins (MPF; MPE); Secretarias de Estado da Saúde do Tocantins (SES/TO-DGES) e Municipais; Conselhos, Associações e Sindicato da Saúde no Tocantins; Defensorias Públicas: Federal e Estadual, Arquidiocese Metropolitana de Palmas; conselho Nacional de saúde – CNS; conselho nacional de justiça - CNJ, entre outros parceiros. Os eventos contam com público médio de 400 participantes entre acadêmicos, professores e profissionais das áreas da Saúde e do Direito. Teve como objetivo debater assuntos conflituosos relacionados à assistência à saúde, atuação profissional, direito do consumidor e do trabalhador na saúde, mediante uma abordagem crítica permitindo uma superação do senso comum, a luz do Direito. Bem como, permitir o intercâmbio de saberes entre a comunidade acadêmica da UFT, das demais IES e de empresas da região e promover a atualização de profissionais e acadêmicos do Direito, Saúde e

¹ Enfermeiro, Doutor, Técnico administrativo, Pesquisador do Grupo de Pesquisa Educação e Promoção da Saúde (UFT). Universidade Federal do Tocantins – UFT, Palmas, TO - Brasil. E-mail: enf.jefferson@uft.edu.br.

² Administradora de empresa, Doutora, Técnica administrativa, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação e Promoção da Saúde (UFT), Universidade Federal do Tocantins – UFT, Palmas, TO - Brasil. E-mail: adm.adila@gmail.com.

³ Enfermeira, Mestre, professora, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação e Promoção da Saúde (UFT). Universidade Federal do Tocantins – UFT, Palmas, TO - Brasil. E-mail: anaedith@uft.edu.br.

⁴ Psicóloga, Doutora, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação e Promoção da Saúde (UFT). Universidade Federal do Tocantins – UFT, Palmas, TO - Brasil. E-mail: marta@uft.edu.br.

⁵ Psicólogo, Doutor, Professor da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Campus Jandaia do Sul. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Educação e Promoção da Saúde (UFT). Universidade Federal do Tocantins – UFT, Palmas, TO - Brasil. E-mail: mansanera@gmail.com.

⁶ Contadora, Matemática, Especialista em gestão Pública (Instituto Cotemar). Palmas, TO - Brasil. E-mail: lenadalnora@hotmail.com.

áreas afins. Durante o ano aconteceram 10 oficinas sempre na última sexta-feira de cada mês, com duração de 04 horas/cada, totalizando 40 horas/anual que foram certificadas pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários da UFT aos seus participantes e colaboradores, enriquecendo currículo e/ou contribuindo para progressões funcionais de servidores. Os palestrantes (dois ou mais por oficina) da área jurídica defenderam suas teses a favor e a desfavor dos temas relevantes, conflituosos e transcendentais que foram escolhidos entre os colaboradores, conselhos, associações e sindicatos da área da saúde. Estes palestrantes também confeccionaram artigos que disponibilizam ao site da oficina. Conclusão: Esperamos que sirvam de espelho para outras Universidades / Faculdades pelo Brasil. Porque foi um Projeto de Extensão inédito, pioneiro e inovador. Não se encontrando até o momento nas literaturas, bancos de dados, redes sociais ou entre as IES públicas e privadas no Brasil experiência igual. Aonde, lançou um olhar didático-pedagógico sobre o atuar profissional da saúde e do jurídico utilizando-se das oficinas (atualizações), debatendo problemas da área da saúde com visão nos aspectos jurídicos, com a participação de palestrantes consagrados em suas áreas de atuação. As etapas deste projeto foram: (1ª) Definição dos temas (Inter) nacionais a serem abordados pelos participantes, parceiros e órgãos envolvidos; (2ª) Definição das diretrizes de ação metodológicas e divulgação; (3ª) Escolhas dos palestrantes regionais e nacionais; (4ª) Controle do banco de horas para elaboração dos certificados de participação no final do ano e (5ª) Elaboração do relatório anual de autoavaliação.

Palavras-chave: Direito À Saúde; Assistência Integral À Saúde; Defesa Do Paciente; Relações Comunidade-Instituição.

INTRODUÇÃO

A formação em saúde requer cenários de aprendizado que ultrapassem o modelo tradicional, centrado na assistência individual e curativa, ampliando possibilidades de desenvolver habilidades, valores e atitudes, tão necessários ao desenvolvimento humano e às demandas do mundo do trabalho.

Da mesma forma os professores, estudantes e profissionais de Direito e da Saúde precisam atualizar e renovar seus conhecimentos, uma vez que os respectivos conceitos sempre estão sendo aprimorados. É neste processo de evolução que cabe aos professores, estudantes e profissionais incidirem não como observadores, mas como seres operadores.

Assim, a Oficina Jurídica na Área da Saúde - OFJUDSAUDE propôs a integração entre estudantes, professores, profissionais das instituições educacionais e empresas de saúde e área advocacia (jurídica) da região, sendo uma atividade ímpar de interesse curricular (atividade complementar eletiva aos cursos de graduação) e extracurricular.

O Objetivo da OFJUDSAUDE foi lançar um olhar didático-pedagógico sobre o atuar profissional da saúde e jurídico utilizando-se das oficinas (atualizações), debatendo problemas da área da saúde com visão nos aspectos jurídicos, com a participação de palestrantes consagrados em suas áreas de atuação. A Metodologia tiveram etapas: (1ª) Definição dos temas a

serem abordados com participação dos órgãos e entidades representativas da saúde e do direito, envolvidos no projeto; (2ª) Definição das diretrizes de ação metodológica, de divulgação da oficina e participação da comunidade interna e externa da UFT; (3ª) Escolhas dos palestrantes Nacionais e regionais, indicados pelos CNS, TJTO, Conselhos de Classes profissionais da área da saúde, OAB-TO e outros; (4ª) Controle do banco de horas para Elaboração dos certificados de participação no final do ano e (5ª) Elaboração do relatório anual de (auto)avaliação do evento. As oficinas ocorreram todas as últimas sextas-feiras de cada mês, no CUICA, no campus de Palmas, com capacidade aproximada de 500 lugares. A divulgação aconteceu através de cartazes que foram divulgados com antecedência, nos murais das Instituições de Ensino Superior (IES), Estabelecimentos de Saúde, Secretarias Municipais e Secretaria Estadual de Saúde, Conselhos Municipais e Estadual de Saúde e nos sites da UFT, IES, Sindicatos e Conselhos de Classes.

Durante as OFJUDSAUDE Magistrados, procuradores, promotores, defensores públicos, advogados e convidados mostraram situações pelas quais profissionais e utentes da saúde passam no decorrer da promoção e assistência à saúde, expondo aspectos positivos e negativos: criticando o cenário extremamente crítico dos programas sociais e instituições de saúde, bem como o papel das Universidades na formação dos futuros profissionais frente a estes e tantos outros desafios (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10,11, 12), Ofereceram um entendimento e respeito à pluralidade cultural, valores e costumes dos utentes da saúde, favorecendo e enriquecendo o debate e o posicionamento crítico, o que abriu perspectivas para a compreensão da Política Nacional de Humanização (PNH) como parte do Direito à Saúde.

Articulou-se uma rede de instituições públicas federais, estaduais, ONG(s), privadas e sindicais visando à prevenção, punição e erradicação da violência e abuso ao Utente da Saúde e profissionais, tentou-se melhorar a interrelação entre Utentes e Profissionais da saúde. Assim, o Grupo de Pesquisa Promoção e Educação em Saúde - UFT, em parceria com os órgãos possibilitaram ao público alvo e a sociedade em geral a construção de um censo comum ético e legal sobre o DIREITO a SAÚDE.



Figura 01: Rede de instituições federais, estaduais, ONGs e sindicais envolvidas no projeto OFJUDSAUDE. Palmas, Tocantins, Brasil.

EXPERIÊNCIA VIVENCIADA

Para os preparativos da estreia do projeto, foram enviados vários ofícios acompanhados do Projeto original as instituições públicas e privadas, ONGs,

Sindicatos e Conselhos de Classes Profissionais da Saúde e do Direito no Tocantins e Outros Estados objetivando formalizar parcerias e indicações de temas conflituosos, polêmicos e conflitantes na área da saúde para discussões nas oficinas futuras. Na primeira reunião, ocorrida no Campus de Palmas/UFT, discutiram-se os detalhes da primeira oficina, bem como das quatro próximas oficinas subsequentes, ou seja, temas, palestrantes, membros da mesa, mediadores, debatedores, convidados, representantes de Associações, Órgãos e Entidades estaduais e nacionais. As assessorias de comunicação (DICOM) e de Informática (DTI) da UFT apoiaram na divulgação do evento, através de releases e construção do site www.uft.edu.br/ofjudsaude (13), onde também houve consultas e referências nos sites oficiais dos parceiros institucionais.

Ao todo o projeto OFJUDSAUDE realizou 10 oficinas/ano, provocadas somente pelo convite individual nas IES e setores de internação dos Hospitais, através de Cartazes e de e-mail(s), a partir da 2ª oficinas com o banco de e-mails obtidos com as inscrições online, que se identificam com as funcionalidades do projeto, atingido ao todo mais de 1000 participantes efetivos. O projeto registrou uma média de público de 300 participantes por evento/oficina, houve participação dos palestrantes e organizadores em ações de divulgação na mídia local (TV, Jornal e Rádio).

As edições da OFJUDSAUDE foram transmitidas pela “Rede Telessaúde” da UFT. O Projeto beneficiou discentes, docentes, profissionais da saúde, servidores públicos, pacientes e/ou seus responsáveis e a comunidade em geral. Porque proporcionar atualização e renovação dos seus conhecimentos e integração entre si e empresas; Relevou-se como uma atividade ímpar de interesse curricular (atividade complementar eletiva aos cursos de graduação e pós-graduação) e extracurricular; como progressão vertical nos Plano de Cargo Carreira de Salários (PCCS) dos servidores estaduais do Tocantins; e aos profissionais/utentes defende-los e/ou os encaminharem aos órgãos responsáveis de fiscalização e ajuda.

Durante as oficinas houve ampliação e difusão do Projeto, foram negociadas parcerias com os Conselhos Nacionais de Saúde - CNS e o de Justiça - CNJ. Através dessas parcerias, aumentou ainda mais a visibilidade do projeto e aumentou a capacidade de transmissão via “Telessaúde” do Ministério da Saúde. Saindo das 40 salas de “Telessaúde” nos municípios do Tocantins para o Brasil e o Mundo. Essa experiência mostrou-se uma ferramenta importantíssima para beneficiar aqueles que trabalham ou por outros motivos não podem estar no local do evento, podendo assistir nos seus locais de origem, fora do CUICA/UFT).

RESULTADOS

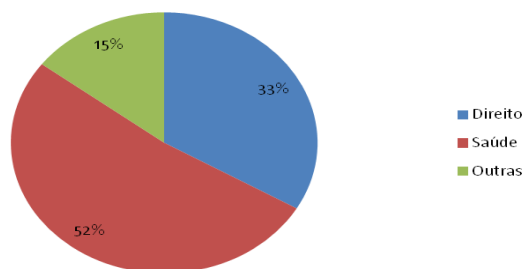


Gráfico 1. Distribuição geral dos participantes por área do conhecimento, nas oficinas, 2012.

No gráfico 1, após tabulação das fichas de inscrições constatou-se, que houve mais participação dos acadêmicos e/ou profissionais da área da saúde (52%) do que os da área do direito (33%) (gráfico 1). Talvez, por conta do grande número de processos judiciais e/ou éticos contra os profissionais/trabalhadores da saúde.

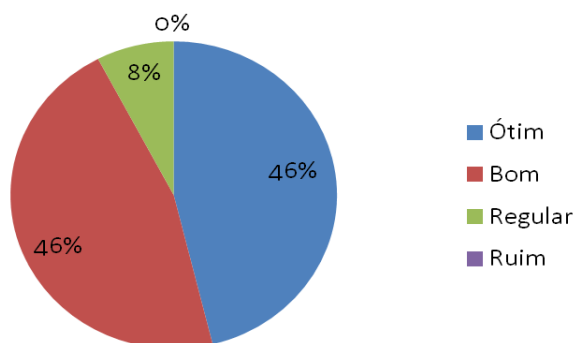


Gráfico 2. O que você achou dos temas dessas oficinas jurídicas

No gráfico 2, após tabulação das fichas de inscrições constatou-se, que os participantes das oficinas, acharam as escolhas dos temas feitas pelos órgãos e parceiros envolvidos no projeto, para discussões na OFJUDSAUDE, foram consideradas como ótimo e bom pelos participantes.

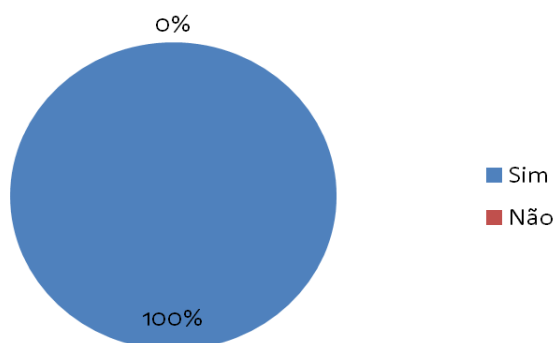


Gráfico 3: As oficinas jurídicas acrescentaram conhecimentos para você?

No gráfico 3, após tabulação das fichas de inscrições constatou-se, que os participantes reconheceram que os temas discutidos nas oficinas acrescentaram (novo) conhecimentos jurídicos sobre suas práticas na saúde. Alguns participantes e, suas falas durante as perguntas realizadas após os

debates dos temas, diziam que executavam procedimentos na área da saúde, sem perceber a gravidade e/ou risco das ações dolosas ou culposas, consciente ou inconsciente nas unidades de saúde. Alguns pacientes e/ou seus responsáveis disseram que achavam que os profissionais/trabalhadores da saúde estavam agindo errado, mas não sabia que juridicamente poderiam recorrer aos ministérios públicos ou defensorias para garantir os seus direitos de usuário.

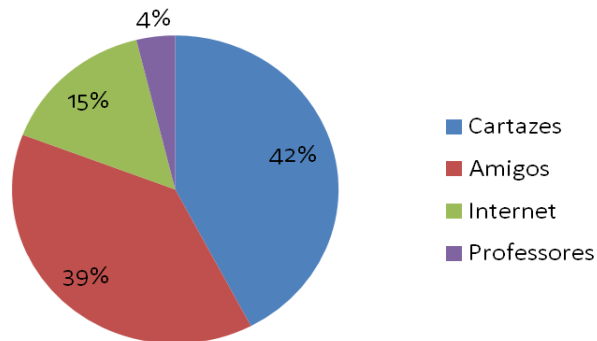


Gráfico 4: Como você obteve informações sobre as oficinas jurídicas?

No gráfico 4, após tabulação das fichas de inscrições constatou-se, que os participantes tomaram conhecimento das datas e dos respectivos temas das oficinas, através dos cartazes (42%) como o mais alcançável e/ou eficaz meio de divulgação do evento, este foram distribuídos nos murais das faculdades de direito e das áreas de saúde. Aqueles participantes que tiveram informações por amigos (39%), se deu por mala direta, através de e-mail, a partir da segunda oficina, por ocasião dos preenchimento da ficha de inscrição com os dados pessoais para emissão de certifica, aonde contava o e-mail do participante.

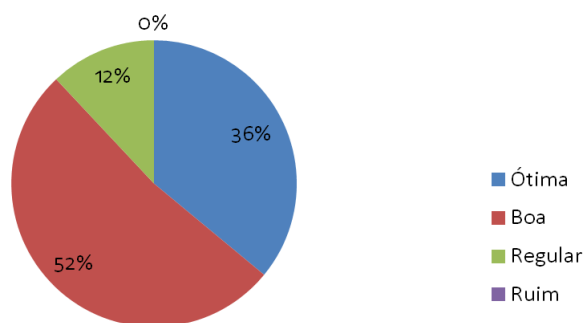


Gráfico 5: O que você achou da programação das oficinas jurídicas?

No gráfico 5, após tabulação das fichas de inscrições constatou-se, que os participantes consideraram de bom (52%) a ótima (36%) a programação do evento. Realizada com um ou mais juristas á favor do tema e um ou mais jurista á desfavor do tema. Como ocorre no tribunal e aonde o participante profissional, usuário e operadores do direito tomam o seu próprio entendimento para as suas defesas e/ou acusação futuras.

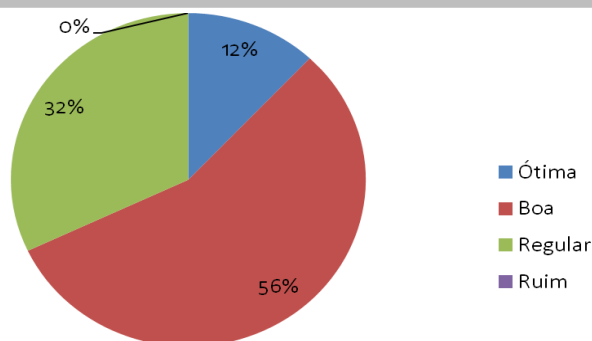


Gráfico 6: O que você achou da estrutura das oficinas jurídicas?

No gráfico 6, após tabulação das fichas de inscrições constatou-se, que os participantes consideraram de bom (56%) a ótima (12%) sobre a estrutura do evento: palestrante, anfiteatro, recepção e organização, divulgação, certificação. Para os palestrantes regionais e nacionais nas mesas de discursões de reconhecimento entre as entidades parceiras e público participante; com uma estrutura física do Anfiteatro do CUICA/UFT o maior das IES, bem confortável e refrigerado, excelente som ambiente e iluminação, multimídia e web transmissão ao vivo, coffee break e fácil acesso de realização do evento, boa divulgação na mídia e entrevistas nas principais mídias locais em horário nobre; recepção e organização do evento com uma equipe de colaboradores docentes, técnicos administrativo, alunos e parceiros envolvidos no controle de frequência e certificação ao termino.

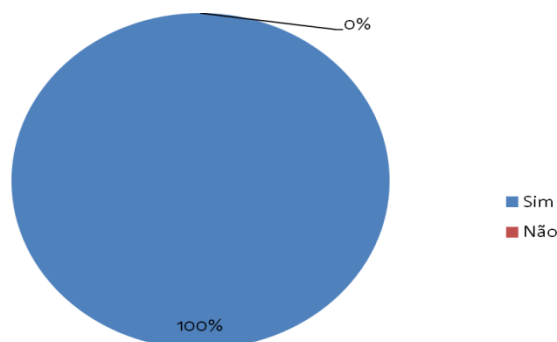


Gráfico 7: Você recomendaria a alguém para participar das oficinas jurídicas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS E AGRADECIMENTOS

O Projeto no futuro, precisa ampliar seu rol de atuação nas instituições, com maior apoio pelos gestores e órgãos parceiros. Foram atingidos e superados as metas e os resultados desejados para: Certificados os participantes; Números de palestrantes adequados; Números de oficinas anuais; carga horária cumprida; Meios de divulgação executados: Cartazes, Sites, divulgações na/em Imprensas/participações: Rádio, TV e Jornais; participação do público alvo e disseminação de conhecimento, encaminhamento de consultas jurídicas aos palestrantes e órgãos parceiros.

As articulações se fazem também necessárias para a continuidade e conhecimento sobre o projeto, mas temos consciência que é preciso vencer etapas para avançarmos mais e mais, pois a importância da existência do

Projeto já é concreta, se faz mister buscar maiores investimentos e apoio futuros. Os temas sugeridos e escolhidos pela Comissão organizadora e parceiros envolvidos, foram: A Emenda Constitucional 34/2001, sobre ACUMULAÇÃO DE CARGOS OU EMPREGOS PRIVATIVOS; Terceirização x Privatização da Saúde; APOSENTADORIA ESPECIAL aos Trabalhadores da Saúde (15, 20 e 25 anos); Judicialização da Saúde x Reserva do Possível; A Política Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário; Subsistema de Atenção à Saúde Indígena; Planos de saúde x Direitos dos Pacientes: o direito à saúde está sendo efetivado?; Direito à Vida e à Saúde: Aborto, anencefalia, eutanásia, distanásia, Ortotanásia e Suicídio; Estatuto do idoso na Saúde; Assédio Moral Afeta Saúde do Trabalhador.



Figura 2: Imagens dos eventos OFJUDSAUDE, no auditório CUICA/UFT. Palmas, Tocantins, Brasil.

Legal Workshop In Health

ABSTRACT

Experience report of the legal workshop in the health area. It was an Extension Project, Federal University of Tocantins - UFT. The workshop was promoted by the Research Group: Health Promotion and Education (UFT) and had as collaborators the institutions: Brazilian lawyer Association (OAB-TO); Public Ministries: Federal and State in Tocantins (MPF; MPE); State Secretaries of Health of Tocantins (SES / TO-DGES) and Municipal; Counsels, Associations

and Syndicate of Health in Tocantins; Public Defenders: Federal and State, Metropolitan Archdiocese of Palmas; National Health Council - CNS; National Justice Council CNJ, among other partners. The events have an average audience of 400 participants about academics, professors and professionals in the areas of Health and Law. It targeted to discuss conflicting issues related to health care, professional action, consumer and worker's rights in health, through a critical approach allowing an overcoming of common sense in the light of the law. As well as, to allow the exchange of knowledges between the academic community of UFT, other educational institutions and companies of the region and promote the updating of professionals and academics of Law, Health and related areas. During the year 10 workshops took place every last Friday of each month, with a duration of 04 hours / each, totaling 40 hours / year, which were certified by the Coordinator of Extension, Culture and Community Affairs of UFT to its participants and collaborators, enriching curriculum and / or contributing to functional progressions of servers. The speakers (two or more per workshop) of the legal area defended their theses for and against the relevant, conflicting and transcendent themes that were chosen among health workers, councils, associations and unions. These speakers also made articles that they made available to the workshop site. Conclusion: We hope that they serve as a mirror for other Universities / Colleges in Brazil. Because it was an unprecedented, pioneering and innovative Extension Project. Not being found so far in literature, databases, social networks or between public and private educational institutions in Brazil equal experience. Where, he launched a didactic-pedagogical look at the professional work of health and legal practice using the workshops (updates), debating health problems with a legal vision, with the participation of renowned speakers in their areas of practice. The stages of this project were: (1) Definition of the national (Inter) themes to be addressed by the participants, partners and bodies involved; (2^a) Definition of guidelines for methodological action and dissemination; (3) Choices of regional and national speakers; (4^a) Control of the hours bank for the preparation of the certificates of participation at the end of the year and (5^a) Preparation of the annual self-assessment report.

Keywords: Right to Health; Comprehensive Health Care; Patient Advocacy; Workers; Community-Institutional Relations.

Taller Legal En Materia De Salud

RESUMEN

Relato de la experiencia de la oficina jurídica en el área de la salud. Fué un Proyecto de Extensión, de la Universidad Federal de Tocantins - UFT. La oficina fué una promoción del Grupo de Pesquisa: Promoción e Educação en la Salud (UFT) y tubo como colaboradores a las instituciones: Ordem de los Abogados de Brasil (OAB-TO); Ministérios Públicos: Federal y Estadual en Tocantins (MPF; MPE); Secretarias del Estado de la Salud de Tocantins (SES/TO-DGES) y Municipales; Consejos, Associações e Sindicato de la Salud en Tocantins; Defensorias Públicas: Federal e Estadual, Archidiócesis Metropolitana de Palmas; consejo Nacional de salud - CNS; consejo nacional de justicia - CNJ, entre otras instituciones. Los eventos cuentan con público medio de 400 participantes entre académicos, profesores e profesionales del área de la Salud

y de Derecho. Tubo como objetivo debatir asuntos conflictivos relacionados a la asistencia de la salud, actuación profesional, derecho del consumidor y del trabajador en la salud, mediante un abordaje crítico permitiendo una superación de senso común, a la luz del Derecho. Bien como, permitir o intercambio de saberes entre la comunidad académica de la UFT, de las demás IES y de empresas de la región, promoviendo la actualización de los profesionales y académicos de Derecho, Salud y áreas afines. Durante el año acontecieron 10 oficinas siempre en el último viernes de cada mes, con duración de 4 horas cada una, totalizando 40 horas/anual que fueron certificadas por la Pro-Rectoría de Extensión, Cultura y Asuntos Comunitarios de la UFT a sus participantes y colaboradores, enriqueciendo curriculum e/ou contribuyendo para progresiones funcionales de servidores. Los palestrantes (dos o más por oficina) de la área jurídica defendieron sus tesis en favor y desfavor de los temas relevantes, conflictivos e transcendentales que fueron escogidos entre los colaboradores, consejos, asociaciones e sindicatos del área de la salud. Estos palestrantes también confeccionaron artículos que disponibilizaron en el site de la oficina. Conclusión: Esperamos que sirvan de espejo para otras Universidades / Facultades por Brasil. Porque fué un proyecto de extensión inédito, pionero e inovador. No encontrándose hasta los momentos en las literaturas, bancas de datos, redes sociales o entre las Instituciones de Enseñanza Superior (IES) públicas y privadas en Brasil experiencia igual. A donde, lanzo una mirada didactico-pedagógica sobre la actuación profesional de la salud y jurídico utilizando de las oficinas (actualizaciones), debatiendo problemas del área de la salud con vision en los aspectos jurídicos, con la participación de palestrantes consagrados en sus áreas de actuación. Las etapas de este proyecto fueron: (1) Definición de los temas Internacionales a ser abardados por los participantes, parceros e órganos involucrados; (2) Definición de directrices de la acción metodológica e divulgación; (3) Escojas de los palestrantes regionales y nacionales; (4) Control del banco de horas para elaboración de los certificados de participación en el fianl de año e (5) Elaboración del relatório anual de autovaloración.

Palabras clave: Derecho A La Salud, Atención Integral De Salud, Defensa Del Paciente, Relaciones Comunidad-Institución.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Brasília: Presidência da República, Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos; 1988. Available from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm.

BRASIL. **LEI No 10.406, DE 10 DE JANEIRO DE 2002** - Código Civil. Brasília: Presidência da República, Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos; 2002. Available from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm.

BRASIL. **EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 34, DE 13 de dezembro de 2001:**

Available from:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc34.htm.

BRASIL. **LEI Nº 8.213, DE 24 DE JULHO DE 1991.** Brasília: Presidência da República, Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos; 1991. Available from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm.

STF. ADPF 45 MC / DF - **Medida cautelar em arguição de descumprimento de preceito fundamental.** Brasília: Informativo/STF nº 345/2004; 2004.

Available from:

<http://www.prr4.mpf.gov.br/pesquisaPauloLeivas/arquivos/ADPF45.htm>.

STF. Resp 948.579/RS, Rel. Ministro JOSÉ DELGADO, PRIMEIRA TURMA, julgado em 28.08.2007-DJ 13.09.2007 p. 178. Brasília: STF - Supremo Tribunal Federal; 2007.

BRASIL. **PLANO NACIONAL DE SAÚDE NO SISTEMA PENITENCIÁRIO.**

Brasília: MS - Ministério da Saúde (BR); 2003. Available from:

http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Revisao_PNSSP.pdf.

BRASIL. PORTARIA Nº 254, DE 31 DE JANEIRO DE 2002. aprova a **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas** [serial on the Internet].

2002: Available from: http://6ccr.pgr.mpf.mp.br/institucional/grupos-de-trabalho/saude/docs_legislacao/portaria_254_2002.pdf.

BRASIL. **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS - Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.** Brasília: MJ - Ministério da Justiça; 1948.

Available from:

http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm.

BRASIL. **Estatuto do Idoso** / Ministério da Saúde. 2.^a ed.rev. Brasília:

Ministério da Saúde (BR); 2003. Available from:

http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/estatuto_idoso2edicao.pdf.

FORMOSINHO J. **Dilemas e tensões da atuação da universidade frente à formação de profissionais de desenvolvimento humano.** São Paulo: USP -

Universidade de São Paulo; 2009. Available from:

<http://www.prgp.usp.br/pt/pdf-formularios/CadernosEPP/Caderno8.pdf>.

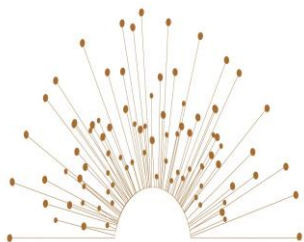
BRASIL. **Política Nacional de Humanização** - Humaniza SUS. Brasília: MS - Ministério da Saúde (BR); 2004. Available from:

http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/doc_base.pdf.

UFT. **Oficina Jurídica na Área da Saúde** - OFJUDSAUDE. Assessorias de comunicação (DICOM) e de Informática (DTI) [serial on the Internet]. 2011:

Available from: <http://www.uft.edu.br/ofjudsaude/>.

ⁱ Recebido em 10 de Outubro de 2017. Aceito em 08 de Dezembro de 2017.



Utilização De Leveduras Antárticas Em Estratégias De Controle Biológico De Doenças Pós-Colheita De Frutos Armazenados A Baixas Temperaturas¹

Raphael Sanzio **Pimenta**¹
Eskálath Morganna Silva **Ferreira**²

Doenças pós-colheita são aquelas que degradam produtos agrícolas durante a fase de estocagem, transporte ou comercialização. Estas doenças geralmente são ocasionadas por fungos e causam grandes prejuízos econômicos (SPADARO e DROBY, 2016).

O controle destas doenças geralmente é realizado com a aplicação de fungicidas químicos. No entanto, a legislação relacionada ao uso de agrotóxicos tem se tornado mais rigorosa, devido aos problemas gerados pelo seu uso sobre a saúde e meio ambiente. Com isto, métodos alternativos e mais seguros, como o controle biológico, têm se tornado uma opção interessante para o manejo das doenças pós-colheita (DROBY, et al., 2016).

Entre os frutos que mais são atacados por fitopatógenos durante a fase de armazenamento, o morango destaca se, por apresentar um curto período de estocagem e ser muito suscetível a ação de fungos (DURAN et al., 2016). Com isto, além do uso de fungicidas no campo, para se estender o período de comercialização, estes frutos geralmente são armazenados a baixas temperaturas ($\cong 0^{\circ}\text{C}$). No entanto, alguns fitopatógenos conseguem degradar estes frutos mesmo durante o armazenamento em câmara fria (ROMANAZZI e FELIZIANI, 2016).

Com a intenção de se obter leveduras para combater os fitopatógenos do morango, diversas coletas em frutos do cerrado foram realizadas no Estado do Tocantins. Contudo, nenhum isolado obtido conseguiu resistir às baixas temperaturas de forma satisfatória e este resultado levou os pesquisadores e estudantes envolvidos na pesquisa a buscar alternativas para viabilizar o isolamento de leveduras psicrófilas (resistentes a baixas temperaturas).

Desta forma, foram realizadas missões de pesquisas no continente Antártico, onde foram isoladas leveduras capazes de resistir a temperaturas extremamente baixas (-60°C). Estas leveduras foram coletadas, identificadas e atualmente são utilizadas em uma tese de Doutorado desenvolvida na UFT pela Doutoranda Eskálath Morganna Silva Ferreira, sob orientação do Prof. Dr. Raphael Sanzio Pimenta (Medicina e BIONORTE-UFT) e co-orientação da Profa. Dra. Silvana Vero (Universidad de La República – Uruguai). A tese tem o objetivo reduzir o a contaminação por fungos e aumentar o tempo de

¹ Professor Associado, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas, Curso de Medicina, Laboratório de Microbiologia Geral e Aplicada. <pimentars@uft.edu.br>

² Acadêmica do Curso de Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia da região Norte (BIONORTE), Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas, Laboratório de Microbiologia Geral e Aplicada. <Morganna_Ferreira@hotmail.com>

prateleira do morango, visando a obtenção de um produto mais saudável e livre de substâncias tóxicas.

Apresentamos neste ensaio fotográfico algumas imagens que foram obtidas pela equipe de pesquisadores durante as coletas realizadas nas operações Antárticas - OPERANTAR XXXIII e OPERANTAR XXXIV durante os verões de 2014 e 2015.



Figura 1- Navio polar Almirante Maximiliano-H41, responsável pelo apoio logístico e transporte de pesquisadores nas missões Antárticas.



Figura 2 - Realização da coleta da planta *Deschampsia antarctica*.



Figura 3 - Realização de coleta de musgo antártico.



Figura 4- Placa de isolamento de micro-organismos, demonstrando a presença de leveduras em crescimento.



Figura 5- Vista da ilha Half-moon (Antártica)

REFERÊNCIAS

DURAN, M.; ADAY, M.S.; ZORBA, N.N.D.; TEMIZKAN, R.; B"UY"UKCAN, M.B.; CANER, C. **Potential of Antimicrobial Active Packaging** 'Containing Natamycin, Nisin, Pomegranate and Grape Seed Extract in Chitosan Coating' to Extend Shelf Life of Fresh Strawberry, Food and Bioproducts Processing (2016).

DROBY, S.; WISNIEWSKI, M.; TEIXIDÓ, N.; SPADARO, D.; JIJAKLI, M. H. **The science, development, and commercialization of postharvest biocontrol products**. Postharvest Biology and Technology, (2016).

FELIZIANI, E.; ROMANAZZI, G. **Postharvest decay of strawberry fruit: Etiology, epidemiology, and disease management**. Journal of Berry Research, (2016) 47–63p.

SPADARO, D.; DROBY, S. **Development of biocontrol products for postharvest diseases of fruit: The importance of elucidating the mechanisms of action of yeast antagonists**. Trends in Food Science & Technology, (2016) 39-49p. (tradução). 36ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ⁱ Recebido em 08 de Novembro de 2017. Aceito em 16 de Janeiro de 2018.